

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Nº 467 | Ano XV
15/06/2015

ISSN 1981-8769
(impresso)
ISSN 1981-8793
(online)

Linguagem e Interação

Diálogo, identidade e cultura

Joaquim Dolz: *Multilinguismo e diversidade cultural - as identidades em diálogo*

Anna Bentes: *O jogo discursivo enquanto arma nas lutas de classes*

Maria Cecília Pérez de Souza e Silva: *A construção de liberdades e capacidades na interação linguística*

Castor Bartolomé Ruiz:
Do cuidado de si ao deciframento de si

Maria Inês Azambuja:
As mazelas das cidades e as doenças urbanas

Rafael Senra:
Fernando Brant, o menino sentinela das esquinas

Linguagem e Interação. Diálogo, identidade e cultura

Em um mundo complexo e ao mesmo tempo interligado, cuja Torre de Babel contemporânea é construída pelas interações entre os humanos e as tecnologias, um dos desafios é a promoção do diálogo entre as diversas identidades e culturas. Este é o tema em discussão na edição da revista IHU On-Line desta semana em que se realiza, em São Leopoldo, o III Congresso Internacional Linguagem e Interação, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos.

Contribuem para o debate o professor Joaquim Dolz, da Universidade de Genebra - UNIGE, Suíça, que discute o multilinguismo.

Xoán Lagares, professor da Universidade Federal Fluminense - UFF, descreve os principais problemas na formação de políticas linguísticas.

A valorização das línguas consideradas minoritárias é o tema abordado por Tereza Maher, professora Livre-docente do Departamento de Linguística Aplicada e coordenadora do Curso de Letras da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

Também docente no mesmo departamento e universidade, Anna Christina Bentes debate o estudo do popular na linguagem.

Vera Lúcia Paiva, doutora em Linguística e Filologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e coordenadora do projeto de pesquisa Aprendendo com Memórias de Falantes e Aprendizes de Língua Estrangeira - AMFALE, analisa a ampliação de projetos educacionais de aquisição de outros idiomas.

Já Maria do Carmo Oliveira, professora do Departamento de Letras e Supervisora de Graduação na Pontifícia Universidade Católica - Rio, explica como as linguagens no trabalho estabelecem uma nova ordem interacional.

Douglas Maynard, professor e pesquisador do Departamento de Sociologia da Universidade de Wisconsin, Estados Unidos, fala sobre a interação entre médico e paciente.

Os principais aspectos da convergência entre a Linguística Aplicada e a Neurolinguística é o assunto tratado na entrevista com Edwiges Mo-

rato, Livre-docente do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

A interface entre tecnologia e os processos de ensino-aprendizagem é descrita por Rafael Vetromille-Castro, professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras stricto sensu da Universidade Federal de Pelotas - UFPel e professor na área de língua inglesa do Centro de Letras e Comunicação da mesma universidade.

Maria Cecília Pérez de Souza e Silva, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na PUC-SP, fala sobre sua aposta na promoção de um letramento que se fundamenta em uma lógica mais aberta.

Johannes Wagner, professor de Linguagem e Comunicação na Universidade do Sul da Dinamarca, aborda a questão do desafio da aquisição de segunda língua na sociedade multilíngue.

Completam a edição a entrevista com Eli Bartra, professora e pesquisadora da Universidad Autónoma Metropolitana - Xochimilco, México, sob o título Neofeminismo e arte popular na América Latina e o artigo A filosofia como forma de vida (III) - Do cuidado de si ao deciframento de si, de autoria do Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz.

Por sua vez, o artigo de Rafael Senra, autor do livro Dois lados da mesma viagem. A mineiridade e o Clube da Esquina, faz a memória da "travessia" de Fernando Brant, "cuja obra é tão importante para tanta gente".

A IHU On-Line agradece a importante e decisiva contribuição do Prof. Dr. Anderson Bertoldi, professor e pesquisador do PPG em Linguística Aplicada da UNISINOS, na assessoria e parceria na construção e realização desta edição.

A programação completa do III Congresso Internacional Linguagem e Interação, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos, pode ser acessada no link <http://bit.ly/1QyWYEn>

A todas e a todos uma boa leitura e uma ótima semana!

Imagem da capa: Wikimedia Commons

IHU ON-LINE

A IHU On-Line é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Jornalistas

João Vitor Santos - MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Leslie Chaves - MTB 12415/RS
(leslies@unisinos.br)

Márcia Junges - MTB 9.447/RS
(mjunges@unisinos.br)

Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Ricardo Machado - MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Nahiene Machado.



Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128

e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling

Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Sumário

Destaques da Semana

- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- 10 Castor Bartolomé Ruiz: A filosofia como forma de vida (III)
- 17 Rafael Senra: Fernando Brant, o menino sentinela das esquinas
- 20 Eli Bartra: Neofeminismo e arte popular na América Latina

Tema de Capa

- 24 Joaquim Dolz: Multilinguismo e diversidade cultural: as identidades em diálogo
- 28 Xoán Lagares: Políticas linguísticas: formas totalitárias de imposição de regras e interesses
- 33 Tereza Maher: Valorização das línguas indígenas e multiculturalidade no Brasil
- 37 Anna Christina Bentes: O jogo discursivo enquanto arma nas lutas de classes
- 42 Vera Lúcia Paiva: O aprendizado para além dos muros da escola
- 45 Maria do Carmo Oliveira: A linguagem e a racionalização das emoções no mundo do trabalho
- 49 Douglas Maynard: A conversa como remédio
- 52 Edwiges Morato: Interface entre Linguística Aplicada e Neurolinguística: complexificando os estudos acerca da linguagem em doenças neurológicas
- 59 Rafael Vetromille-Castro: O descompasso entre os mundos digital e educacional no ensino de línguas
- 63 Maria Cecília Pérez de Souza e Silva: A construção de liberdades e capacidades na interação linguística
- 68 Johannes Wagner: O desafio da aquisição de segunda língua numa sociedade multilíngue

IHU em Revista

- 72 Agenda de Eventos
- 73 Maria Inês Azambuja: As mazelas das cidades e as doenças urbanas
- 77 Publicações
- 78 Sala de Leitura
- 79 Retrovisor



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

WWW

ihu.unisinos.br



unisinos.br/blogs/ihu



fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos



instagram.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



twitter.com/_ihu

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Destques da Semana

Destques On-Line

Entrevistas publicadas entre os dias 08-06-2015 e 12-06-2015 no sítio do IHU.

Taxação sobre patrimônio e renda. Alternativas ao ajuste fiscal

Entrevista especial com Róber Iturriet Avila, professor da Unisinos e pesquisador da Fundação de Economia e Estatística - FEE

Publicada em 12-06-2015

Disponível em <http://bit.ly/1cQjDoe>

O ajuste fiscal e o aumento de alguns tributos, a exemplo da conta de energia, embora seja “controverso”, é consequência das medidas adotadas pelo governo nos últimos três anos. Para entender o que acontece na economia brasileira hoje, é preciso “fazer uma análise olhando um pouco mais atrás”, pontua Róber Avila em entrevista concedida à IHU On-Line por telefone. Ao que tudo indica, o “ensaio desenvolvimentista” proposto pelos governos Lula e Dilma “ficou para trás, e a bonança passou”. Contudo, os efeitos do baixo crescimento econômico poderiam ser enfrentados de outro modo, caso o Estado brasileiro optasse por tributar a renda, o patrimônio e as grandes fortunas.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Vila Autódromo: desapropriações ocorrem ao largo de processos judiciais

Entrevista especial com Clarissa Pires Naback, graduada e mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio

Publicada em 11-06-2015

Disponível em <http://bit.ly/1GjduvB>

Há um “nó” na situação jurídica da Vila Autódromo, diz Clarissa Pires Naback, ao analisar as remoções que estão sendo feitas na região desde a década de 1990. De acordo com ela, a área onde está situada a Vila é, segundo a Lei Complementar nº 74 de 2005, uma área “destinada para moradia social”. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Clarissa explica que nos anos 1990 a abertura de um processo de regularização fundiária “culminou com a outorga de títulos de concessão real de uso. Além disso, em 2011, a sentença da Ação Civil Pública que o Município movera em 1993 contra a ocupação do terreno foi parcialmente favorável à comunidade, determinando apenas o reassentamento das casas que se localizavam na Faixa Marginal de Proteção Ambiental”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Políticas da Multidão: a luta diária por um mundo melhor e uma vida menos ordinária

Entrevista especial com Adriano Pilatti, doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ, com pós-doutorado em Direito Público Romano pela Universidade de Roma I - La Sapienza

Publicada em 10-06-2015

Disponível em <http://bit.ly/1FPdt03>

“As grandes e mais positivas mudanças são feitas por quem ousa desobedecer. Nosso futuro depende dos desobedientes”, defende Adriano Pilatti em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. A construção permanente da cidadania é o trabalho silencioso e diário da multidão nas metrópoles. “As políticas da multidão são as lutas pela liberação, são as lutas por direitos. Lutas pelo direito de afirmar suas subjetividades, seja no sentido de lutar pelo direito de ser quem se é, seja no sentido de lutar pelo direito de tornar-se outro ou outra”, argumenta. Os desafios de ser livre em um espaço-tempo onde as subjetividades parecem ser absorvidas pela estética capitalista dizem respeito às lutas pelo bem “comum”, ou seja, aqueles bens que não pertencem nem ao Estado nem à iniciativa privada.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Redução da maioria penal? Todos perderemos

Entrevista especial com André Pacheco Teixeira Mendes, doutorando, mestre e bacharel em Direito pela PUC-Rio

Publicada em 09-06-2015

Disponível em <http://bit.ly/1f73gp7>

“Qual dado, número ou estudo demonstra que essa alteração legislativa vai produzir o efeito de redução da violência esperado pela sociedade?”, pergunta André Mendes em entrevista concedida à IHU On-Line por e-mail, ao comentar o Projeto de Lei - PL que propõe a redução da maioria penal. A polêmica PEC 171/1993, que sugere a redução da idade penal de 18 para 16 anos, deverá ser votada na Câmara dos Deputados no final deste mês. Contrário à aprovação do PL, Mendes lembra que, embora a responsabilidade penal inicie aos 18 anos, “a responsabilidade legal de um jovem que comete crime começa aos 12 anos”. A partir dessa idade, explica, jovens infratores são submetidos a medidas socioeducativas e alguns são privados da liberdade.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

As Olimpíadas e as remoções no Rio de Janeiro. Um pacote de imposições draconianas

Entrevista especial com Gerardo Silva, professor adjunto da área de Planejamento e Gestão do Território da Universidade Federal do ABC - UFABC

Publicada em 08-06-2015

Disponível em <http://bit.ly/1lzL3dC>

“A luta da comunidade da Vila Autódromo é a mais emblemática da resistência popular aos megaeventos”, diz Gerardo Silva à IHU On-Line. De acordo com ele, embora as pessoas vivam na Vila há mais de 40 anos, ela “constitui quase uma obsessão para a prefeitura do Rio de Janeiro desde a década de 90”. Segundo Silva, com a realização das Olimpíadas, a pressão aumentou e novas famílias serão removidas. “Marcaram as casas para remoção sem comunicar as pessoas, ofereceram indenizações irrisórias, prometeram moradias ainda por construir, dividiram a comunidade. Alguns decidiram sair, mas outros ainda resistem, com muita determinação e coragem, e com o apoio de diversos setores da sociedade civil”, pontua.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis notícias publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU entre os dias 08-06-2015 e 12-06-2015, relacionadas a assuntos que tiveram repercussão ao longo da semana.

Católicos e evangélicos em cruzada contra a palavra gênero na educação

Grupos religiosos estão em uma cruzada nas câmaras municipais brasileiras para evitar que a palavra "gênero" passe a fazer parte dos planos municipais de educação, o conjunto de metas que as prefeituras terão que adotar pelos próximos dez anos e que estão sendo votadas em vários pontos do país neste ano. Em São Paulo, a pressão surtiu efeito e o termo desapareceu, na última quarta-feira, das 34 páginas que estão sendo discutidas desde 2012.

A pressão repete o que já foi visto no ano passado, durante a discussão do Plano Nacional de Educação, em Brasília, quando o lobby religioso, liderado especialmente pelos deputados evangélicos, também suprimiu a palavra do texto final. É apenas mais um exemplo da mobilização de grupos religiosos para fazer valer suas posições nas discussões relacionadas à inclusão e direitos humanos no Brasil.

Leia mais em <http://bit.ly/1B7Df2Y>

Lares brasileiros já têm mais animais que crianças

"É aconselhado cada vez mais que as famílias de filhos únicos supram a falta de um irmão ou irmã com um animal de estimação que pode se tornar o melhor amigo e confidente", escreve Juan Arias, escritor e jornalista, em artigo publicado pelo jornal El País, 10-06-2015.

Segundo ele, "é positivo que os lares brasileiros, e mais nesses momentos nos quais essa sociedade sofre de medos e desencantos com seus governantes que deveriam oferecer segurança e confiança, estejam povoados com os queridos bichos de estimação em vez de armas e muros eletrificados. Dessas armas e desses muros nunca vai nascer essa "molécula do amor" que vive no coração desses seres que nos ensinam a difícil virtude da fidelidade.

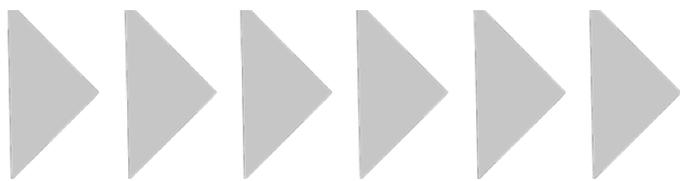
Leia mais em <http://bit.ly/1GBYFYl>

Irmã Dorothy poderia ser a santa padroeira da próxima encíclica do Papa Francisco

Quando a carta encíclica do Papa Francisco sobre o meio ambiente for publicada em 18 de junho, parecerá óbvio para a maioria das pessoas quem é o santo padroeiro do documento: São Francisco de Assis, o grande amante de toda a criação que viveu nos séculos XII e XIII e cujo famoso "Cântico das Criaturas" dá o título ao texto pontifício: 'Laudato Si'.

No entanto, Francisco deixou escapar na quinta-feira (11 de junho) uma pista indireta de que há um outro forte candidato a patrono, alguém muito mais perto no tempo e que ainda não foi declarado santo formalmente: a Irmã Dorothy Stang, missionária americana assassinada no Brasil em 2005 ao defender a floresta amazônica e os direitos dos agricultores pobres.

Leia mais em <http://bit.ly/1JOfL48>



Francisco aprova processo de responsabilização de bispos em casos de abuso sexual

O Papa Francisco aprovou a proposta de um novo sistema de responsabilização para os bispos católicos que não lidarem adequadamente com as denúncias de abuso sexual cometidos pelo clero, naquele que pode ser um avanço importante em uma questão que vem atormentando a Igreja em nível mundial.

Proposto pelo Cardeal Sean O'Malley, de Boston, a pedido de uma comissão pontifícia que trata dos casos de abuso sexual na Igreja, o sistema dá poderes para que a Congregação para a Doutrina da Fé - CDF julgue os bispos "no que diz respeito a crimes de abuso de poder relacionados com abusos de menores". Ele também lança um novo departamento na CDF que estará encarregado de realizar o trabalho de julgar tais bispos.

Leia mais em <http://bit.ly/1JOfONn>

Pressão e protestos de estudantes, deputados e líderes adiam PEC da maioria

Relatório foi lido em sessão tumultuada, que culminou com pessoas feridas e passando mal, mas não foi votado. Eduardo Cunha disse que levará matéria ao plenário dia 30. Parlamentares querem mais tempo.

A pressão dos parlamentares contrários à redução da maioria penal, as articulações do Executivo com o PSDB para apresentação de uma alternativa à proposta e os protestos de estudantes na Câmara dos Deputados, na tarde de hoje (10), levaram a votação do relatório da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 171, que trata do tema, a ser adiada para a próxima quarta-feira (17). A decisão foi tomada pelos integrantes da comissão especial que analisa a PEC depois de um pedido de vista coletivo feito pelos deputados.

Leia mais em <http://bit.ly/1MOB59T>

Discursos e ações pelo clima global se encaixam em uma "bifurcação da realidade"

Muitos elementos levam a pensar que o mundo em breve conseguirá chegar a um acordo sobre o clima. Em uma entrevista recente a vários veículos internacionais da mídia, Laurent Fabius, o ministro francês das Relações Exteriores, afirma acreditar que os países responsáveis por quase 90% das emissões terão submetido suas propostas de redução até a 21ª Conferência das Partes na Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (CQNUMC), ou COP21, que deve ser realizada em dezembro em Paris.

Infelizmente, há fortes indícios de que essas promessas, quaisquer que sejam elas, não serão cumpridas. Ou, pelo menos, que jamais virarão algo que possa ter um efeito avaliável sobre o clima.

Leia mais em <http://bit.ly/1L5adnK>

ARTIGO DA SEMANA

A filosofia como forma de vida (III)

Do cuidado de si ao deciframento de si

Por Castor Bartolomé Ruiz

“O cuidado de si filosófico visava capacitar os sujeitos para governar-se e também saber governar corretamente os outros. As práticas éticas do cuidado de si tinham o objetivo político do governo: governo de si e governo dos outros. As práticas de contraconduta propõem formas de vida como resistências às formas de governo ilegítimas ou indesejadas. As contracondutas se inserem na tradição ética do governo de si como resistência a ser governado ou como proposta de governar-se com um novo estilo de vida”, escreve Castor Ruiz¹.

Castor Bartolomé Ruiz é professor nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos. É graduado em Filosofia pela Universidade de Comillas, na Espanha, mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e doutor em Filosofia pela Universidade de Deusto, Espanha. É pós-doutor pelo Conselho Superior de Investigações Científicas. Escreveu inúmeras obras, entre elas: *Os paradoxos do imaginário* (São Leopoldo: Unisinos, 2003); *Os labirintos do poder. O poder (do) simbólico e os modos de subjetivação* (Porto Alegre: Escritos, 2004) e *As encruzilhadas do humanismo. A subjetividade e alteridade ante os dilemas do poder ético* (Petrópolis: Vozes, 2006).

I

Como destacamos em outros textos anteriores, a filosofia antiga, ao menos desde Sócrates² (século 470-399 a.C.) até Santo Agostinho³ (354-430 d.C.), tinha como objetivo principal ajudar a criar uma forma de vida diferenciada da mera vida animal ou das puras preocupações da subsistência biológica. O escopo principal da filosofia era ajudar a construir um estilo

¹ O professor publicou na edição 461 da **IHU On-Line**, de 23-03-2015, o artigo *A Filosofia como forma de vida*, disponível em <http://bit.ly/1KxRiPj>. Na edição 466, de 01-06-2015, publicou *A Filosofia como forma de vida (II)*, disponível em <http://bit.ly/1JRIym>. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Sócrates** (470 a.C.–399 a.C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das ideias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas. O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (Apologia e Críton). (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Santo Agostinho** (Aurélio Agostinho, 354-430): bispo, escritor, teólogo, filósofo, foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou os conceitos de pecado original e guerra justa. Confira a entrevista concedida por Luiz Astorga à edição 421 da **IHU On-Line**, de 04-06-2013, intitulada *A disputatio de Santo Tomás de Aquino: uma síntese dupla*, disponível em <http://bit.ly/ihuon421>. (Nota da **IHU On-Line**)

de existência através do qual o sujeito pudesse conseguir uma vida *eudaimônica* (feliz).

A possibilidade de criar uma forma de vida além da pura necessidade biológica diferencia o ser humano do resto das espécies animais. Não existe um caminho único nem predefinido para criar uma existência feliz, o modo de existência tem que ser criado e reinventado a cada circunstância, daí que tenham sido propostas diferentes escolas filosóficas com variáveis e divergências. Na diversidade de escolas filosóficas antigas, havia alguns pontos de convergência. Um aspecto comum a todas as escolas era a convicção de que o sujeito humano deveria construir-se a si mesmo enquanto sujeito. A subjetividade era concebida como uma tarefa a ser criada, produzida, modelada pela ação do próprio sujeito sobre si mesmo. Neste ponto, a ação da subjetividade era assimilada à criação estética do artista.

II – Cuidado de si, uma obra de arte

A obra de arte, a diferença da mera cópia, é uma criação aberta a várias possibilidades de ser. A concepção da obra já é sempre uma inovação que o artista deve fazer, mas o grande desafio acontece na

execução da mesma. Criar uma obra de arte é um desafio cujo resultado é imprevisível. De modo similar, o sujeito deve pensar sua forma de vida como uma criação cujo resultado é imprevisível porque não é uma cópia de outros modos de vida. Criar a própria forma de vida era para a filosofia antiga a melhor e maior obra de arte que cada sujeito pode realizar em sua vida. O modo de existência tornava-se uma obra de arte, com todas as implicações da dimensão estética. Na dimensão estética da existência sobressai a vida como uma forma bela de ser, a dimensão criativa de si constitui-se na motivação permanente do agir.

Nesta perspectiva, entende-se melhor porque para os gregos e romanos a estética era tão relevante nas diversas esferas da vida social. Não era só porque gostavam de ornamentar bem as casas ou as cidades. A estética cultivada na pintura, arquitetura, escultura, música, literatura, teatro era um tênuê reflexo daquela que era a principal obra de arte que cada sujeito deveria criar: sua forma de vida.

III – O cuidado de si, uma condição agônica

Como sabemos, esta prática da filosofia para criar uma forma de vida tinha uma denominação específica na filosofia antiga, o *epiméleia heautoû* (cuidado de si). Cada escola filosófica tinha conhecimentos (*melhete*), como as concepções metafísicas, cosmológicas, lógicas, éticas e políticas, também propunham exercícios (*askese*) diferentes através dos quais pretendiam conseguir uma forma de vida diferenciada. Porém, todas elas enfatizavam que o objetivo do *epiméleia heautoû* era ajudar o sujeito a adquirir as diversas virtudes (*arete*) essenciais para criar essa forma de vida. A virtude era concebida como uma habilidade boa, diferente do vício que era um hábito mau, através da qual o sujeito conseguiria ir dando forma a sua vida. A virtude já era um trabalho de si sobre si, através da virtude modelava em si mesmo seus sentimentos, emoções, representações, para conseguir obter o tipo de atitudes e hábitos que desejava para o estilo de existência a ser atingido.

Entre as virtudes, destacava-se o domínio de si (*enkrateia*). Os exercícios (*askeses*) propostos por cada escola filosófica eram diferentes, porém a maioria caracterizava-se pelo rigor de si, a exigência de si. Muitos deles impunham uma austeridade de vida extrema, caso dos cínicos e estoicos, outros exigiam um alto rigorismo em determinadas práticas de vidas. Ainda outros demandavam uma severidade no modo de comportar-se em determinadas circunstâncias. Em geral, todos os exercícios do *epiméleia heautoû* eram rigorosos do sujeito para consigo mesmo e exigiam uma severidade de vida, às vezes extrema, de tal modo que o sujeito era levado a manter uma permanente atitude *agônica* de existência.

O *agôn* (luta, combate) era a marca do *epiméleia heautoû*. O sujeito que entrava neste caminho da fi-

losofia como forma de vida sabia que o empenho por construir um estilo de existência não tinha um ponto final onde poderia parar, nem um paraíso vital onde poderia sentar-se para, simplesmente, desfrutar dessa existência. A filosofia como forma de vida propunha que a felicidade almejada era sempre uma conquista a ser feita, uma luta permanente por manter o patamar de excelência (virtude) que alguém poderia atingir no seu modo de vida. Optar por uma forma de vida significava adentrar-se numa condição agônica da existência. A vida filosófica não se limita a sobreviver biologicamente ou se conforma com suprir as meras necessidades primárias; essa vida deverá criar uma forma de existência própria ciente de que haverá de optar por uma condição agônica. Isso significa que, na forma de vida, o sujeito é impulsionado a uma tensão permanente de si para consigo, uma espécie de vigilância de si e de aprimoramento de si permanente. Da mesma forma que o atleta para manter seu condicionamento físico aprimorado é obrigado a praticar permanentemente os exercícios, a opção por uma forma de vida bela exige a condição agônica de praticar permanentemente as virtudes essenciais para essa forma de vida. A beleza estética da forma de vida exige a condição agônica da prática da virtude. Ética e estética estão conexas nesta forma de vida, porém ambas encontram-se perpassadas pela tensão agônica.

IV – O cuidado de si e *askese*

Um terceiro aspecto comum às diversas escolas filosóficas no *epiméleia heautoû* encontra-se no objetivo principal da forma de vida filosófica, que se identifica com a liberdade. O rigor das *askeses*, a exigência das práticas de si, a severidade no estilo de existência tinha por objetivo possibilitar que o sujeito aprendesse a ser livre. A liberdade era entendida como o resultado final das práticas de si. Ninguém nascia sabendo ser livre, nem se concebia a liberdade como algo formal que todos temos ao nascer por direito - como é concebido nas sociedades modernas -, a liberdade era o resultado a conseguir na forma de vida. Ser livre significava não ser dominado pelos impulsos da natureza (vícios), nem pela influência dos outros (sociedade). Ser livre era o resultado da virtude do *domínio de si* (*enkrateia*) que habilitava o sujeito para conseguir o governo de si.

V – A filosofia e a verdade

Michel Foucault⁴ que pesquisou, entre outros, a filosofia como forma de vida na filosofia antiga, assinala

4 **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon203>; edição 364, de 06-06-2011, intitulada *'História da loucura' e o discurso racional em debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon364>; edição 343, *O (des)governo*

que para melhor compreender desde a modernidade este debate da filosofia como forma de vida seria pertinente fazer uma distinção entre os tipos de verdade que operam nestas práticas. A modernidade priorizou um tipo de verdade objetiva, científico-tecnológica cujo estatuto de verdade independe da vida do sujeito e também não afeta, em princípio, o modo de vida do sujeito. Essa verdade objetiva e externa é a verdade que hoje se venera como a única verdade e denominamos de científica.

Porém, há outras formas de a verdade ser além desta verdade objetiva ou científica. Na filosofia como forma de vida coloca-se em jogo outra forma de verdade que afeta o sujeito na sua forma de ser e vice-versa, o modo de ser do sujeito está implicado no tipo de verdade que vive. A verdade da filosofia como forma de vida é uma verdade que se torna verdadeira na medida em que o sujeito a assume como tal para si no seu modo de viver. Ao aceitar uma verdade, um valor, uma convicção, uma crença como verdadeira para o sujeito, essa verdade se implica no modo de ser do sujeito a tal ponto que ela modifica sua vida na medida em que o sujeito tenta viver segundo essa verdade. É uma verdade cuja veracidade se comprova no modo como ela é vivida. São verdades éticas, que correspondem à ética como forma de vida tal e como era entendida na filosofia antiga. Nesta relação do sujeito com a verdade, há uma imbricação entre ambos ao extremo do sujeito constituir-se como tal através das verdades que pratica criando sua forma de vida, e a verdade adquire o estatuto de verdadeira na medida em que ela é efetivamente praticada como uma forma de vida. Uma verdade que é dita mas não é praticada se torna um conceito formal, vazio de sentido e por isso sua condição de verdade fica fragilizada, ao extremo de ela não ser uma verdade efetiva na vida do sujeito.

A ética na filosofia antiga era concebida como uma prática das verdades e não como um tratado de verdades. A esta relação que implica a verdade com a prática de vida do sujeito Foucault denominou de *verificação*. Este neologismo mostra um tipo de verdade que existe na relação com os sujeitos, verdades que são vividas como verdadeiras pelos sujeitos, e sem essa vivência seu estatuto de verdade perde consistência porque se torna uma verdade formal e vazia. As práticas de verificação seriam aquelas em que o sujeito vive as verdades e as verdades constituem o modo de ser do sujeito. Neste caso, a forma de vida se constitui através das práticas de verificação, em que as verdades filosóficas, éticas, são encarnadas pelos sujeitos num modo de existência. Ainda cabe destacar, mais uma vez, que para a filosofia antiga o resto das verdades (metafísicas, cosmológicas, físicas, lógicas, etc.) existiam em função das práticas de verificação ou da constituição ética de uma forma de vida. Para a filosofia

biopolítico da vida humana, de 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon343>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em formação**, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, Michel Foucault. (Nota da **IHU On-Line**)

antiga a verdade mais importante não era a científica ou a lógica, senão a verdade ética que se tornava uma forma de vida.

VI

Foucault propõe que se decidimos manter esta distinção entre as formas de verdade, haveria que denominar os conhecimentos das verdades objetivas de ciência ou, talvez, filosofia moderna. Enquanto a prática da verdade como forma de vida, a verdade como verificação seria uma espiritualidade. Neste caso, a filosofia como forma de vida seria uma forma de espiritualidade cujo estatuto de verdade não é inferior à verdade científica, como prega a modernidade. A espiritualidade seria uma responsabilidade da filosofia, uma vez que a ética exige as práticas de verificação através das quais se constitui a verdade numa forma de vida.

VII

As escolas filosóficas antigas estavam convictas que a verdade filosófica era uma forma de verificação, uma forma de vida. Por isso, quando alguém entrava numa escola filosófica mudava de vida, optava por criar um estilo de existência e ser tornava discípulo. A filosofia moderna entende que a verdade é objetiva e científica e ensina a verdade como conhecimento e não como verificação ou forma de vida. Por isso, modernamente se aprende filosofia e não se vive filosoficamente. Alguém que se matricula num curso se torna aluno de filosofia e não discípulo de uma forma de vida. Talvez por isso a filosofia moderna cada vez mais está colonizada pelas verdades objetivas como única forma de verdade.

VIII – O cuidado de si e o cristianismo

A questão a respeito de como e quando a filosofia deixou de ter por escopo principal a criação de uma forma de vida, é complexa. Foucault entende que foi na transição moderna para uma racionalidade objetiva e instrumental que operou definitivamente esta ruptura, o que ele denominou de “momento cartesiano”. Embora, segundo Foucault, a ruptura já ocorreu gradualmente com o predomínio da cultura cristã no ocidente. Hadot⁵ por sua vez sustenta que foi na hegemonia da teologia cristã sobre a filosofia que esta

5 Pierre Hadot: filósofo francês, é um dos coautores do livro *Dicionário de ética e Filosofia Moral*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. Suas pesquisas concentraram-se primeiramente nas relações entre helenismo e cristianismo, em seguida, na mística neoplatônica e na filosofia da época helenística. Elas se orientam atualmente para uma descrição geral do fenômeno espiritual que a filosofia representa. Em português pode ser lido o livro de sua autoria *O que é a filosofia antiga?* (São Paulo: Loyola, 1999). Para uma resenha da obra confira a revista Síntese 75 (1996), p. 547-551. A resenha do original francês é de Henrique C. de Lima Vaz. Por sua vez, em português foi publicado, em novembro de 2014, o seu **livro Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**, por É Realizações Editora. (Nota da **IHU On-Line**)

cedeu para aquela a tarefa de construir uma forma de vida, ficando para a filosofia a especulação racional dos conceitos. Cabe então perguntar-se qual a relação entre o cristianismo e a filosofia como forma de vida? Como ocorreu essa relação?

O cristianismo, como toda religião, produz um discurso cujas verdades criam uma forma de vida. Qualquer religião tem por objetivo criar formas de vida acordes com as convicções e valores nela propostos. No caso do cristianismo, talvez sejam relevantes alguns esclarecimentos que por óbvio às vezes não se levam em conta. Na origem do cristianismo, ou seja, na pregação e vida de Jesus e seus discípulos, assim como nas primeiras décadas das primeiras comunidades cristãs, existia pouca influência da filosofia grega ou, se quisermos, uma influência muito diluída que se aprecia mais no chamado quarto evangelho, ou evangelho de João, e nos escritos de São Paulo. Nos escritos do Novo Testamento prevalece a matriz semita e a tradição bíblica das sinagogas.

Os ensinamentos, discursos e verdades contidos nos Evangelhos e no conjunto dos livros bíblicos se desenvolveram na matriz da cultura oriental semita, com maior influência da cultura persa, egípcia e babilônica, entre outras, e difusa influência da cultura grega nos denominados escritos sapienciais. Dado que a expansão das comunidades cristãs aconteceu em sua maioria pelas cidades do império romano, onde predominava a cultura grega, a filosofia foi penetrando na elaboração teológica do discurso cristão por influência cultural natural. Muitos cristãos gregos tinham se formado nas escolas filosóficas antes de serem cristãos. Já no século II e principalmente a partir do século III encontramos a teologia cristã permeada pelas categorias das escolas filosóficas, ao extremo de que muitos filósofos se tornaram cristãos por perceberem no cristianismo uma culminação da própria filosofia.

De fato, quase todos os chamados Padres da Igreja, como Clemente de Alexandria⁶ (185-254), Tertuliano de Cartago⁷ (160-220), Orígenes de Alexandria⁸ (185-

224), Hipólito de Roma⁹ (170-236), Ireneu de Lyon¹⁰ (século II-202), Agostinho de Hipona¹¹ (354-430), etc. foram filósofos ou formados em escolas filosóficas. Ao construírem o discurso teológico cristão verteram nele os problemas e as categorias filosóficas das escolas e modelaram o estilo de vida das nascentes instituições cristãs a partir da forma de vida dessas escolas filosóficas. Como resultado dessa simbiose, encontramos, a partir do século III, um cristianismo perpassado, cada vez mais, pela filosofia greco-romana.

IX

Contudo, não foram os teólogos cristãos os primeiros a cruzar a filosofia com a teologia bíblica nem com a ética do cuidado de si. Entre os antecedentes pré-cristãos há que mencionar o filósofo Filon de Alexandria¹² (20 a.C. a 50 d.C.), que criou uma escola filosófica em Alexandria direcionada a ensinar o *epiméleia heautoû*, que ele denominou de escola dos *Terapeutas*. Nesse momento histórico, Alexandria era a cidade cultural e comercial mais importante do mediterrâneo, inclusive mais influente que Roma, lembremo-nos da famosa biblioteca de Alexandria. Filon era judeu e na escola filosófica seguiu, predominantemente, os princípios neoplatônicos com influências estoicas e cínicas. Em suas obras, Filon tentou, por exemplo, uma releitura do Deus bíblico como forma de vida, para tanto ensinava a prática do *epiméleia heautoû* como cura da alma. Na sua escola se praticava a filosofia como “terapia de vida” e os que a frequentavam se autodenominavam *terapeutas*. Eles praticavam a *therapeutiké*, assim como os médicos a *iatrike*. Uma obra de Filon que teve grande influência na época e posteriormente foi *De vita contemplativa*.

foi um prolífico escritor cristão, de grande erudição, ligado à Escola Catequética de Alexandria. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Hipólito de Roma** (160-235 d.C.): grande teólogo romano, presbítero e defensor extremado da fé católica. Fez oposição acirrada ao papa Zeferino, que na sua opinião não estava suficientemente preparado para detectar e denunciar as heresias que atentavam contra a Igreja de Roma. Hoje é venerado como santo. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Ireneu de Lyon**, ou Ireneu de Lião (130-202 d.C.): padre da igreja, teólogo e escritor cristão, é considerado santo pelas igrejas Católica Romana e Ortodoxa. Seu dia é comemorado, pela primeira, em 28 de junho, e pela segunda em 23 de agosto. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Santo Agostinho** (Aurélio Agostinho, 354-430): bispo, escritor, teólogo, filósofo foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou os conceitos de pecado original e guerra justa. Confira a entrevista concedida por Luiz Astorga à edição 421 da IHU On-Line, de 04-06-2013, intitulada *A disputatio de Santo Tomás de Aquino: uma síntese dupla*, disponível em <http://bit.ly/ihuon421>. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Filon de Alexandria**: filósofo judeu-helenista que viveu durante o período do helenismo. Tentou uma interpretação do Antigo Testamento à luz das categorias elaboradas pela filosofia grega e da alegoria. Foi autor de numerosas obras filosóficas e históricas, onde expôs a sua visão platônica do judaísmo. Surge como o primeiro pensador a tentar conciliar o conteúdo bíblico à tradição filosófica ocidental. Neste sentido, é mais conhecido por sua doutrina do logos, sobre a qual ainda se encontram à espera de solução inúmeras controvérsias. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Clemente de Alexandria** (ou Tito Flávio Clemente): escritor, teólogo, apologista cristão grego nascido em Atenas. Pesquisou as lendas menos compatíveis com os valores cristãos. Sua abertura a fontes familiares aos não cristãos ajudou a tornar o cristianismo mais aceitável para muitos deles. Clemente foi um erudito numa época em que os cristãos eram geralmente pouco letrados e abertamente hostis a intelectuais. Não obstante, foi capaz de construir argumentos lógicos convincentes, baseados nas escrituras e na filosofia, a favor do cristianismo e contra os gnósticos de Valentim, que, baseados em Alexandria – o mais importante centro de atividade intelectual da época – estavam em plena expansão. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Tertuliano**: foi um prolífico autor das primeiras fases do Cristianismo, nascido em Cartago na província romana da África. Foi o primeiro autor cristão a produzir uma obra literária (corpus) em latim. Ele também foi um notável apologista cristão e um polemista contra a heresia. Embora conservador, organizou e avançou a nova teologia da Igreja antiga. Ele é talvez mais famoso por ser o autor mais antigo cuja obra sobreviveu a utilizar o termo “Trindade” (em latim: Trinitas). (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Orígenes de Alexandria** ou Orígenes, o Cristão (185-253): foi um teólogo, filósofo neoplatônico patrístico e é um dos Padres gregos. Um dos mais distintos pupilos de Amônio de Alexandria, Orígenes

Um exemplo ilustrativo dos processos de transferência das técnicas filosóficas do cuidado de si para as técnicas da espiritualidade cristã encontra-se no paralelismo quase literal que existe entre a obra de Filon de Alexandria, *De fuga et inventione* (Sobre a fuga e o achado) e a obra de Ambrósio¹³ (340-397) intitulada *De fuga saeculi* (Sobre a fuga do mundo secular). Filon analisa a noção de *fuga* em um midrash judaico de Nm 35, 11-4 com categorias filosóficas. A *fuga* de Jacó o conduz a uma atividade ascética e à procura de refúgio ou exílio. Filon enumera cinco tipos de cidades-exílio que coincidem com seis potências divinas. O *logos* ou palavra divina é a primeira cidade ou metrópole da qual derivam as outras. Ambrósio escreveu sua obra *De fuga saeculi* sem esconder que era uma espécie de plágio da obra de Filon, desde o título até a divisão da obra. Ambrósio apresenta os princípios do ascetismo cristão como *fuga* do mundo e na enumeração dessa *fuga* retoma literalmente os passos de Filon adaptando-os à teologia cristã. O tema da *fuga* constituir-se-á num dos elementos discursivos centrais do monacato cristão e sua ascética ou forma de vida.

É conveniente lembrar e ressaltar a importância de Ambrósio na consolidação do discurso cristão do século IV. Foi formado nas escolas filosóficas de Roma, estudando literatura, direito e retórica. Conhecia muito bem o grego, o que lhe permitiu ler e traduzir para o latim as obras de vários filósofos, entre eles as de Filon de Alexandria. Antes de ser cristão, e seguindo a tradição da família nobre romana a que pertencia, ocupou vários cargos políticos muito relevantes no império romano (prefeito consular e governador da Ligúria) o que lhe deu grande conhecimento e influência da corte imperial. Não era sequer cristão quando numa assembleia da Igreja de Milão, capital na época da Ligúria¹⁴, foi aclamado para que se tornasse bispo. Sua eloquência e influência discursiva ficou registrada na época em muitas anedotas, entre elas aquela que Agostinho de Hipona, que era um filósofo neoplatônico com grandes influências *maniqueas*, ao escutá-lo falar na Igreja de Milão decidiu tornar-se cristão.

X

O processo de imbricação da filosofia na teologia cristã a partir do século III provocou algumas influên-

13 **Aurélio Ambrósio**: mais conhecido como Ambrósio, foi arcebispo de Mediolano (moderna Milão) que se tornou um dos mais influentes membros do clero no século IV. Ele era prefeito consular da Ligúria e Emília, cuja capital era Mediolano, antes de tornar-se bispo da cidade por aclamação popular em 374. Ambrósio era um fervoroso adversário do arianismo. Tradicionalmente atribui-se a Ambrósio a promoção do canto antifonal, um estilo no qual um lado do coro responde de forma alternada ao canto do outro, e também a composição do *Veni redemptor gentium*, um hino natalino. É um dos quatro doutores da Igreja originais e é notável por sua influência sobre o pensamento de Santo Agostinho. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Ligúria**: região do noroeste da Itália com 1,7 milhão de habitantes e 5 410 km², cuja capital é Gênova. Tem limites ao sul com o mar Ligure a oeste com a França, a norte com o Piemonte e com a Emília-Romanha, e a leste com a Toscana. É uma região de grande apelo turístico pelas suas belezas naturais. (Nota da **IHU On-Line**)

cias e rupturas significativas nas práticas filosóficas do *epiméleia heautoû*. Inicialmente percebe-se como a grande maioria das *askeses* praticadas pelas escolas filosóficas foi assumida por muitos grupos cristãos, em especial pelo monacato e posteriormente passaram a ser parte da formação do clero e da vida religiosa. A espiritualidade cristã adotou muitas das técnicas utilizadas pelas escolas filosóficas, entre elas os exercícios espirituais, a *meditatio*, o retiro, o aconselhamento, a austeridade de vida, o controle de si, a direção de consciência, etc.

Embora houvesse uma grande influência da filosofia como forma de vida, especificamente do *epiméleia heautoû*, na espiritualidade cristã posterior ao século III, também houve rupturas significativas. Paradoxalmente estas rupturas vieram provocadas pelo dualismo antropológico e cosmológico que se consolidou na teologia cristã destes séculos. As influências platônicas, gnósticas e até maniqueístas sedimentaram uma visão dual do ser humano com uma alma presa no corpo e o espírito contraposto ao mundo. O dualismo antropológico e cosmológico herdado do platonismo, do gnosticismo, do maniqueísmo se contaminou com uma determinada noção de pecado e tornou o corpo, o mundo e a matéria algo negativo e fonte de tentação.

Uma antropologia e cosmologia dualistas originaram uma teologia cristã bipolar. A visão dualista foi crescendo no cristianismo até tornar-se hegemônica no século V. Ela se consolidará e ampliará ao longo da chamada Idade Média com as influências das culturas dos povos germânicos que suplantaram o império romano. Estes povos apagaram o conceito de cidadania grego e de república romana, anulando o sentido da liberdade desenvolvido nestes contextos. No seu lugar, impuseram uma forma de sociedade estamental na qual o valor principal era a obediência e seu modelo de subjetivação era o súdito. Lembrando que a queda de Roma ocorreu em 476 d.C., perceberemos a influência histórica subsequente da cultura dos povos germânicos no cristianismo já romanizado. Um exemplo dessa influência encontra-se no paralelismo do sentido da obediência na *lex Visigothorum* (lei dos visigodos) e o modo como a obediência é exaltada nos escritos cristãos da época.

Se não partimos do princípio de que toda religião é intrinsecamente negativa ou que perverte a condição humana, como sustentam várias posições filosóficas contemporâneas, a análise crítica de qualquer prática religiosa deverá contextualizar-se no tempo e no espaço de determinadas práticas e discursos e no momento histórico que acontecem, sob pena de cairmos num juízo universal genérico dessa religião. O cristianismo, como todas as práticas religiosas (Islamismo, Espiritismo, Budismo, Judaísmo, Animismo) é um fenômeno complexo e plural cuja compreensão crítica, na perspectiva filosófica, deve levar em conta suas práticas concretas nos tempos e espaços que

acontecem. Não caberia fazer um julgamento generalizado do cristianismo, ou de qualquer outra religião, a partir de uma determinada prática e época, por muito que tenha sido hegemônica durante séculos. A rigor, qualquer religião se modifica no tempo e nos contextos históricos, o que nos impede de formular um juízo totalizante.

No caso que nos ocupa, encontramos uma pluralidade de práticas cristãs, às vezes divergentes e contrárias entre si, que se confrontam abertamente dentro do mesmo marco eclesial do denominado cristianismo. Essas práticas diferentes podem ser minoritárias, mas não por isso estão destituídas de verdades significativas; elas podem acontecer nas periferias ou no centro do próprio espaço eclesial, mas suas verdades têm ecos diferentes nos seus contextos históricos e devem ser analisadas pelos efeitos produzidos nos sujeitos e sociedades.

XI – O deciframento de si

No marco deste discurso dualista e das novas influências culturais posteriores ao século III d.C., a prática filosófica do *epiméleia heautoû* sofreu uma ruptura provocada por uma determinada teologia cristã, produzindo o que Foucault denominou a prática do *deciframento de si*. O objetivo inicial da *epiméleia heautoû* era conseguir o domínio de si para atingir uma liberdade de si, porém a ruptura provocada pelo cristianismo medieval introduziu a suspeita como método através do qual o sujeito tinha que lidar consigo mesmo. Numa visão dualista, o problema do cuidado de si se transfere para o *deciframento* dos desejos. O sujeito deve decifrar se aquilo que deseja como forma de vida é de Deus ou do diabo, é uma graça ou uma tentação.

No contexto de uma antropologia dualista as práticas de si são deslocadas para aprender a decifrar os desejos interiores do sujeito, procurando sua natureza íntima, sua bondade ou maldade intrínseca. Por exemplo, nos exercícios da meditação estoica se ensinava a compreender o valor das representações para, relativizando-as em seus significados, perceber a banalidade das coisas que nos afetam. Com isso se almejava atingir um grau de autonomia do sujeito frente aos acontecimentos que o atingiam. Já nos exercícios propostos, por exemplo, pelo monge Cassiano (360-435, fundador do monacato na Europa ocidental)¹⁵, desloca-se o problema do conteúdo das representações para a sua origem na psique. Cassiano inclusive utiliza nas suas reflexões metáforas comuns ao estoicismo recomendando estar sempre vigilantes sobre as imagens que se nos oferecem às representações para decidirmos quais devem ficar dentro de nós

¹⁵ **João Cassiano** (monge Cassiano): teólogo cristão, do período patrístico, monge de Marselha na atual França. Foi o principal teólogo da controvérsia semipelagiana e fundador do monasticismo ocidental. Reconhecido como um monge crítico e um dos padres do deserto. (Nota da **IHU On-Line**)

e o que devemos fazer com elas e por elas. Utiliza a metáfora do cambista que examina as moedas que lhe trazem e aceita ou não trocar por outras em função da qualidade, de igual forma deveremos fazer com as representações que nos invadem.

Cassiano não está preocupado com analisar a natureza da representação, como faziam os estoicos, o intuito da meditação que propõe é *decifrar* o grau de pureza da própria representação, colocando sob suspeita ao sujeito que tem as representações. Por que tem essas representações? De onde vêm? Quem as provoca? Vêm de Deus ou do demônio?

Na antropologia dualista, o sujeito não mais se pertence no domínio de sua natureza, agora a sua natureza está decaída, contaminada e pecaminosa. Sua vontade é também uma vontade caída, enfraquecida pelas tentações da matéria, do mundo e o corpo. A condição de natureza decaída introduz a desconfiança de si, que se torna o primeiro princípio através do qual se desloca as práticas do cuidado de si para um *deciframento* da natureza de si.

O discurso dualista, hegemônico no cristianismo medieval, utiliza as mesmas técnicas das práticas do cuidado de si, porém com desvios importantes. No *epiméleia heautoû* greco-romana as *askeses* têm por objetivo que o sujeito adquira o domínio de si (*enkrateia*) como meio para fortalecer a sua vontade e capacidade de ser livre; isso será possível através do domínio dos impulsos viciosos da natureza ou as influências negativas da sociedade. O deslocamento de sentido das técnicas do cuidado de si provocou uma outra ruptura. O *deciframento* de si não tem por objetivo um domínio de si para propiciar a autonomia do sujeito, ele persegue a repressão daquela parte decaída e má da natureza humana que existe dentro de nós que a considera intrinsecamente corrompida. O domínio é transformado em repressão dos instintos em negação dos desejos da natureza que forem considerados impuros ou constitutivamente maus.

O *deciframento* de si estimula uma repressão em grande escala de todos os elementos da natureza humana contaminados pelo pecado original ou pervertidos em si mesmos. A caracterização da natureza decaída identificou alguns elementos centrais dessa perversão natural, entre eles, o corpo, a sexualidade, a noção de prazer, o mundo em sua totalidade. De alguma forma, tudo o que tinha uma conotação material era percebido pelo viés neoplatônico de forma inferior que, além disso, se tornaram teologicamente impuros. Neste deslocamento vemos se mesclarem os vícios clássicos (ira, inveja, cobiça, luxúria, ambição, etc.) com a noção de natureza decaída. Na encruzilhada dessa natureza pervertida encontra-se um sujeito que não mais se pertence enquanto sujeito, encontrando-se radicalmente fragilizado pelo pecado e à mercê de forças externas que podem lhe dominar.

XII

O sujeito vê-se confrontado com o *deciframento* de si como única alternativa para entender a origem dos seus desejos numa natureza que está radicalmente decaída e por isso facilmente pode lhe levar ao engano de si. Outra ruptura que o *deciframento* de si provocou foi na relação do discípulo com o mestre. Antes, na *epiméleia heautoû* filosófica, o aconselhamento do mestre visava ao amadurecimento como autonomia do discípulo, no *deciframento* de si o discípulo estará perenemente sujeito a um mestre que lhe deverá dizer o que é verdadeiro e o que está errado. O aconselhamento transforma-se na direção da conduta dos outros.

XIII

No *deciframento* de si o discípulo se torna dependente do mestre. Nesta relação opera-se uma outra ruptura, já que no *epiméleia heautoû* filosófico almejava-se a liberdade, enquanto no *deciframento* de si aspira-se à obediência. A obediência se tornará a grande virtude do *deciframento* de si. As *askeses* que antes contribuíam para criar um domínio de si livre, agora produzem uma obediência firme. A obediência será mais virtuosa quanto mais cega e submissa se mostre. A obediência será a virtude que evitará que o discípulo caia no erro da tentação. Obedecendo sempre ao mestre e ao superior, àquele que sabe mais, há uma garantia maior de que a alma não será enganada pelo tentador nem induzida pela tentação.

XIV

O *deciframento* de si operou uma quinta ruptura ao modificar substancialmente o modelo de subjetivação. As *askeses* filosóficas eram tão rigorosas quanto poderiam ser as práticas do cristianismo medieval, porém aquelas visavam à liberdade do sujeito ajudando-o a construir uma vida feliz (*eudaimonia*), enquanto estas reforçavam o espírito de obediência e submissão na passagem deste mundo que não tem sentido em si mesmo. A prática do *epiméleia heautoû* visava à criação da subjetividade do cidadão, um cidadão que na fase socrática definia livremente o destino da pólis e na fase helenística era cosmopolita e republicano. O *deciframento* de si, ao incentivar a prática da obediência submissa, produz como modelo de subjetivação o súdito. O ideal de subjetivação no *deciframento* de si é a submissão irrestrita, nela o sujeito se torna virtuoso ao anular sua vontade de decidir, e decidir segundo a vontade de seu superior ou mestre. Este modelo de subjetivação constituiu a base social da servidão consentida durante toda Idade Média.

A submissão obediente ou a obediência submissa se tornará a grande virtude social até o pensamento crítico moderno. A obediência foi o valor ideológico por excelência do modelo *estamental* de poder na

Idade Média e nos Estados aristocráticos. Seria muita presunção atribuir ao cristianismo o poder exclusivo de modelar estas formas de poder, já que existem outros fatores. Encontramos uma imbricação interessante de ambas as práticas - a religião cristã, o modelo estamental da soberania -, que propicia uma densificação da obediência como valor social e uma legitimação do paradigma do súdito como ideal de vida.

XV – As contracondutas como formas de vida

Há que destacar que houve outras práticas de resistência em ambos os espaços, social e eclesial. Ao longo dos séculos surgiram diversos movimentos de contestação social e de renovação religiosa. Estas resistências aconteceram nos diversos períodos e em vários âmbitos. Foucault denominou a estes movimentos de “contracondutas”, porque todos eles tinham em comum a resistência a serem conduzidos de modo servil, opunham resistência ao modelo de subjetivação do súdito e questionavam a preeminência da obediência submissa.

Há uma estreita relação entre *epiméleia heautoû* e a prática do governo. O cuidado de si filosófico visava capacitar os sujeitos para governar-se e também saber governar corretamente os outros. As práticas éticas do cuidado de si tinham o objetivo político do governo: governo de si e governo dos outros. As práticas de contraconduta propõem formas de vida como resistências às formas de governo ilegítimas ou indesejadas. As contracondutas se inserem na tradição ética do governo de si como resistência a ser governado ou como proposta de governar-se com um novo estilo de vida.

Foram muitos os movimentos de contraconduta que ocorreram ao longo dos séculos do cristianismo medieval, entre eles tiveram um destaque histórico os movimentos dos séculos XII e XIII, que combinaram a insurgência social contra as condições de extrema miséria com a renovação teológica de novas formas de vida cristã. O franciscanismo é um exemplo paradigmático de movimento de contraconduta que, no século XIII, propõe a criação de uma forma de vida própria que, renunciando a toda propriedade, estabelece-se uma relação de *uso* com as coisas; com isso, diferenciava-se do modelo aristocrático estamental da sociedade e confrontava-se com a hierarquia enriquecida da Igreja.

A filosofia como forma de vida sofreu rupturas significativas na sua inserção no modelo do cristianismo medieval. Ela continuou a existir, predominantemente, numa prática do *deciframento de si*. Embora o *deciframento de si* fosse uma prática dominante nas instituições cristãs deste período, não era a única prática herdeira da tradição filosófica do cuidado de si, as práticas de contraconduta são um exemplo disso. ■

ARTIGO DA SEMANA

Fernando Brant, o menino sentinela das esquinas

Por Rafael Senra

“**S**e Fernando Brant era um alquimista da pedra filosofal da mineiridade, ele encontraria nos vestígios moleculares dessa rocha algumas verdades fundamentais. Ali, ele pôde ler que um amigo é coisa para se guardar debaixo de sete chaves. Ou que o medo de amar é o medo de ser livre”, escreve Rafael Senra, recordando “a “travessia” final desse ser humano cuja obra é tão importante para tanta gente”.

Rafael Senra é autor do livro *Dois lados da mesma viagem*. A mineiridade e o Clube da Esquina, publicado pela Editora Bartlebee. O livro é baseado na sua dissertação de mestrado, onde discute a influência das tradições mineiras nas canções de Milton Nascimento e do Clube da Esquina.

Eis o artigo.

*“Morte vela sentinela sou /
do corpo desse meu irmão que já se vai /
Revejo nessa hora tudo que ocorreu /
memória não morrerá”.*

Diante da perda de Fernando Brant, autor de algumas das mais emblemáticas canções do Clube da Esquina, me vem à mente uma de suas mais belas letras, “Sentinela”, e que uso aqui como metáfora para pensar a relevância e a perenidade do que ele e sua obra significam para a música popular brasileira.

“Sentinela” foi talvez a primeira letra em todo o lastro de canções do Clube a assumir um viés memorialista. De acordo com Brant:

“Sentinela” foi uma viagem imaginária, onde aproveitei uma referência pessoal para falar também da realidade política brasileira daquele momento, final dos anos 1960. A letra é um pouco anterior ao AI-5. Em princípio, eu tinha falado com o Bituca que iria fazer uma homenagem ao Seu Francisco, que servia café lá no Juizado de Menores, onde eu trabalhava. Para mim o Seu Francisco era um tipo de pessoa que significava um monte de coisas, um sábio. Era um cara do povo que estava vivo e forte, mas imaginei a história dele mais para frente, o dia de sua morte, o velório, e o que aquilo representava para mim. (...) Mas por isso mesmo, por ele ser esse irmão querido, eu tinha que continuar, ser fiel à memória dele (BRANT. Apud: VILARRA, 2006, p.67).

Ainda no início do Clube da Esquina, um jovem Fernando Brant já se atentou para o fato de que a memória não é apenas algo estanque, cristalizada em livros de história e bustos de generais. Um dos mais fecundos legados da memória da humanidade está na oralidade, nas histórias passadas de geração em geração oralmente. Tanto é que mesmo culturas que não se amparam tanto na escrita quanto outras culturas ditas “civilizadas” tem também seu lastro de memória.

Um narrador de esquinas

Dentro do Clube da Esquina, acredito que as letras de Brant foram as que mais se propuseram ao dever de erigir mitos e documentos de seu universo (Minas Gerais). Ele acabou por encarnar o mesmo arquétipo de “narrador” que enxergara em Seu Francisco, personagem principal de “Sentinela”.

Através do suporte da letra de canção popular, Brant se propôs a legar para as futuras gerações uma série de dados culturais de Minas Gerais que não poderiam se perder no tempo.

Essa figura do narrador foi muito bem descrita por Walter Benjamin, em seu ensaio *Experiência e Pobreza*:

“Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes com narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?” (BENJAMIN, 1993, p.114).

Documentos poéticos

Em 2008, quando entrei no mestrado em letras disposto a pesquisar as canções do Clube da Esquina, encontrei nas letras de Brant toda a profundidade que eu precisava. Como o mestrado da UFSJ se pautava pelo campo teórico conhecido como Estudos Culturais - que tratam de temas relacionados a memória, identidade, colonialismo, multiculturalismo, gêneros, etc. -, pude assim encontrar um viés bem adequado com a metodologia que iria aplicar.

Se fizermos um recorte das letras escritas por Fernando Brant, diversas delas apresentam um aspecto de narrativa, e, mesmo quando tratam de utopia, sempre partem do real (passado ou presente). Essa veia de “documentarista-poético” dos contextos vividos ou ouvidos guarda uma relação com o papel de um diretor de cinema, como nos relata o próprio Brant:

“Lembro-me que toda vez que saía de casa para ir a Biblioteca Pública, na praça da Liberdade, eu descia a Aimorés e subia a Brasil fazendo filmes, enquadrando tudo o que via. Meus olhos eram uma câmera. Na verdade, eu não tinha olhos, carregava o tempo todo uma câmera no rosto (BRANT, Fernando. In: VILARA, Paulo. Op.cit. pág.37).

Guardião da memória

O caminho estético que marcou Fernando Brant no Clube da Esquina teve similares na literatura. De acordo com Wander Melo Miranda, diversos escritores de Minas Gerais - como Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes ou Pedro Nava - produziram textos memorialistas no período da ditadura militar. Sua intenção era a de evidenciar alguns traços valiosos da cultura que ameaçavam ser extintos através do projeto modernizador dos militares.

Diversas letras de Brant funcionam como rochas líricas que guardam estes monumentos perdidos da identidade mineira. Em *Beco do Mota*, ele fala de uma rua boêmia de Diamantina, e utiliza o fim dessa zona como metáfora para a repressão da ditadura.

Em *Aqui Óh*, ele fala dos nostálgicos “namorinhos de portão”, ao mesmo tempo em que discute também o caráter desconfiado e esquivo dos mineiros.

Em *Nos Bailes da Vida*, podemos sentir toda a emoção e a sinestesia da sofrida vida dos músicos que cumprem sua vocação, mesmo em condições pouco glamorosas.

Em *Ponta de Areia*, ele transforma em letra de canção uma matéria que fez quando era repórter da revista *O Cruzeiro*, sobre uma linha de trem que ligava os estados de Minas Gerais e Bahia. Em todo o circuito percorrido pelo trem, ele elenca diversos traços culturais que ameaçavam se perder em meio ao propósito militar (a começar pelo próprio transporte ferroviário).

Em *Maria Maria*, ele nos mostra a doída beleza da mulher humilde, da face feminina de um Brasil trabalhador, maternal, forjado na simplicidade.

Um sentinela no interior do Clube

É importante aqui pensar no que significa as letras de Fernando Brant dentro do Clube da Esquina. Se pegarmos o movimento como um todo, é possível notar um enfoque mais introspectivo da lírica geral. Há sempre um eu-lírico em primeira pessoa, que observa não só os fenômenos a seu redor, mas também narra seus próprios devaneios e utopias. As letras de Márcio Borges, Ronaldo Bastos, Murilo Antunes e outros se beneficiam bastante desse tipo de perspectiva. São fluidas, subjetivas, misteriosas.

O estilo de Brant guarda algumas diferenças com seus parceiros. É essa diversidade de panoramas (apesar de um ângulo lírico comum) que sedimentou a assinatura e a glória do Clube da Esquina. Porém, enquanto os outros letristas caminhavam de olho em nuvens ciganas, nascentes, ou mesmo girassóis da cor de cabelos, Brant mantinha o foco no chão.

Arriscando aqui um exercício metafórico, se eu fosse compor a paisagem lírica do Clube da Esquina, pensaria em Ronaldo Bastos como o vento, Márcio Borges como a água, e Fernando Brant como a pedra (não a toa, seu nome completo é Fernando Rocha Brant). É este último o mais atento na dimensão palpável e concreta do seu entorno.

Pedra mineira

Remetendo a Drummond, a letra de "Itamarandiba" (do disco de Milton Nascimento Sentinela (1980), diz: "No meio do meu caminho / sempre haverá uma pedra / Plantarei a minha casa / numa cidade de pedra".

Ao buscar guardar a memória de Minas Gerais através das letras, Brant empreendeu um mergulho radical na própria essência desse alicerce cultural. Nesse movimento, creio que ele acabou se deparando com o universo da infância, com os valores primordiais da criança, sempre abertas para a amizade e o amor.

O próprio ethos do Clube da Esquina, já a partir do nome do movimento, trata exatamente desse encontro descompromissado da juventude, dessa amizade que não pede nada em troca, que apenas celebra a vida de maneira pura e jovial.

Se Fernando Brant era um alquimista da pedra filosófica da mineiridade, ele encontraria nos vestígios moleculares dessa rocha algumas verdades fundamentais. Ali, ele pôde ler que um amigo é coisa para se guardar debaixo de sete chaves. Ou que o medo de amar é o medo de ser livre.

O Brant que conheci

Pude perceber, no breve contato pessoal que tive com Fernando Brant, que seu compromisso com a amizade era não só um pressuposto de estilo de escrita, mas também uma ética de vida.

Entrei em contato com ele em meados de 2010, depois de saber que ele se interessou em ler minha dissertação de mestrado. Ao enviar meu trabalho, perguntei se ele teria disponibilidade e interesse em redigir um prefácio para um futuro livro que eu cogitava publicar.

Ele não só escreveu um texto fantástico para o livro, como compareceu pessoalmente ao lançamento, que aconteceria em 2013. Foi uma surpresa vê-lo entrar na Livraria Quixote, em BH, com seu jeito discreto e simples.

No alto de tudo que aquele homem representa para a cultura brasileira, fiquei muito honrado e admirado de perceber que ele se encontrava aberto para comungar seu saber com um jovem pesquisador que lançava seu primeiro livro. A coerência entre a vida e a obra de Brant é um valioso ensinamento que levo comigo.

O menino

Em 2004, falecia o escritor mineiro Fernando Sabino, que deixara instruções para o epitáfio escrito em sua lápide: "Aqui jaz Fernando Sabino, que nasceu homem e morreu menino". Dentre as coincidências que ligam os Fernandos Sabino e Brant (ambos mineiros, artistas, e morreram de câncer de fígado), há também o olhar especial para a infância em suas obras.

Porém, diferente de Sabino, que alega ter rejuvenecido ao longo de toda a vida (para então constatar sua "meninice" apenas nos anos derradeiros), acho que Fernando Brant nunca deixou de preservar seu feito de criança, no melhor sentido do termo.

Desde a primeira vez em que bati o olho numa foto do compositor do Clube da Esquina, pensei comigo que ele tinha cara de menino. Diversas letras suas tratam do universo infantil: Bola de Meia, Bola de Gude é, talvez, a mais famosa delas.

Em entrevista ao jornalista Paulo Vilara, Brant dissertou sobre a importância de se observar com os olhos da criança que foi. Para ele, o adulto deveria honrar a criança que foi um dia.

Nesse momento de tristeza, quando nos deparamos com a "travessia" final desse ser humano cuja obra é tão importante para tanta gente, acredito que seu objetivo se cumpriu de maneira exemplar. Os que ficam são capazes de enxergar na figura de Fernando Brant a criança, e também o sentinela. Diante desse nosso irmão que já se vai, revemos nessa hora tudo que ocorreu, com a certeza de que a memória não morrerá.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- VILARA, Paulo. Palavras Musicais - Letras, processo de criação, visão de mundo de 4 compositores brasileiros: Fernando Brant, Márcio Borges, Murilo Antunes, Chico Amaral. Belo Horizonte: S.ed., 2006.

ENTREVISTA DA SEMANA

Neofeminismo e arte popular na América Latina

A pesquisadora mexicana Eli Bartra analisa o feminismo e a arte popular do México a partir de nosso momento atual

Por Ricardo Machado

Os ecos de 1968 ainda ecoam em nossas sociedades. Tanto as feministas norte-americanas da Califórnia quanto as representantes latino-americanas da Cidade do México beberam desta inspiração desobediente e potente em transformações. “Nós, as feministas do México, fomos influenciadas pelo movimento estudantil de 1968, pelo movimento dos direitos civis e o movimento negro norte-americano”, frisa a professora e pesquisadora Eli Bartra, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

“Na Cidade do México, esse movimento começou com a tomada de consciência de pequenos grupos que se centravam para além da questão política pessoal, defendendo a descriminalização do aborto, a defesa das mulheres agredidas e contra a violação; estas foram as bandeiras de luta que atravessaram todo o feminismo mexicano até os dias atuais”, recupera Eli. Segundo a entrevistada, à época do surgimento do movimento, estas lutas tratavam-se de movimentos de rebeldia classificados como “escandalosos” por grande parte da sociedade.

Ao pensar as questões relacionadas à arte, Eli destaca que a arte popular não deve ser compreendida como algo imutável. “A arte popular sempre se transforma. Não é estática, ainda que siga sendo tradicional. Ela muda o tempo todo. Ocorre que atualmente vão se criando numerosos artesanatos e objetos de arte popular sob as exigências do mercado”, contextualiza. “No entanto isso não é novo e tampouco negativo, mas, ao contrário, positivo. O fato que alguém de fora da comunidade ou mesmo de fora do país peça que uma artesã faça um ou outro trabalho, como por exemplo os quadros de Frida Kahlo, não pode ser interpretado como algo negativo, pois isso só contribui e enriquece o campo”, complementa.

Eli Bartra é professora na Divisão de Ciências Sociais e Humanidades da Universidad Autónoma Metropolitana - Xochimilco, no México. Dedicada aos estudos sobre feminismo é reconhecida internacionalmente e autora do livro *Creatividad invisible: Mujeres en el arte popular* (México: Pueg-Nnam, 2004).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o movimento feminista depois da década 1970, chamado “Nova onda”, emergiu no México? Quais são suas particularidades?

Eli Bartra - De forma resumida, o neofeminismo ou a Nova Onda, começa no México no princípio

da década de 1970 influenciado diretamente pelo feminismo da Califórnia. Tanto as feministas da Califórnia quanto nós, as feministas do México, fomos influenciadas pelo movimento estudantil de 1968, pelo movimento dos direitos civis e o movimento negro norte-

americano. Na Cidade do México, esse movimento começou com a tomada de consciência de pequenos grupos que se centravam para além da questão política pessoal, defendendo a descriminalização do aborto, a defesa das mulheres agredidas e contra a violação; es-

tas foram as bandeiras de luta que atravessaram todo o feminismo mexicano até os dias atuais. Tratava-se de um movimento de rebeldia, espontâneo e um tanto “escandaloso”, no princípio, contra todas as formas de opressão sexista.

IHU On-Line - Que conquistas políticas foram sendo construídas ao longo das últimas décadas do século XX que resultaram na participação efetiva do público feminino nas questões sociais?

Eli Bartra - Ao longo dos anos tivemos conquistas importantes. As mulheres se incorporaram pouco a pouco na política formal em diversos cargos políticos eletivos, mas ainda são uma franca minoria. O aborto deixou de ser crime na Cidade do México, embora no restante do país continue sendo criminalizado. Sem dúvida há avanços, mas não tantos como se esperaria que ocorressem depois de séculos de luta e 45 anos de neofeminismo. As mulheres foram inseridas no mundo do trabalho, principalmente no trabalho informal, porém o trabalho doméstico continua sendo quase uma exclusividade feminina. Percebemos mudanças nesse âmbito, mas ainda poucos.

IHU On-Line - Que relações há entre a arte popular mexicana e a participação social feminina?

Eli Bartra - A arte popular mexicana passou a ser melhor conhecida no período pós-revolução de 1910, nos anos 1920 e 1930. Nesta época muitos intelectuais e artistas se voltaram à arte popular considerando-a “a autêntica expressão do povo mexicano”. Outro grande momento de impulsão da arte popular foi Daniel Rubín de la Borbolla¹ nos anos 1940 com a criação

¹ **Fernando Daniel Rubín de la Borbolla** (1903-1990): foi um antropólogo mexicano e humanista. Ele era conhecido por suas ações, iniciativas e trabalho pioneiro no desenvolvimento e cuidado dos povos indígenas do México. (Nota da **IHU On-Line**)

do *Museo de Artes e Industria Populares*, o qual foi diretor por mais de uma década. Nos anos 1970 foi criado o Fundo Nacional para o Fomento dos Artesanatos (Fonarte, na sigla em espanhol), quando se passa a não distinguir Artesanato de Arte Popular, o que, ainda que de maneira moderada, representa um apoio às artesãs e aos artesãos. Entretanto, ainda há muito trabalho a ser feito para reconhecer as mulheres como as principais criadoras da arte popular.

IHU On-Line - Como o neozapatismo reconfigurou a arte popular no México?

Eli Bartra - O neozapatismo² configurou de uma maneira muito interessante um certo tipo de arte popular. Escrevi um pouco sobre isso no livro *Creatividad invisible: Mujeres en el arte popular* (México: Pueg-Nnam, 2004). Acontece que as mulheres da localidade de Chiapas faziam, e fazem, pulseiras de retalhos com a tecidos típicos da região. Em 1994, com a insurgência neozapatista, as mulheres começaram a fazer estas mesmas pulseiras com fuzis e também com “marquitos”³ e “ramonas”⁴. Na

² **Neozapatismo**: é uma corrente política e ideológica que representa a concepção contemporânea de seu antecessor mais conhecido, os zapatistas, e é transmitida pelos membros do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e seus seguidores. O EZLN adotou o termo ea ideologia dos zapatistas originais e os magonistas da Revolução Mexicana como demandas atuais na vida política e social do México. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Subcomandante Marcos** (1957): é o porta-voz do movimento zapatista no sudeste mexicano. O ‘Subcomandante Marcos’, é o principal porta-voz do comando militar do grupo indígena mexicano chamado Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que fez a sua aparição pública em 1º de Janeiro em 1994, quando os militares lançaram uma ofensiva na qual conquistou seis municípios, no sulino estado mexicano de Chiapas, exigindo democracia, liberdade, terra, pão e justiça para os índios. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Comandante Ramona** (1959-2006): era uma mulher Tzotzil indígena e comandante do Exército Zapatista de Libertação Nacional em Chiapas, no México. Morreu no dia 6 de janeiro de 2006 de câncer reumático. (Nota da **IHU On-Line**)

época pensei que esta arte ia desaparecer rapidamente, que era algo eminentemente efêmero, porém estas pulseiras são feitas até hoje, simplesmente porque seguem vendendo.

IHU On-Line - Que relação há entre este tipo de arte popular e o feminismo?

Eli Bartra - Tais relações são quase nulas. Pouco foi escrito e pesquisado sobre as relações entre arte popular e o feminismo. Ainda que o feminismo tenha se interessado muito por outras artes, desde os anos 1960, a arte popular foi praticamente ignorada. Entretanto, este pensamento chegou às artesãs que vêm tomando cada vez mais consciência sobre os próprios fazeres como criações artísticas.

IHU On-Line - De que forma a cultura e a arte das etnias da região de Chiapas impactou politicamente no contexto mexicano?

Eli Bartra - O que trouxe impacto foram os “marquitos” e as “ramonas” que se espalharam por todos os rincões do país com uma carga político-simbólica muito específica. No entanto, pouco da cultura e da arte de Chiapas teve impacto expressivo fora do Estado. O que, sim, gerou um movimento político foi o neozapatismo e o papel das mulheres, com a Lei Revolucionária das Mulheres Zapatistas,⁵ que foi decisiva para o próprio apoio do neozapatismo, bem como para as demais mulheres indígenas do país.

IHU On-Line - Como a arte popular mexicana foi impactada por uma certa “globalização” das figuras de Marcos e Ramona? Quais foram os resultados práticos desta “globalização” e até “europeização” dos líderes latinos?

⁵ **Lei Revolucionária das Mulheres**: prevê acesso a cargos políticos e militares, a terem um salário digno, educação, saúde, a não serem maltratadas e escolherem seus parceiros. (Nota da **IHU On-Line**)

Eli Bartra - O impacto principal é, justamente, a comercialização destas figuras. Também se produziu imagens de barro do sub-comandante Marcos em algumas comunidades indígenas como em Oumicho, Michoacán. Não creio que esta "globalização" tenha sido muito significativa, exceto pelo fato de que estas figuras seguem sendo vendidas.

IHU On-Line - De que forma ocorre uma certa "adaptação de mercado" das mulheres artesãs e, em última instância, da própria arte popular? Apesar dessas mudanças ainda podemos classificar esse trabalho como arte popular?

Eli Bartra - A arte popular sempre se transforma. Não é estática, ainda que siga sendo tradicional. Ela muda o tempo todo. Ocorre que atualmente vão se criando numerosos artesanatos e objetos de arte popular sob as exigências do mercado. No entanto isso não é novo e tampouco negativo, mas, ao contrário, positivo. O fato de alguém de fora da comunidade ou mesmo de fora do país peça que uma artesã faça um ou outro trabalho, como por exemplo os quadros de Frida Kahlo,⁶ não pode ser

⁶ **Frida Kahlo** (1907-1954): pintora mexicana. A ela a IHU On-Line dedicou o número 227, intitulado Frida Kahlo. 1907-2007. Um olhar de teólogas e teólogos, disponível para download no site do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

interpretado como algo negativo, pois isso só contribui e enriquece o campo. Erroneamente se pensa que isso adultera ou empobrece a arte popular, mas as coisas não são assim.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Eli Bastra - A arte popular é cheia de mitos e devemos fazer um trabalho constante de desmistificação. A arte popular não é uma criação do povo em abstrato, mas de pessoas concretas, de uma geografia particular em um contexto sócio-histórico e cultural específico, com gêneros, sexualidades e idades distintas, de diferentes etnias e racionalidades. ■



IHU ON-LINE



INSTITUT
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Tema de Capa

Multilinguismo e diversidade cultural: as identidades em diálogo

Para Joaquim Dolz, o multilinguismo transpõe as fronteiras políticas dos países, impondo aos cidadãos a necessidade de se comunicar em diversos idiomas para se inserir no mundo globalizado

Por Leslie Chaves | Tradução: Eulália Leurquin e Carla Messias

O multilinguismo sempre foi uma realidade da sociedade. Em diversas localidades do mundo as populações convivem em um mesmo espaço com diversas línguas. Mesmo havendo um idioma oficial, também compõem o atlas linguístico de um determinado local as línguas tradicionais, faladas, por exemplo, por comunidades indígenas, no caso do Brasil e de outros países que contam com esses povos na sua formação sociocultural, e as línguas estrangeiras, introduzidas nos territórios a partir das migrações. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Joaquim Dolz afirma que existe um multilinguismo característico de cada país.

Para o pesquisador, a globalização acentuou a necessidade da promoção do ensino plurilíngue. O desafio é organizar esse tipo de perspectiva de ensino e preparar os professores para lecionar de acordo com essa lógica. “A aprendizagem de uma língua estrangeira permite uma relação com uma nova cultura. Convém, então, associar o ensino da língua e da cultura”, aponta Dolz, indicando esse como um dos caminhos para a concretização desta concepção didático-pedagógica.

Ao longo da entrevista, Dolz ainda ressalta que o ensino plurilíngue ou bilíngue também pode enfrentar obstáculos e resistências ligadas a fatores

identitários e políticos. “Existe um diálogo fértil entre as línguas. Esse diálogo é frequentemente desigual e produz embates e mal-entendidos na comunicação. No nível econômico e acadêmico, nem todas as línguas recebem a mesma consideração”, explica. O principal problema dessas assimetrias para o ensino de idiomas é que “o estatuto e o valor social atribuídos às línguas têm um papel fundamental para que elas sejam aprendidas”, frisa.

O pesquisador também destacou o papel das Tecnologias de Comunicação e Informação - TICs no ensino de línguas. Para Dolz, as TICs podem ser instrumentos importantes para facilitar os processos de ensino-aprendizagem em sala de aula, pois propiciam novos meios de acesso aos conteúdos e diferentes formas de interação. No entanto, essas técnicas não devem ser superestimadas, pois “o aluno continua a ter necessidade do professor e das interações com os outros para aprender, com ou sem novas tecnologias”, alerta.

Joaquim Dolz é professor e pesquisador em Didática do Francês como Língua Materna da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - FAPSE, da Universidade de Genebra - UNIGE, Suíça, e membro do Grupo Romando de Análise do Francês Ensinado - GRAFE.

Confira a entrevista.



As tecnologias são ferramentas que facilitam o trabalho em aula, mas não podem resolver sozinhas o desafio educativo do Brasil

IHU On-Line - A perspectiva do plurilinguismo pode ser considerada um caminho para a abordagem de discussões de ordem sociocultural no ensino de línguas?

Joaquim Dolz - A sua pergunta é complexa. Antes de falar a respeito do plurilinguismo e do seu ensino, gostaria de fazer algumas considerações sobre multilinguismo, que caracteriza nossas sociedades.

Existe um multilinguismo próprio a cada país. No Brasil, por exemplo, há uma grande diversidade de línguas ameríndias que antecedem a chegada da língua portuguesa (como a língua tupi e a guarani, presentes no Sul e no Sudeste, mas também há a língua tikuna, a tukano, a macuxi, a yanomani, a guajajara, a terena, a pankaruru, a kayapó, a kaingang, a xavante, a xerente, a nambikwara, a munduruku, a mura, a sateré-mawé, etc.). Estima-se que, na América do Sul, sobrevivam 375 línguas ameríndias. Mas elas perdem espaço diante da língua espanhola e da língua portuguesa. Uma parte dessas línguas encontra-se em perigo de extinção por causa do domínio, desde o período colonial, da língua portuguesa, a única língua oficial do Brasil. Então, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco recomenda a proteção desse patrimônio linguístico e o ensino das línguas primeiras.

O multilinguismo no Brasil manifesta-se, igualmente, pela presença de populações migrantes

européias que mantiveram sua língua de origem. Pude perceber, em minhas viagens ao Brasil, grupos da população que mantiveram, desde o século XX, a língua alemã, italiana, espanhola ou japonesa. Além disso, a língua espanhola, a inglesa e a francesa estão também presentes por diversas razões (vizinhança, aprendizagem na escola, etc.). Em todas as sociedades, existe um multilinguismo endógeno apesar da recusa de certas línguas presentes. É o caso, nos países europeus, com as línguas ditas regionais e com as línguas da migração. Na Suíça, por exemplo, a presença da língua portuguesa dá-se pelo número importante de portugueses e brasileiros, mas ela não é ensinada na escola.

Em um mundo globalizado, o multilinguismo é um fato que ultrapassa fronteiras políticas dos países. Hoje, os cidadãos necessitam falar muitas línguas. É evidente que a língua espanhola é particularmente importante para o Brasil, por causa de sua situação geográfica, e que a língua inglesa, a francesa, a chinesa ou a alemã abrem as portas para viajar e estabelecer relações no nível internacional. O ensino plurilíngue tornou-se então uma necessidade para todos. O problema é como organizá-lo e como formar os professores. O termo plurilinguismo, como o termo bilinguismo, o reservo-o para as pessoas.

A escola merece ser um espaço aberto às diferentes línguas e culturas, avançando no ensino não apenas por razões econômi-

cas, mas, sobretudo, para acolher a diversidade constitutiva da sociedade e para desenvolver uma abertura com o outro realmente. A aprendizagem de uma língua estrangeira permite uma relação com uma nova cultura. Convém, então, associar o ensino da língua e da cultura. Quando eu comecei a aprender a língua portuguesa, necessitei conhecer as formas de vida do Brasil e de Portugal como, por exemplo, os rituais de cortesia para estabelecer um melhor contato com as pessoas. Aprendendo a língua portuguesa, compreendi as letras das músicas de Caetano Veloso e de Amália Rodrigues, mas também aprendi o valor da música popular em cada país. Pude ler Jorge Amado e José Saramago diretamente em língua portuguesa. Da mesma forma, se você aprendesse a língua chinesa, seria conveniente fazê-lo aprendendo simultaneamente a história da China e as formas de vida desta imensa nação.

Agora eu posso retornar à sua pergunta. Eu direi que a língua e a cultura formam o espírito da pessoa e que a descentralização para a aprendizagem de uma língua e de uma nova cultura nos ajuda a melhor compreender o funcionamento da nossa língua de origem, por comparação e por contraste. Nossa própria cultura se enriquece no diálogo com o que aprendemos das outras culturas. Mas, atenção, pois tudo não é tão simples assim. O ensino bilíngue ou plurilíngue nem sempre é fácil. Ele pode nos proporcionar uma grande riqueza, mas também pode ser fonte de obstáculos e de resistências. Às vezes, no caso das populações migrantes, observamos também fenômenos particulares, resistências para aprender a língua do país de acolhida, por medo de perder ou de trair a língua de origem. Ou, pelo contrário, crianças de famílias portuguesas ou brasileiras, em Genebra, que abandonam a língua de origem ou que a escondem. O esta-

tuto e o valor social atribuídos às línguas têm um papel fundamental para que elas sejam aprendidas.

Gostaria, igualmente, de acrescentar que o Interacionismo Sociodiscursivo considera as trocas discursivas como fundamentais no desenvolvimento da pessoa. Essas trocas não se produzem exclusivamente em uma língua natural. Existe um diálogo fértil entre as línguas. Esse diálogo é frequentemente desigual e produz embates e mal-entendidos na comunicação. No nível econômico e acadêmico, nem todas as línguas recebem a mesma consideração. O inglês, por exemplo, tem um reconhecimento que nenhuma outra língua possui. Mas isto não significa que a língua portuguesa não produz discursos científicos ou econômicos. Existe, nesses discursos, um dialogismo e uma polifonia que está além de uma única língua.

Tomemos esta entrevista como exemplo. Ela é uma forma de diálogo. Mas vocês me fazem as perguntas em língua portuguesa, eu respondo em francês e minhas colegas Eulália Leurquin e Carla Messias traduzem minhas respostas para o português. O interesse não é unicamente estudar a passagem de uma língua a outra. O interesse é também estudar como se desenvolvem as trocas em várias línguas e como nós a utilizamos para saber as informações. Sinceramente, eu penso que os interacionistas deveriam levar mais a sério esses fenômenos. A Sociodidática das línguas estuda-os, levando em consideração os fatores contextuais do uso das línguas, o estatuto e as representações sobre línguas estudadas, os contatos entre as línguas e as situações de ensino e de aprendizagem. Nós aprendemos novas línguas, considerando aquelas que conhecemos e questionando-as, tanto na dimensão interna quanto externa. O diálogo e a alternância entre línguas na aprendizagem fazem parte de um fenômeno que

mereceria ser profundamente estudado pelos interacionistas.

IHU On-Line - De que formas o professor de línguas pode trabalhar a perspectiva do plurilinguismo em sala de aula?

Joaquim Dolz - Em primeiro lugar, o professor deve dispor dos conhecimentos suficientes sobre a língua ensinada. Mas, sobretudo, ele deve ser capaz de adaptar o uso da língua ao nível dos aprendizes. Em segundo lugar, o professor deve ser capaz de criar situações e projetos de comunicação motivadores e portadores para o ensino. Em terceiro lugar, os professores têm necessidade de dispor de ferramentas adequadas para este ensino. Considero muito importante a presença de corpus de textos orais e escritos adequados para este ensino e as sequências didáticas que vão além do exercício com base em atos de fala. Enfim, a aprendizagem de outras matérias não linguísticas, ensinadas em diferentes línguas, permite uma imersão na língua ensinada, que é, às vezes, ferramenta de ensino (comunicamo-nos nesta língua) e objeto de aprendizagem.

A perspectiva do plurilinguismo supõe, além disso, uma cooperação entre os professores para a coordenação entre os diferentes ensinamentos e as diferentes línguas ensinadas. O ensino integrado de línguas consiste em planificar juntos as diferentes línguas ensinadas. O ensino de uma matéria escolar em uma língua diferente da língua portuguesa supõe uma coordenação particular entre o professor de língua e o professor desta matéria escolar.

IHU On-Line - Que habilidades e competências profissionais são fundamentais na constituição de um professor de línguas no contexto contemporâneo, de crescentes exigências educacionais por formação docente? Como

preparar os professores para enfrentar tais desafios?

Joaquim Dolz - Do meu ponto de vista, um professor de língua deve certamente dominar a língua que ele ensina. Mas, ele deve, sobretudo, ser capaz de ensiná-la. Isso supõe saber escolher e adaptar os saberes linguageiros às necessidades dos aprendizes, saber avaliar as capacidades dos alunos, saber planificar as atividades de aprendizagem, saber elaborar dispositivos e sequências de ensino, saber dialogar e regular as aprendizagens dos alunos, o que Carla Messias (2013)¹, em sua tese, denomina de agir didático. É evidente que existem outras competências transversais como saber gerir um grupo de alunos, colaborar com os outros professores, etc. No meu caso, dou uma importância maior à gestão do ato de ensinar a língua e a evolução das capacidades de compreensão e de produção oral e escrita dos aprendizes.

Para a formação, parece-me fundamental organizar uma formação em alternância com a sala de aula, com um acompanhamento realizado de maneira coordenada por professores experientes e por formadores universitários. A verdadeira profissionalização deve combinar o trabalho acadêmico com uma prática acompanhada por formadores.

IHU On-Line - Qual a importância da inclusão de questões de identidade e de contexto social do estudante no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula?

Joaquim Dolz - A escola, como espaço de socialização, é um lugar de construção da identidade.

¹ SILVA, Carla Messias Ribeiro da. *O agir didático do professor de Língua Portuguesa e sua reconfiguração em textos de autoconfrontação*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ PUCSP, SP, 2013, 384p. Disponível em: <http://bit.ly/1GE2R8q> (Nota da IHU On-Line)

As línguas contribuem de maneira particular para a construção de uma identidade plural. Somos, de uma maneira ou de outra, as línguas que falamos. Toda língua é uma ferramenta de pensamento que nos ajuda a tecer e a religar as diferentes facetas de nossa identidade. Ela é plural na medida em que nos permite participar de diferentes redes sociais e desenvolver interações.

O repertório linguístico em várias línguas multiplica as possibilidades de interagir eficazmente e, simbolicamente, marca as diversas identidades sociais. No meu caso, minha língua primeira ou materna é o catalão. É um signo identitário importante com tensões sociais evidentes com as outras línguas aprendidas. Eu sou autodidata em catalão, enquanto toda minha escolarização foi feita em espanhol e, mais tarde, em francês. Cada língua aprendida (espanhola, francesa, portuguesa, italiana, inglesa) me enriqueceu. Mas a relação afetiva e os usos concretos em oral e escrita são muito diferentes.

IHU On-Line - O uso dos gêneros de texto no ensino de línguas pode contribuir com esse objetivo de considerar os contextos específicos em que estão inseridos os estudantes? De que forma?

Joaquim Dolz - A abordagem por gêneros textuais parece-me muito fértil para o ensino das línguas. Numa perspectiva comunicativa, o gênero permite uma representação das convenções que regem uma família de textos para uma dada comunidade cultural. Do ponto de vista pragmático, a comunicação se realiza por gêneros textuais. As condições e a dinâmica dos atos de comunicação são orientadas por convenções sociais definidas. Enfim, numa perspectiva sociocultural, os gêneros são considerados como ferramentas semióticas, cris-

talizando significações associadas às práticas sociais e das quais sua apropriação permite a interiorização de experiências culturais sedimentadas historicamente. Os gêneros são, então, ferramentas semióticas que tornam possível a aprendizagem.

“

A língua e a cultura formam o espírito da pessoa

IHU On-Line - Como o desenvolvimento de novos dispositivos e métodos didáticos podem contribuir para a formação de um estudante plurilíngue?

Joaquim Dolz - A ferramenta sequência didática me parece ser uma contribuição importante para o ensino das línguas. Os princípios aplicam-se ao ensino da língua francesa e da portuguesa enquanto língua primeira, assim como ao ensino da língua espanhola e da inglesa como língua estrangeira. Começar por observar as capacidades iniciais dos alunos, identificar os obstáculos e trabalhar passo a passo para transformar estas capacidades. Eu penso que um bom professor não pode dispensar uma metodologia para o ensino da língua. Mas a tecnologia, por exemplo, a das sequências didáticas, é muito mais que um conjunto de técnicas. As técnicas devem se adaptar aos aprendizes. Nem tudo é técnica. E, diante do imprevisto, inventamos *online* procedimentos para regular as aprendizagens.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o papel das Tecnologias de Comunicação e Informação nesse

processo de construção de novas ferramentas de ensino?

Joaquim Dolz - As novas tecnologias podem facilitar o trabalho do ensino e as aprendizagens dos alunos. Nada como a constituição e a mobilização de um corpus de textos em áudio e vídeo para, mais rapidamente, conseguir obter recursos na sala de aula. As plataformas de comunicação pela internet permitem novas formas de interação a distância. As autoaprendizagens se veem também facilitadas. Hoje, é difícil ignorar estas tecnologias e as possibilidades que elas nos oferecem. Elas fornecem novas ferramentas e novas condições de trabalho. Mas o ato de ensinar não se reduz a uma tecnologia. O aluno continua a ter necessidade do professor e das interações com os outros para aprender, com ou sem novas tecnologias.

A engenharia da formação e a engenharia didática dispõem hoje de ferramentas formidáveis para a formação dos professores e para o ensino. Estamos, talvez, um pouco atrasados no uso desses suportes. Hoje, nós podemos elaborar manuais e sequências didáticas com meios que eram inimagináveis há apenas dez anos. Certamente, na sala de aula de língua, as atividades de produção oral e escrita só podem se enriquecer com o uso de quadros interativos, computadores ligados à internet, etc. A oralidade e a escrita multimodais podem facilmente ser solicitadas pelo professor. Novos gêneros orais e escritos estão implicados nessas novas tecnologias. Contudo, apesar do progresso que representam, não podemos nos enganar. As novas tecnologias são apenas caixas de ferramentas para facilitar o trabalho do professor e do aluno. Elas não podem resolver sozinhas o desafio educativo do Brasil. ■

Políticas Linguísticas: formas totalitárias de imposição de regras e interesses

Xoán Lagares aponta problemas na formação de políticas linguísticas que, muitas vezes, acabam suprimindo variações locais e particularidades de povos e grupos

Por Leslie Chaves e João Vitor Santos

Para o professor Xoán Lagares, políticas relacionadas ao idioma, à língua falada, estão sempre presentes em qualquer lugar. “Não é necessário que políticas linguísticas sejam explicitadas para que elas de fato existam”, destaca. Assim, o fato de não haver leis ou normas que determinem tais políticas não significa que essa tal política não exista. Ele lembra, por exemplo, que um Estado nacional pode ter sua “língua oficial” mesmo que não haja uma lei estabelecendo isso. A questão toda está no fato de que a implementação dessa língua oficial quase sempre ignora as diferenças e particularidades das pessoas que fazem o idioma vivo. Há casos em que nem as variações do mesmo idioma - como o português - são respeitadas.

O problema, segundo o professor, é que todo o Estado acaba agindo de forma intervencionista. Ou seja, impondo uma “língua oficial”. E a “maioria deles vai numa direção monoglósica, de maneira que o liberalismo linguístico existe apenas como ideologia, criada para justificar precisamente a hegemonia de umas línguas sobre as outras”. E mais: Lagares ressalta que a língua nacional acaba sendo sempre “a língua do grupo social dominante, é produto da hegemonia que ele exerce em todo o território do Estado”.

No caso específico do Brasil, o professor destaca que houve um “acelerado processo de imposição da língua portuguesa”. O resultado foi uma polarização sociolinguística entre o português falado nas ruas e o português dos letrados. Outra questão de política linguística no país apontada por Lagares é de ordem normativa, mas que culmina em discriminação social. “A atual distância entre a norma culta efetivamente utilizada e a norma padrão ainda majoritária nas gramáticas escolares é fonte de uma generalizada insegurança linguística, e faz desse padrão um instrumento muito poderoso de discriminação social.”

Ao longo da entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o professor também reflete sobre as normas que determinam o ensino de línguas estrangeiras em sala de aula. Ainda, avalia programas como o Ciência Sem Fronteira, que acabaram revelando problemas de aprendizado de idiomas.

Xoán Lagares tem graduação e mestrado em Filologia Hispânica, Galego-Português, pela Universidade da Coruña. Também é doutor em Linguística, Literatura no Âmbito Galego-Português, pela Universidade da Coruña. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal Fluminense. Sua área de educação é em Linguística Histórica e Linguística Aplicada.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a importância das políticas linguísticas para um país? Que aspectos culturais e socioeconômicos envolvem a construção e implantação dessas políticas?

Xoán Lagares - O termo “política linguística” pode ter diversos significados. Há uma noção de política linguística que se relaciona especificamente à planificação, isto é, à adoção explícita de decisões políticas sobre línguas que depois são implementadas com a ajuda de técnicos especialistas em linguagem e/ou educação (uma boa parte dessas decisões tem a ver com o ensino). Uma noção mais ampla de política linguística, que eu prefiro, considera que toda ação política que tenha alguma incidência nas relações sociais tem também uma leitura “glotopolítica”¹, pois toda mudança social implica algum tipo de modificação das relações linguísticas.

Nesse sentido, a própria construção de um estado nacional é um evento glotopolítico da maior relevância, pois as nações são constituídas maximizando as diferenças com tudo aquilo que fica fora de suas fronteiras e minimizando as diferenças internas, com a intenção de criar identidades mais ou menos uniformes. Assim sendo, não é necessário que políticas linguísticas sejam explicitadas para que elas de fato existam. Por exemplo, um Estado nacional não precisa declarar oficial uma língua nos textos legais que o constituem para que, de fato, essa língua entre todas as faladas em seu território funcione como tal.

Alguns autores afirmam que os países oscilam nas suas políticas

1 Glotopolítica: de *glotopolitics*. É a subdisciplina da sociolinguística fundada pelo francês Jean-Baptiste Marcellesi e Louis Guespin, que cunhou o termo em 1986, em seu artigo “Pour la Glotopolitique”. O objetivo foi abranger todos os fatos da língua em que a ação da sociedade assume a forma de política. Para esses autores, as *glotopolitics* permitem designar “as várias maneiras em que uma sociedade atua sobre a linguagem, seja ou não consciente disso”. (Nota da **IHU On-Line**)

linguísticas entre o liberalismo e o intervencionismo. Todo estado nacional é, por via de regra, intervencionista, e a maioria deles numa direção monoglôssica, de maneira que o liberalismo linguístico existe apenas como ideologia, criada para justificar precisamente a hegemonia de umas línguas sobre as outras. A língua nacional é sempre a língua do grupo social dominante, é produto da hegemonia que ele exerce em todo o território do estado e, ao mesmo tempo, é um elemento fundamental para a manutenção do seu poder social.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o contexto brasileiro das políticas linguísticas?

Xoán Lagares - O Brasil Colônia era um território caracterizado, como dizia Rosa Virgínia Mattos e Silva², por um plurilinguismo generalizado. A construção do estado nacional brasileiro supôs a implementação de um acelerado processo de imposição da língua portuguesa, dando lugar a uma clara polarização sociolinguística, como lembra Dante Lucchesi³, entre o português popular e o português das classes letradas. Ou, como diz Marcos Bagno⁴, entre variedades

2 **Rosa Virgínia Mattos e Silva**: importante nome da linguística histórica brasileira. Concluiu doutorado pela USP e pós-doutorado pela UFRJ, é professora de língua portuguesa na Universidade Federal da Bahia. Publicou, pela Parábola Editorial, “*O português são dois*” – novas fronteiras, velhos problemas (2004). (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Dante Lucchesi**: doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestre em Linguística Portuguesa Histórica pela Universidade de Lisboa. Professor de Língua Portuguesa da Universidade Federal da Bahia desde 1992, tem publicado diversos artigos e capítulos de livros no país e no exterior sobre teoria linguística, história da língua portuguesa, criouliística e sociolinguística. Depois de investigar a existência de vestígios de criouliização na fala de comunidades rurais afro-brasileiras, com apoio do Australian Research Council, orientou sua atividade de pesquisa para a formação sócio-histórica do português popular do Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Marcos Bagno**: professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, tradutor, escritor com diversos prêmios e mais de 30 títulos publicados, en-

estigmatizadas e variedades de prestígio. Tudo isso num contexto de plurilinguismo localizado.

O mito do Brasil monolíngue, que está tão vivo em nossa sociedade, responde só em parte à realidade. Com efeito, a experiência da diversidade linguística é pequena no país, apesar do alto número de línguas que são faladas em seu território, pois só uma parcela muito pequena da população convive com situações de contato bi ou plurilíngue. As políticas de reconhecimento dessas realidades são poucas e também locais, de maneira que a maioria das línguas de imigração e indígenas não contam com proteção oficial e os seus falantes não dispõem de garantias para o seu uso em todos os âmbitos que desejarem. Só em 2010 foi aprovado um decreto que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)⁵, instrumento de mapeamento da realidade linguística no Brasil, imprescindível para a proposição de efetivas políticas de reconhecimento.

A outra grande questão de política linguística no país é a relacionada ao problema normativo. A atual distância entre a norma culta efetivamente utilizada e a norma padrão ainda majoritária nas gramáticas escolares é fonte de uma generalizada insegurança linguística, e faz desse padrão um instrumento muito poderoso de discriminação social. Sobretudo quando o que se reproduz é um modelo de língua normativa estreito e extre-

tre literatura e obras técnico-didáticas. Atua na área de sociolinguística e literatura infanto-juvenil e em questões pedagógicas sobre o ensino de português no Brasil. Em 2012, sua obra *As memórias de Eugênia* (São Paulo: Positivo) recebeu o Prêmio Jabuti. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)**: criado em 9 de dezembro de 2010 para preservar as línguas brasileiras de cunho indígena ou imigrante. Estima-se que no Brasil existam 210 línguas, sendo destas aproximadamente 180 línguas indígenas, e 30 línguas de comunidades históricas de imigrantes. O INDL irá mapear as isoglossas destas línguas, de forma a emitir o título de Referência Cultural Brasileira, que deve ser expedido pelo Ministério da Cultura. (Nota da **IHU On-Line**)

mamente aleatório, que Carlos Alberto Faraco⁶ denomina “norma curta”. Seria preciso implementar no ensino de forma geral um processo de padronização flexível que reconheça e legitime o português culto efetivamente falado e escrito no Brasil.

IHU On-Line - Os Parâmetros Curriculares de Diretrizes e Bases - PCNs⁷ e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB⁸ recomendam o ensino de pelo menos uma língua estrangeira, suas funções e importância na educação dos cidadãos. Como o senhor avalia o ensino de língua estrangeira nas escolas públicas e particulares no Brasil? Qual são os objetivos do ensino de língua estrangeira na escola?

Xoán Lagares - As línguas estrangeiras no Ensino Fundamental e Médio devem estar integradas no currículo escolar. É parte da educação linguística dos estudantes, como meio para propiciar a sua relação com a diversidade linguística do mundo, além de fazê-los refletir sobre sua própria língua. Dessa perspectiva, o ensino/aprendizagem de línguas nos centros escolares não deveria se reduzir ao comunicativismo estreito que caracteriza outras abordagens, mais próprias dos cursos livres. Nesses modelos de ensino, a língua é concebida como um simples instrumento de comunicação, que poderia ser apreendido de forma

idêntica, normalmente com “métodos” preestabelecidos, em qualquer circunstância e por qualquer aprendiz, considerando-se a suposta existência de funções comunicativas universais. Os documentos que regem o ensino no Brasil, tanto os PCNs quanto as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, insistem no valor educativo das línguas, num contexto em que os professores devem ter autonomia para propiciar situações de aprendizagem capazes de fazer com que os estudantes usem a língua estrangeira para tomar a palavra de forma significativa (dessa maneira, a língua estrangeira perderia boa parte da sua “estrangeiridade”).

Infelizmente, às dificuldades que o ensino público padece no Brasil devemos acrescentar, no que diz respeito ao ensino de línguas “estrangeiras”, uma visão apenas instrumental das línguas, muito comum em secretarias de educação municipais e estaduais. Elas partem do princípio de que a escola não é lugar para aprender línguas. Daí os horários reduzidos, a colocação das línguas fora do currículo, como atividade de extensão, e até mesmo a terceirização do ensino de línguas, que algumas administrações deixam em mãos de cursos livres privados. Isso torna ainda mais precárias as condições de trabalho dos professores nesse segmento.

IHU On-Line - O Brasil, além da proximidade geográfica, também estabeleceu acordos político-econômicos mais estreitos com os países latino-americanos, como, por exemplo, o que deu origem ao Mercosul⁹. Além disso, como

9 Mercado Comum do Sul (Mercosul): união aduaneira de cinco países da América do Sul. Em sua formação original, o bloco era composto por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Em virtude da remoção de Fernando Lugo da presidência do Paraguai, o país foi temporariamente suspenso do bloco. Esse fato tornou possível a adesão da Venezuela como membro pleno do Mercosul a partir do dia 31 de julho de 2012, inclusão até então impossível em razão do veto paraguaio. No dia 17 de dezembro de 2007, Israel assinou o primeiro Tratado de Livre Comércio (TLC)

resultado de políticas linguísticas e econômicas da Espanha, o Brasil promulgou a chamada “Lei do espanhol”¹⁰. Entretanto, o ensino da língua inglesa prevalece na maioria das escolas brasileiras. Como o senhor avalia essa situação?

Xoán Lagares - Como explica Fernanda Castelano Rodrigues¹¹ em seu livro sobre a lei 11.161, *Língua viva, Letra morta*¹², houve outras iniciativas de lei anteriores à que deu lugar a essa finalmente aprovada. Em todas elas, o argumento principal era a relação entre o Brasil e os países do seu entorno, de língua oficial espanhola. No texto que justifica a aprovação da lei 11.161 incide-se, pela primeira vez, na importância do espanhol como língua internacional. Tal declaração coincide, de fato, com um aumento considerável do investimento de capital identificado com a Espanha no Brasil. Esse gesto legislador vai de encontro à política instaurada pela LDB, que não faz nenhuma generalização sobre a língua estrangeira a ser ensinada no ensino regido do país, deixando que as próprias comunidades escolares escolham qual seria esse idioma. O peso da tradição mais recente e do mercado fez com que o inglês se convertesse, de fato, em sinônimo de “língua estrangeira moderna”. A aprovação da lei em 2005 e a sua entrada em vigor (pelo menos, formalmente) em 2010 não mudou essa situação.

com o bloco. Em 2 de agosto de 2010, foi a vez de o Egito assinar também um TLC. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Lei do Espanhol: é a Lei número 11.161, de 5 de agosto de 2005. Institui a oferta obrigatória do ensino do espanhol pelas escolas. (Nota da **IHU On-Line**)

11 Fernanda Castelano Rodrigues: doutora em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana pela Universidade de São Paulo – USP, além de bacharel e licenciada em Letras/Espanhol pela mesma universidade. Professora da área de Língua Espanhola e suas Literaturas no curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. (Nota da **IHU On-Line**)

12 Língua viva, Letra morta (São Paulo: Editora Humanitas, 2012). (Nota da **IHU On-Line**)

6 Carlos Alberto Faraco: pesquisador brasileiro, professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná – UFPR e autor de *Linguagem & Diálogo – as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Parâmetros Curriculares Nacionais: diretrizes elaboradas pelo Governo Federal que orientam a educação. São separados por disciplina. Além da rede pública, a rede privada de ensino também adota os parâmetros, porém sem caráter obrigatório. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB): define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição. A primeira LDB foi criada em 1961, seguida por uma versão em 1971, que vigorou até a promulgação da mais recente em 1996. (Nota da **IHU On-Line**)

Tanto a interpretação da lei, que converte em obrigatória a oferta de Língua Espanhola no Ensino Médio, como a sua aplicação, foram feitas de forma desigual ao longo destes anos. Em 2010, surgiram iniciativas para acelerar o processo de implantação do espanhol, com medidas e acordos muito discutíveis e que foram marcadas sobretudo pela pressão de instituições dependentes do governo da Espanha. Mas, hoje, o processo se encontra parado, com pontuais e significativos retrocessos. Um exemplo de evidente retrocesso na implantação do espanhol numa rede municipal de ensino, que conheço bem, é o do Rio de Janeiro.

IHU On-Line - Nos últimos anos houve um incremento de programas de mobilidade acadêmica no país¹³. Como o senhor avalia o acesso e a preparação dos estudantes brasileiros quanto ao ensino de línguas estrangeiras?

Xoán Lagares - Há várias questões envolvidas em torno da política linguística implicada no programa Ciências Sem Fronteiras. Talvez o que mais chame a atenção é precisamente a falta de planificação. Foi só depois de implantar o programa que se tornaram evidentes as carências dos estudantes em relação ao domínio das línguas dos países em que desenvolveriam os estudos, assim como a necessidade de uma política para garantir a proficiência. A primeira medida adotada foi então a criação do Inglês sem Fronteiras, com cursos a distância e presenciais dessa língua dirigidos aos estudantes que desejam optar pelo programa. Posteriormente essa política foi replicada, com adaptações e a diversas velocidades, em relação ao francês e ao espanhol. Nessa tentativa de

13 O governo federal criou o programa Ciências Sem Fronteiras – CSF em 2011. O objetivo é propiciar a estudantes de graduação brasileiros a oportunidade de estudar um período fora do país. Muitas das universidades estrangeiras credenciadas ao CSF exigem dos estudantes proficiência no idioma. (Nota da **IHU On-Line**)

reprodução da mesma política ficaram claras as diferenças entre as condições glotopolíticas de cada língua, no que diz respeito aos agentes que intervêm nas políticas de ensino ou ao mercado dos diplomas de proficiência (que são vários e respondem a interesses e modelos diferentes), por exemplo.

A aplicação dessas políticas verticais, que tentam impor um mesmo modelo de ensino e de proficiência a todas as universidades, não é o mais desejável. Sou partidário de políticas horizontais, que respeitem e fomentem o desenvolvimento dos saberes e das práticas “locais”. Muitas universidades, em sua preparação para a internacionalização, que cada vez lhes está sendo mais exigida nos últimos anos, vêm implementando políticas de ensino de línguas estrangeiras para seus estudantes, de acordo com suas características e possibilidades. Penso que seria mais efetivo, e até mesmo econômico, apoiar, incentivar e ampliar essas iniciativas, ao invés de criar custosos e complexos programas de gestão centralizada para todo o país.

IHU On-Line - Em um de seus textos, o senhor ressalta que para se pensar as relações entre as línguas no mundo é necessário considerar também as relações entre os falantes, as quais refletem um complexo contexto histórico, socioeconômico e político mais amplo. O Brasil tem recebido contingentes expressivos de imigrantes. Essa situação pode gerar reflexos nas políticas linguísticas brasileiras? De que maneira?

Xoán Lagares - A história das línguas é a história das pessoas que as falam. A situação sociolinguística no Brasil é consequência das relações históricas entre os grupos sociais que foram formando este país. Quando falamos em línguas de imigração, estamos nos referindo a essas línguas de imigrantes que se estabeleceram no Brasil desde o século XIX e que não fala-

vam português. Mas a rigor, todas as línguas faladas no Brasil, com a exceção das indígenas, são línguas de imigração. O português também é.

A história dessas comunidades permite entender o desenvolvimento e a difusão (ou não) que esses idiomas tiveram em solo brasileiro. Muitos desses falantes foram reprimidos durante o Estado Novo¹⁴, por se considerar que a presença de línguas minoritárias ameaçava a “unidade da pátria”. Estamos num outro momento histórico, e, hoje, o reconhecimento e a valorização da diversidade deveria ser um objetivo fundamental do Estado brasileiro.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a atuação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP¹⁵?

Xoán Lagares - A CPLP é uma organização de estados que têm interesses comuns de tipo diplomático, econômico e comercial, só que articulados em volta da língua. Esse tipo de organização, que existe também para outras “fonias” (hispanofonia, anglofonia, francofonia, arabofonia...), mostra claramente que a língua é muito mais que um objeto de interesse “estritamente” linguístico. E que, como objeto social, põe em relação interesses e valores sociais diversos. Prova clara de que a CPLP é uma organização que existe em volta de certa noção de língua comum, mas que ao mesmo tempo atende a ou-

14 **Estado Novo**: período autoritário da história do Brasil, que durou de 1937 a 1945. Foi instaurado por um golpe de Estado que garantiu a continuidade de Getúlio Vargas à frente do governo central, tendo a apoiá-lo importantes lideranças políticas e militares. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)**: organização internacional formada por países lusófonos, que busca o aprofundamento da amizade mútua e da cooperação entre os seus membros. Sua sede fica em Lisboa, Portugal. A organização promove a data de 5 de maio como Dia da Língua Portuguesa e da Cultura, celebrado em todo o espaço lusófono, e os Jogos da CPLP, evento desportivo que reúne todos os membros da organização. (Nota da **IHU On-Line**)

tros interesses. É o caso da recente inclusão, ano passado, da Guiné Equatorial, país oprimido pela ditadura de Teodoro Obiang¹⁶ e que tem como língua oficial o espanhol.

Por outro lado, o Brasil jogou um papel importante na fundação do Instituto Internacional da Língua Portuguesa¹⁷, a partir do qual se gerou a própria CPLP. A recente gestão do linguista brasileiro Gilvan Müller de Oliveira¹⁸ foi impor-

16 Teodoro Obiang Nguema Mbasogo (1942): atual presidente da Guiné Equatorial. Obiang foi eleito pela revista Forbes o oitavo governante mais rico do mundo, apesar do seu país ser considerado um dos mais pobres do mundo. (Nota da **IHU On-Line**)

17 Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP): instituição da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa com sede na Praia, capital de Cabo Verde. Seus objetivos são a promoção, a defesa, o enriquecimento e a difusão da língua portuguesa como veículo de cultura, educação, informação e acesso ao conhecimento científico, tecnológico e de utilização oficial em fóruns internacionais. (Nota da **IHU On-Line**)

18 Gilvan Müller de Oliveira: graduado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, em 1985. É mestre em Linguística Teórica, Filosofia e História pela Universität Konstanz, Alemanha, 1990. Cursou o doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, em 2004, e o pós-doutorado, pela Universidade Autônoma

tante para a consolidação do Acordo Ortográfico, com a elaboração do Vocabulário Ortográfico Comum (apesar das resistências que ainda existem para a sua adoção em Portugal e em outros países de língua oficial portuguesa, como Angola, por exemplo), e para o funcionamento do Portal do Professor de Português Língua Estrangeira¹⁹. Parece claro, enfim, que nos últimos anos, o Brasil ampliou a sua presença econômica e a sua influência política nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOPS.

IHU On-Line - E no âmbito internacional, a CPLP traz alguma mu-

Metropolitana Iztapalapa, no México. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina e entre 2010 e 2014 respondeu pela Direção Executiva do Instituto Internacional da Língua Portuguesa. (Nota da **IHU On-Line**)

19 Portal do Professor de Português Língua Estrangeira (PPPLE): plataforma on-line, disponível através do endereço www.ppple.org, que tem como objetivo central oferecer à comunidade de professores e interessados em geral, recursos e materiais para o ensino e a aprendizagem do português como língua estrangeira. (Nota da **IHU On-Line**)

dança para a visão que se tem da Língua Portuguesa?

Xoán Lagares - Um dos objetivos da CPLP é ampliar a presença do Português em instituições de âmbito internacional. Não saberia dizer se as coisas avançam para a consecução desse objetivo. Na realidade, apesar dos objetivos de cooperação e priorização dos intercâmbios comerciais entre os países da CPLP, o âmbito lusófono tem se caracterizado por uma escassa circulação de bens culturais entre os diferentes países. Mais do que a gestão comum da língua, em termos de padronização convergente ou de criação de um modelo internacional de língua, penso que a ideia de uma comunidade internacional da Língua Portuguesa só poderá existir na medida em que se faça possível o contato e a circulação em todas as direções de bens culturais nas variedades linguísticas que denominamos "língua portuguesa", permitindo o (re) conhecimento mútuo e a partir daí a constituição de certa noção de "unidade". ■

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Valorização das línguas indígenas e multiculturalidade no Brasil

Segundo Tereza Maher, a promoção de línguas consideradas minoritárias, como as indígenas, contribui de maneira significativa para a composição do multifacetário mapa cultural brasileiro

Por Leslie Chaves

Grande parte dos brasileiros identifica apenas uma língua legítima no país, o português. Essa percepção, além de desconsiderar a complexidade da formação sociocultural do Brasil, também acaba posicionando no imaginário da maioria da população, os falantes de outras línguas que compõem o Atlas Linguístico do país como “cidadãos de segunda classe”, uma vez que não dominam a língua estabelecida como nacional. “Essa é uma grave distorção que deve ser urgentemente corrigida”, afirma Tereza Maher, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

“A valorização do plurilinguismo brasileiro tem implicações importantes para a valorização da diversidade cultural do país como um todo”, explica. O Brasil possui um grande número de línguas consideradas minoritárias e minoritizadas, algumas ainda faladas por comunidades tradicionais negras e de diversas etnias indígenas, além da Língua Brasileira de Sinais - Libras, que também está incluída nesse grupo. De acordo com a pesquisadora, desvalorizar ou desconsiderar essas línguas “subtrai de cidadãos brasileiros natos cujas línguas maternas são, por exemplo, a língua kaingang, a hunsriqueana ou Libras, o direito ao exercício pleno de sua cidadania linguística”.

As Políticas Linguísticas, que compreendem um conjunto de ações para regular, avaliar e transformar estruturas e práticas linguísticas, segundo Maher, “ao serem estabelecidas e implementadas, colocam-se a favor ou contra uma maneira específica de se utilizar uma dada língua, ou mesmo a favor ou contra a legitimidade de sua própria

existência. E isso tem um impacto no modo como seus usuários são posicionados identitariamente”.

Ao longo da entrevista, a pesquisadora também abordou investigações que analisam as razões do desaparecimento de línguas. Conforme Maher, estudos indicam que a coerção ideológica, muitas vezes acompanhada de coerção física, é um fator determinante para membros de comunidades de falantes de línguas minoritárias se distanciarem de suas línguas tradicionais. “Esse processo pode ser revertido, ainda que essa tarefa não seja simples, pois demanda esforços deliberados e contínuos. Porém, não se trata de ‘preservar’ a língua ‘intocada’, ‘preservá-la’ do modo tal e qual se imagina que ela teria sido um dia, mas de voltar a incluí-la, de formas e com graus de proficiência variados, no repertório comunicativo dos falantes do grupo étnico em questão”, defende.

Tereza Maher é graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, mestre em Linguística Aplicada e doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Atualmente, na mesma universidade, é professora Livre-docente do Departamento de Linguística Aplicada, coordenadora do Curso de Letras do Instituto de Estudos da Linguagem e membro do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Educação na área de Estudos da Linguagem - Cefiel. Desde 2013, também ocupa o cargo de Vice-presidente do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo - GEL.

Confira a entrevista.

“

Atribuir um valor positivo às línguas minoritárias brasileiras pode estimular compreensões menos etnocêntricas da configuração cultural do nosso país

IHU On-Line - Poderia falar um pouco mais em que consiste e como se dá a relação entre políticas linguísticas e políticas de identidades?

Tereza Maher - Toda Política Linguística, ao ser estabelecida e implementada, coloca-se a favor ou contra uma maneira específica de se utilizar uma dada língua, ou mesmo a favor ou contra a legitimidade de sua própria existência. E isso tem um impacto no modo como seus usuários são posicionados identitariamente. Políticas Linguísticas, isto é, esforços deliberados para regular, transformar e avaliar estruturas e práticas linguísticas, não são nunca processos neutros, apolíticos: ao prestigiar um modo específico de se comunicar linguisticamente, em detrimento de outro(s), alguns falantes/escritores são, em contrapartida, exaltados, pois passam a ser vistos como usuários “legítimos” de uma língua, ou variedade, “autêntica”, enquanto outros são denegridos, pois passam a ser vistos como falantes/escritores de uma língua, ou variedade, “não autorizada”.

IHU On-Line - De que maneira a senhora avalia o plurilinguismo no Brasil e a instauração da ideologia do monolinguismo no país? Como se reflete na construção sociocultural nacional? Qual é o resultado desse processo?

Tereza Maher - Resultado de processos históricos que, de for-

ma muito eficiente, conseguiram aqui instaurar a ideologia do monolinguismo. O fato de os cidadãos brasileiros, em sua imensa maioria, perceberem o seu país como um país monolíngue é uma grave distorção que, do meu ponto de vista, bem como do ponto de vista de vários outros acadêmicos, precisa ser urgentemente corrigida. Como efeito dessa visão distorcida, tem-se que os falantes de línguas brasileiras minoritárias tenham passado a ocupar, no imaginário de grande parte da população, o lugar de “cidadãos brasileiros de segunda classe”, já que não dominam aquela que seria a única língua legítima do país, a sua “língua nacional”: o português. Subtrai-se, assim, de cidadãos brasileiros natos cujas línguas maternas são, por exemplo, a língua kaingang, a hunsriqueana ou Libras, o direito ao exercício pleno de sua cidadania linguística. É preciso que se entenda que o Brasil tem, em seu Atlas Linguístico, mais de 220 línguas nacionais, sendo a língua portuguesa, apenas uma delas.

IHU On-Line - As políticas de linguagem no Brasil devem valorizar a diversidade linguística existente no país? Por quê? Que importância essa ação teria para o país?

Tereza Maher - Além do que apontei na resposta anterior, entendendo que a valorização do plurilinguismo brasileiro tem implicações importantes também para a valorização da diversidade cultu-

ral do país como um todo. Explíco: comunidades de práticas que fazem uso de línguas minoritárias operam, frequentemente, com matrizes culturais particulares. Atribuir um valor positivo à existência das línguas minoritárias brasileiras pode também contribuir para a valorização do multiculturalismo brasileiro, pode estimular compreensões menos etnocêntricas da configuração cultural do nosso país. Em vez de pensarmos na existência de uma “cultura brasileira” única, melhor seria pensarmos em termos de “culturas brasileiras”, entendendo, assim, que diferentes grupos sociais do país tendem a ter, no seu interior, cidadãos com diferentes visões de mundo, cidadãos que atribuem sentidos diferenciados e específicos a crenças e ações.

IHU On-Line - Quais foram, ou são, as línguas mais prejudicadas pela ideologia do monolinguismo no Brasil?

Tereza Maher - Sem dúvida alguma, as línguas africanas foram as mais prejudicadas pela ideologia do monolinguismo aqui instaurada por diferentes Políticas Linguísticas. Hoje podemos encontrá-las apenas cumprindo função quase sempre unicamente ritual em algumas comunidades religiosas do país, ou como formas de expressão “secretas” em comunidades negras rurais constituídas por descendentes de antigos escravos, como em Tabatinga, Minas Gerais, por exemplo.

IHU On-Line - Que fatores podem levar uma comunidade de fala, ou grupo étnico, a se distanciar de sua língua tradicional? Esse processo de distanciamento pode ser revertido? Uma língua pode ser revitalizada? De que forma?

Tereza Maher - As pesquisas têm demonstrado que a coerção ideo-

lógica, muitas vezes acompanhada de coerção também física - há muitos dados que revelam que alunos indígenas apanhavam ou eram colocados de castigo por falarem, na escola, em suas línguas tradicionais -, é um fator determinante na explicação de o porquê membros de comunidades de línguas minoritárias terminaram por “abandonar” suas línguas tradicionais. Esse processo pode ser revertido, ainda que essa tarefa não seja em nada uma tarefa simples, pois demanda esforços deliberados e contínuos. Mas, sim, um grupo étnico pode se aproximar novamente de sua língua ancestral. E aqui é muito pertinente o uso do verbo “aproximar-se”, porque é disso mesmo que se trata. Não se trata de “preservar” a língua “intocada”, “preservá-la” do modo tal e qual se imagina que ela teria sido um dia, mas de voltar a incluí-la, de formas e com graus de proficiência variados, no repertório comunicativo dos falantes do grupo étnico em questão. E, entendo, é nesse sentido que os projetos de “revitalização linguística” devem caminhar. A pergunta norteadora desses projetos deve ser, na minha perspectiva: “Em que domínios comunicativos, em que modalidades linguísticas e com que grau de competência é viável, é factível pensar o ‘retorno’ dessas línguas, pensar a sua inclusão no repertório linguístico atual dos membros da comunidade?”

IHU On-Line - O que a marginalização das línguas indígenas brasileiras representa para a construção da história, cultura e identidade étnica desses povos? E do Brasil?

Tereza Maher - A marginalização dessas línguas afeta, evidentemente, a autoestima de seus usuários. Suas línguas têm sido frequentemente classificadas como “não línguas”, como “gírias” ou “patoás”, o que explica o

porquê de apenas 11 de todas as línguas indígenas brasileiras ainda existentes no país terem mais de 5.000 falantes, o que coloca as outras línguas indígenas em estado de extrema vulnerabilidade (Monserat, 2006)¹. Agora, é importante esclarecer que, como venho in-

“ O desaparecimento das línguas minoritárias representa um empobrecimento significativo do acervo cultural do Brasil

sistentemente argumentando em vários artigos, o desaparecimento de uma língua indígena não implica no desaparecimento da identidade indígena. Eles continuam, e continuarão, a fazer emergir sua indianidade na língua portuguesa, que passa, assim, em muitos casos, a ser a língua indígena da comunidade. É preciso enfatizar sempre que a etnicidade não está ontologicamente alocada em nenhuma materialidade linguística. A etnicidade é da ordem do discurso, não da língua. Vejam bem: a minha própria etnicidade não é construída exclusivamente quando faço uso da minha língua materna, isto é, do português. Eu também me enuncio como sujeito, eu também faço emergir minha brasilidade quando faço uso de uma língua

¹ MONSERRAT, R. M. F. **Política e Planejamento Linguístico nas Sociedades Indígenas do Brasil Hoje: o espaço e o futuro das línguas indígenas**. In: L. D. B. Grupioni (org.) *Formação de Professores Indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: MEC/SECAD, p. 131-153, 2006. (Nota da entrevistada)

estrangeira. Assim sendo, o *índio* se constrói, se revela, discursivamente, *índio*, se assim o desejar, em qualquer língua, em mais de uma língua inclusive. Mas, com isso, não estou querendo dizer que o desaparecimento de uma língua indígena é uma questão banal, tanto para o povo indígena em questão quanto para o Brasil. Se é fato que os cidadãos indígenas não deixarão de sê-los, caso elas desapareçam, também é fato que o seu desaparecimento representa um empobrecimento significativo do acervo cultural do país. Daí a importância de políticas públicas voltadas para o seu fortalecimento, a sua continuidade.

IHU On-Line - Existem movimentos de valorização das línguas indígenas no Brasil? Como está este trabalho no país? Quem são os principais atores desse processo? A grande mídia participa desses movimentos?

Tereza Maher - O número de iniciativas empreendidas no sentido de valorizar essas línguas, lideradas e incentivadas principalmente por organizações indígenas e por entidades civis brasileiras, vem aumentando consideravelmente após a promulgação da Constituição Brasileira de 1988, já que nesse documento reconhecem-se, pela primeira vez na história do país, os direitos linguísticos das populações indígenas lotadas em território brasileiro. Os resultados dessas iniciativas podem ser vistos, por exemplo, no número razoavelmente expressivo de programas de educação bilíngue existentes em aldeias. O fato de algumas cidades brasileiras, como, por exemplo, São Gabriel da Cachoeira, no Estado do Amazonas, já incluírem línguas indígenas como línguas oficiais desses municípios também é revelador da tendência de valorização dessas línguas. Até onde sei, a grande mídia não tem sido um aliado significativo nessas conqui-

tas sociais e políticas - sua participação nesses processos tem sido residual.

IHU On-Line - Quais as diferenças conceituais entre língua minoritária e língua minoritizada?

Tereza Maher - De um modo geral, a menção à expressão *língua minoritária* é utilizada para fazer referência ao fato de o número de usuários dessa língua ser reduzido vis-à-vis o contingente populacional do país no seu todo. As expressões *língua minoritizada* ou *língua minoritarizada*, por outro lado, chamam a atenção, não para o número diminuto de seus usuários, mas para o fato de que eles se encontram, porque foram aí colocados, em posição de desempoderamento. Mas, essa distinção, é importante aqui ressaltar, nem sempre é observada: eu mesma venho utilizando a expressão *língua minoritária* para me referir tanto ao número de falantes/escritores que a utilizam, quanto ao fato de que seus usuários se veem destituídos de poder político.

IHU On-Line - De que modo as pesquisas de cunho sociolinguístico podem auxiliar o processo de valorização das línguas consideradas minoritárias?

Tereza Maher - Por um lado, pesquisas dessa natureza, conduzidas por linguistas e por linguistas apli-

cados, podem subsidiar projetos de fortalecimento dessas línguas desenvolvidos pelas próprias comunidades de prática nas quais elas são utilizadas. Por outro, elas podem contribuir, desde que seus resultados sejam adequadamente divulgados, tanto para que o público leigo em geral possa se sensibilizar para manifestações do plurilinguismo no país, quanto para que os formuladores de políticas públicas possam tomar decisões estando mais bem informados.

IHU On-Line - As Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs participam dos processos de promoção, revitalização e mesmo expansão das línguas minoritárias?

Tereza Maher - Sim. Os usuários de línguas minoritárias vêm se utilizando, cada vez mais, dos novos recursos tecnológicos hoje à sua disposição para chamar a atenção para a existência e legitimidade dessas línguas na paisagem linguística nacional, seja por meio de comunidades específicas nas redes sociais virtuais, seja por meio da divulgação de *sites*, de vídeos ou de programas de ensino para elas voltadas.

IHU On-Line - A senhora poderia falar um pouco sobre seu projeto "Políticas Linguísticas, Políticas de Identidade: Representações em Práticas Discursivas Indígenas", desenvolvido com os

professores indígenas acreanos? Como está o projeto hoje? Quais os principais resultados?

Tereza Maher - Um dos objetivos desse projeto era produzir conhecimento para que os professores indígenas acreanos pudessem pensar políticas eficientes de fortalecimento e de valorização das línguas tradicionais de suas comunidades. Para tanto, esses professores precisavam fazer, em um primeiro momento, um diagnóstico, tão preciso quanto possível, do grau de vitalidade dessas línguas em suas aldeias (em que domínios comunicativos elas estavam sendo utilizadas, ou não, e, em caso afirmativo, por quem e com que grau de proficiência). Paralelamente, era preciso tentar determinar quais as expectativas reais dos membros de suas comunidades quanto ao futuro dessas línguas. Essa primeira etapa de suas pesquisas estão praticamente finalizadas. Resta, agora, tendo em mãos esse conhecimento, pensar estratégias específicas para cada caso. A situação sociolinguística das línguas indígenas acreanas é muito diversa, varia bastante de um povo indígena para outro e até mesmo de uma aldeia para outra de um mesmo povo, não sendo desejável, portanto, pensarmos no estabelecimento de políticas linguísticas muito abrangentes. Cada professor indígena terá que pensar uma política específica para a sua comunidade. ■

LEIA MAIS...

- **Mobilização Abril Indígena: raízes e razões da luta.** Artigo publicado em Notícias do Dia, de 13-04-2015, no sítio do IHU. Disponível em <http://bit.ly/1za3SOq>.
- **Como entender a cultura indígena e suas transformações?** Entrevista com Roberto Liebgott e Iara Bonin, publicada na revista IHU On-Line 257, de 05-05-2008. Disponível em <http://bit.ly/1BXK16o>.

O jogo discursivo enquanto arma nas lutas de classes

Para Anna Christina Bentes, o estudo do popular na linguagem e suas relações com o contexto dominante é uma tarefa urgente para o campo dos estudos das relações entre linguagem e sociedade

Por Leslie Chaves

Identidade e linguagem são instâncias que se afetam mutuamente nos processos de constituição dos sujeitos. Cotidianamente os indivíduos transitam por diversos ambientes e, conforme aponta Bentes, “quanto mais um sujeito participa de diferentes redes de experiência social, no sentido da possibilidade de circulação por diferentes grupos e por diferentes espaços sociais, mais ele amplia o seu repertório linguístico, mais ele amplia suas competências comunicativa e discursiva”. Nesses movimentos, as identidades desses indivíduos também sofrem transformações. Conforme frisa a pesquisadora, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, “a constituição da identidade pela linguagem é um processo em constante mutação, cumulação e aperfeiçoamento”.

As investigações de Anna Christina Bentes centram-se na compreensão da importância do papel da linguagem na configuração de identidades sociais, a partir do estudo de grupos populares. Segundo a pesquisadora, sua escolha tem o objetivo de privilegiar grupos sociais diferentes dos que vêm sendo estudados desde a década de 1980. “Eu queria estudar sujeitos que tivessem uma renda familiar mais baixa e, supostamente, com pouca escolaridade, que são vistos por outros grupos como menos legitimados socialmente justamente em função de seu menor poder aquisitivo, de sua menor escolaridade e de seu menor trânsito em campos sociais mais legitimados”, explica.

Para Bentes, após a eleição do Presidente Lula, em 2002, as classes consideradas populares e os sujeitos que se identificam como pertencentes a minorias sociais foram evidenciados no espaço público, porém esse destaque não se manteve.

“Assistimos a um empoderamento das camadas populares no Brasil, especialmente durante o segundo mandato do Presidente Lula. A presença das vozes sociais historicamente excluídas em espaços de produção e de circulação da chamada língua legítima foi um sucesso momentâneo e isto aconteceu em função do contexto sociopolítico de reforço a políticas públicas afirmativas.”

Nesse contexto, a pesquisadora explica que pesquisas nesse âmbito “podem revelar como os sujeitos se apropriam de recursos semióticos de forma a fazerem parte da luta por legitimação social, dos embates contemporâneos sobre temas importantes para a sociedade brasileira. Se você diz ‘popular’, você está necessariamente falando, como nos diz Bourdieu, da ação de ‘ignorar as convenções e as conveniências do linguajar dominante’”, ressalta. Na entrevista, Bentes aborda ainda as relações de poder e a questão do preconceito linguístico como o embate entre diferentes horizontes de valores e crenças que constroem as variedades linguísticas e as práticas comunicativas.

Anna Christina Bentes é graduada em Letras, com mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e pós-doutorado em Linguística pelo Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia, Berkeley. Atualmente é professora do Departamento de Linguística da Unicamp e uma das coordenadoras do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Pibid, no curso de Letras da mesma universidade.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - De que modo a linguagem constitui a identidade dos sujeitos?

Anna Christina Bentes - A linguagem constitui a identidade dos sujeitos de muitos modos. E as múltiplas identidades sociais que nos constituem reconfiguram nossas competências comunicativas e discursivas e também os nossos repertórios linguísticos. Assim, as relações entre linguagem e identidade são de reversibilidade. Há um consenso entre os sociolinguistas em relação ao seguinte fato: quanto mais um sujeito participa de diferentes redes de experiência social, no sentido da possibilidade de circulação por diferentes grupos e por diferentes espaços sociais, mais ele amplia o seu repertório linguístico, mais ele amplia suas competências comunicativa e discursiva. No entanto, sabemos que os espaços sociais são razoavelmente organizados e que, portanto, há restrições que não permitem que um sujeito possa se engajar de maneira imediata ou espontânea em determinadas práticas comunicativas, tais como aquelas que exigem conhecimentos técnico-científicos ou ainda como aquelas que exigem longo tempo de treinamento, típicas dos mercados linguísticos dominantes. Por isso, podemos dizer que a constituição da identidade pela linguagem é um processo em constante mutação, cumulação e aperfeiçoamento. Trabalhamos nossas identidades linguísticas ao longo da vida e isso pode ser um tipo de ação mais ou menos reflexiva, mais ou menos eficaz, mais ou menos objetiva, dependendo de nossas trajetórias no mundo social.

IHU On-Line - Um de seus temas de pesquisa é a questão do popular na linguagem. O que a levou a essa escolha? O que investigações com essa temática podem abordar e revelar?

Anna Christina Bentes - Eu queria estudar outros grupos sociais que não aqueles contemplados pelos grandes projetos já desenvolvidos por pesquisadores brasileiros desde a década de 1980 até hoje.

Eu queria estudar sujeitos que tivessem uma renda familiar mais baixa e, supostamente, com pouca escolaridade. Eu queria observar mais de perto os “porta-vozes” de grupos para chegar até os membros dos grupos das chamadas “classes perigosas”, que são vistos por outros grupos como menos legitimados socialmente justamente em função de seu menor poder aquisitivo, de sua menor escolaridade e de seu menor trânsito em campos sociais mais legitimados. Comecei a pensar isso logo depois da estrondosa vitória do Presidente Lula, em 2002, depois de minha entrada na Unicamp. Para mim, o interessante era começar a observar o que Bourdieu ([1983] 1996)¹ chama de “a afirmação de uma contralegitimidade linguística”, e ao mesmo tempo, como ele diz, “a produção de discursos fundada na ignorância mais ou menos deliberada das convenções e das conveniências características dos mercados dominantes”. Por isso, comecei a estudar *raps* e a produção discursiva de *rappers*. Sobre isso, escrevi alguns textos, mas estou apenas começando. Estou convencida de que estudar o problema do popular na linguagem não é necessariamente instaurar falsas dicotomias ou trabalhar no interior de dicotomias predefinidas, mas tentar compreender, da melhor maneira possível, como nos diz Bourdieu, “as censuras constitutivas dos mercados linguísticos dominantes” e os “benefícios das liberdades necessárias oferecidas por alguns mercados linguísticos livres”.

IHU On-Line - Como se define o que é uma variedade popular da língua? Como se constrói esse tipo de linguagem?

Anna Christina Bentes - Um modo de ver uma variedade popular da língua é vinculá-la às práticas linguísticas de determinado grupo, tal como o faz Bourdieu ([1983] 1996): “Certamente, é com os homens e, entre eles, com os

mais jovens e os menos integrados, atualmente e, sobretudo, de forma potencial, na ordem econômica e social, como os adolescentes oriundos de famílias imigradas, que se encontra a recusa mais marcante à submissão e à docilidade implicadas na adoção de maneiras de falar legítimas. (...) A moral que constitui a transgressão como dever impõe uma resistência ostensiva às normas oficiais, linguísticas ou outras, que só pode ser mantida permanentemente ao preço de uma tensão extraordinária e, sobretudo para os adolescentes, com o reforço constante do grupo”.

IHU On-Line - Como se dão as relações entre determinados traços linguísticos e a posição enunciativa do sujeito? Essas características da linguagem podem marcar posicionamentos sociais? De que maneira?

Anna Christina Bentes - Acredito que a relação entre traços linguísticos e uma determinada posição enunciativa pode ser vista de maneira mais ampla, dado que os sujeitos se vinculam, segundo perspectivas sociolinguísticas mais recentes, a diferentes comunidades e práticas sociais. Em função disso, o meu interesse se foca mais nos processos por meio dos quais os sujeitos manipulam os recursos linguísticos disponíveis de maneira a construir significados sociais locais do que nos processos de reforço a significados sociais já preestabelecidos.

IHU On-line - De que modo a senhora avalia a questão do preconceito linguístico?

Anna Christina Bentes - Acredito que devemos tomar as práticas comunicativas como práticas sociais e que, como tais, pressupõem relações de poder. Uma das dimensões da prática comunicativa, segundo Hanks (1996)², seria a dimensão ideológica. Considerar essa dimensão significa compreender que os objetos do mundo social (inclusive

¹ BOURDIEU, P. **Você disse “popular”?** Revista Brasileira de Educação, N. 1, 1996, pp. 16-26. (Nota da entrevistada)

² HANKS, W. **Language and communicative practices.** Boulder, Colorado: Westview Press, 1996. (Nota da entrevistada)

a linguagem) são socialmente tipificados, isto é, são vistos de acordo com o horizonte de valores e de crenças dos sujeitos envolvidos nas interações sociais. De acordo com essa perspectiva, os sujeitos vão sempre exibir disposições diferenciadas para compreender os objetos ou para se engajarem em determinadas práticas verbais. Essas diferentes compreensões vão depender do lugar social do sujeito no interior de um determinado campo social.

A meu ver, o chamado preconceito linguístico deriva do embate entre diferentes horizontes de valores e crenças que configuram as variedades linguísticas e as práticas comunicativas. E esse embate precisa ser compreendido a partir de uma perspectiva relacional, ou seja, considerando-se as posições dos agentes em um determinado campo social. Por exemplo, em relação ao chamado campo educacional, o processo de legitimação das variedades cultas da língua e o de desvalorização das variedades populares está intimamente relacionado não apenas à aquisição de um capital cultural (reconhecimento por parte de um determinado grupo social) disputado pelos sujeitos, mas também à imposição de uma visão legítima do mundo social, no interior da qual a ciência está inevitavelmente envolvida.

Sendo assim, o preconceito linguístico deriva, como disse anteriormente, desses embates, e vê-lo de outra forma é reificar uma prática que, na verdade, deve ser contextualmente (re)significada pelos sujeitos que nela se engajam, pelos sujeitos que a percebem de modo distanciado e também pelos sujeitos que são objeto de tipificação social. Não podemos deixar de reconhecer, no entanto, que a incorporação de um modo legítimo de percepção do mundo social e, conseqüentemente, da língua legítima, é um grande prêmio a ser conquistado no jogo das lutas sociais. Por fim, gostaria de dizer que o preconceito linguístico pode e deve ser compreendido como um fenômeno multidimensional, ou

seja, é uma ação social também marcada por injunções étnicas, de classe e de gênero. Nesse sentido, o preconceito linguístico não é um fenômeno que acontece em função de um único eixo (língua legítima & língua não legítima), mas na simultaneidade de um conjunto de variáveis sociais.

IHU On-Line - Em um de seus trabalhos, a senhora menciona os estudos sociolinguísticos de "terceira onda". Poderia falar um pouco em que eles consistem e seus principais diferenciais?

Anna Christina Bentes - Foi Penelope Eckert, sociolinguista americana, quem postulou as três ondas da sociolinguística. Para ela, o desenvolvimento do campo da sociolinguística se deu em função de um conjunto de práticas metodológicas e analíticas criadas a partir das descobertas de uma "onda" anterior.

Primeira Onda

Segundo a autora, a primeira onda seria caracterizada pelo fato de terem sido desenvolvidos estudos de base quantitativa sobre o fenômeno da variação linguística focalizando especialmente dialetos regionais e étnicos, assim como a mudança linguística. Exemplos de estudos brasileiros que podem ser considerados como representantes desta primeira onda podem ser encontrados na Revista ALFA, n. 56, de 2012³, organizada pelo professor Sebastião Carlos Leite Gonçalves, da UNESP de S. J. de Rio Preto e por mim. Esse volume apresenta alguns dos importantes resultados de pesquisa desenvolvida, ao longo das últimas quatro décadas, por grupos de pesquisadores que assumem pressupostos centrais da Sociolinguística Variacionista e que desenvolvem análises do fenômeno da variação linguística com base em bancos de fala: os pesquisado-

3 GONÇALVES, S. C. L.; BENTES, A. C. **Apresentando retratos sociolinguísticos e dialetológicos do Brasil**. Alfa, São Paulo, 56 (2): 719-1163, 2012b. Disponível em <http://bit.ly/1KZouiQ>. (Nota da entrevistada)

res do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), do Projeto Variação Linguística Urbana do Sul (VARSUL), do Projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PОР-TVIX), do Projeto Variação Linguística no Centro-Oeste (VALCO), do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba (VALPB), do Grupo de Estudos em Pesquisa Sociolinguística da USP (GESOL-USP), do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), Grupo de Pesquisa de Descrição Sócio-Histórica das Vogais (do Brasil) (PROBRAVO).

Segunda Onda

Para Eckert (2005)⁴, na segunda onda, o fenômeno da variação passa a ser visto como recurso para a construção dos significados sociais na e por meio da linguagem. De forma a contemplar esses objetivos, os pesquisadores passam a focar o fenômeno de variação linguística em comunidades menores, observadas por períodos de tempo razoavelmente longos, com o objetivo de encontrar as variáveis locais significativas. Essa forma de conceber o estudo da variação leva a uma nova interpretação do fenômeno da mudança linguística, agora analisada no interior do sistema de significação social do qual faz parte. Para a autora, o primeiro trabalho desenvolvido nessa perspectiva é o estudo de Labov (1963) na ilha Martha Vineyard, além de seus próprios trabalhos (Eckert, 1989; 2000)⁵, dentre outros. Essa segunda onda de estudos sobre variação estabelece conexão entre as "grandes fotografias" produzidas pelos estudos labovianos e as dinâmicas locais.

4 ECKERT, P. **Variation, convention and social meaning**. Paper presented at the Annual Meeting of Linguistic Society of America, Oakland, CA, Jan. 2005. (Nota da entrevistada)

5 ECKERT, P. **Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School**. New York: Teachers College Press, 1989. /ECKERT, P. **Linguistic Variation as Social Practice: The Linguistic Construction of Identity in Belton High**. Malden. MA: Blackwell, 2000. (Nota da entrevistada)

Terceira Onda

Por fim, para apresentar como Eckert pensa a terceira onda, cito aqui o trabalho de Nogueira (2010, p. 21-22)⁶: “Na base do que Eckert chama de “terceira onda” estaria a compreensão da linguagem enquanto prática, instituição produzida e reproduzida no curso dos encontros sociais. Para a linguísta, a relação entre competência linguística individual e língua só pode ser compreendida quando se tem em mente as variadas comunidades nas quais os indivíduos se engajam. Desde comunidades menores com que ele trava contato mais íntimo, até mesmo comunidades globais, como, por exemplo, “a comunidade de falantes de língua portuguesa”. Dessa observação, Eckert (2005) conclui que, como já observara Hebdige (1984)⁷, “o estilo é uma prática de bricolagem por meio da qual os indivíduos combinam uma ampla gama de recursos disponíveis, de modo a construir novos significados, ou ainda distorcem significações antigas de modo a criar novas. Essa prática envolve a habilidade de construir significados mais locais pela manipulação de recursos de ampla disponibilidade nos mercados linguísticos (ECKERT, 2005, p. 24). Portanto, ao entender essa atividade como prática contínua de construção e reconstrução dos significados das variáveis, Eckert (2005) propõe que nos voltemos a compreender não as convenções, mas sim o processo de convencionalização. Em outras palavras, a autora propõe que tentemos compreender não os significados indicados pelas variáveis, mas o processo por meio do qual as variáveis podem iniciar esses significados” (ECKERT, 2005, p. 24).

6 NOGUEIRA, C. M. A. N. **Significados sociais da variação estilística em esquetes de rádio**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2010. Disponível em <http://bit.ly/1T8SzSA>. (Nota da entrevistada)

7 Hebdige, Dick. **Subculture: The meaning of style**. New York: Methuen, 1984. (Nota da entrevistada)

IHU On-Line - De acordo com um de seus artigos, a atual agenda dos estudos sociolinguísticos trabalha a partir das mudanças de perspectivas da identidade e do papel da linguagem. A senhora poderia falar um pouco sobre essas transformações? Como elas se refletem nas pesquisas?

Anna Christina Bentes - Em minhas pesquisas procuro compreender como a linguagem tem um papel muito importante na configuração de identidades sociais, tipificando-as mesmo que local e emergentemente. Um exemplo disso são as análises que desenvolvi, junto com queridas orientandas, sobre a fala do *rapper* paulista Mano Brown em diferentes contextos. Os nossos estudos mostram como o *rapper* se movimenta entre os diversos conflitos com os quais se depara cotidianamente. Um exemplo é a análise que fizemos (Bentes, Ferreira-Silva e Mariano, 2014)⁸ de determinados recursos textuais e discursivos mobilizados por Mano Brown, em entrevista concedida ao programa televisivo Roda Viva. Nossa conclusão é a de que a manipulação desses recursos corresponde, simultaneamente, a um trabalho interacional/relacional e a um trabalho discursivo de reforço identitário e estilístico. Os usos estratégicos de recursos textual-discursivos em diferentes momentos da interação ora promovem a atenuação do estilo discursivo do entrevistado, marcado pela contraposição a valores sociais preestabelecidos, ora reforçam sua identidade de protagonista de movimento social, funcionando como estratégias de impolidez destinadas a legitimar o lugar enunciativo do *rapper* como sujeito que não se submete a centros de valor opostos ao seu.

IHU On-Line - Fez parte de um de seus projetos de pesquisa a análise da linguagem popular

8 BENTES, A. C.; FERREIRA-SILVA, B.; MARIANO, R. D. **Atenuação e impolidez como estratégias estilísticas em contexto de entrevista televisiva**. Cadernos de Letras da UFF, v. 47, p. 285-314, 2014. (Nota da entrevistada)

dentro de produtos midiáticos, como o programa de auditório. De que forma avalia a inserção dessa variante linguística no espaço midiático?

Anna Christina Bentes - Desde 2008, tenho me dedicado a analisar a produção de linguagem a partir de um banco de dados que construímos no interior do Projeto “*É nós na fita*: a formação de registros e a elaboração de estilos no campo da cultura urbana popular paulista”⁹, financiado pela FAPESP no período de 2010 a 2013. Assistimos a um empoderamento das camadas populares no Brasil, especialmente durante o segundo mandato do Presidente Lula. A presença das vozes sociais historicamente excluídas em espaços de produção e de circulação da chamada língua legítima foi um sucesso momentâneo e isto aconteceu em função do contexto sociopolítico de reforço a políticas públicas afirmativas. A meu ver, as mudanças pelas quais passaram os programas televisivos Manos e Minas, da TV Cultura de São Paulo, e o Conexões Urbanas, exibido pelo Canal Multishow, é bastante visível de 2010 até hoje. A presença das vozes dos socialmente excluídos, seja em reportagens, seja no auditório (no caso do Manos e Minas), foi ficando cada vez mais rara até ser reduzida ao silêncio de antes. Trabalhos interessantes que fizeram fotografias sobre o que aconteceu no período são o de Granato (2011)¹⁰ e o de Mariano (2011)¹¹.

9 BENTES, A.C. “*É nós na fita: a formação de registros e a elaboração de registros no campo da cultura urbana paulista*”. N. do processo: 2009/08369-8. Projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa. Unicamp, Campinas, 2009. (Nota da entrevistada)

10 GRANATO, L. B. **Gêneros discursivos em foco: dos programas televisivos Manos e Minas e Altas Horas**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2011. (Nota da entrevistada)

11 MARIANO, R.D. **Análise da gestão tópicica do programa “Manos e Minas”**. Monografia (Licenciatura em Letras). Orientador: Anna Christina Bentes da Silva. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2011. (Nota da entrevistada)

IHU On-Line - O que as pesquisas sobre a linguagem popular na mídia podem revelar?

Anna Christina Bentes - Acredito que quando falamos em linguagem popular na mídia estamos falando de vários objetos sociais. Estamos falando tanto de práticas linguísticas e comunicativas de agentes sociais que não têm trajetórias nos campos sociais mais legitimados, como também de práticas linguísticas e comunicativas de agentes sociais que passam a ser muito valorizados nas diferentes mídias (especialmente nas redes sociais) em função de suas performances e de sua produção textual multissemiótica. As pesquisas podem revelar como os sujeitos se apropriam de recursos semióticos de forma a fa-

zerem parte da luta por legitimação social, dos embates contemporâneos sobre temas importantes para a sociedade brasileira. Se você diz "popular", você está necessariamente falando, como nos diz Bourdieu, da ação de "ignorar as convenções e as conveniências do linguajar dominante" (ver, por exemplo, o vídeo intitulado "Não tira o batom vermelho", de autoria de Jout Jout Prazer¹²), de forma a fazer com que sua "mensagem" possa atingir um número muito maior de pessoas. Quando você diz "popular", você também está falando do fato de que "as produções linguísticas e culturais dos dominados variam profundamente segun-

¹² Disponível em <http://bit.ly/1MBOGBg>. (Nota da **IHU On-Line**)

do sua inclinação e atitude para beneficiar-se das liberdades reguladas oferecidas pelos mercados livres, ou para aceitar as obrigações impostas pelos mercados dominantes" (Bourdieu, [1983] 1996, p.26). Os estudos que venho desenvolvendo revelam que os sujeitos das camadas populares e os sujeitos que se identificam como pertencendo a minorias sociais procuram se equilibrar entre uma atitude e outra, criando, por meio de suas produções discursivas, condições para o enfrentamento da censura imposta pelos mercados dominantes. Acompanhar e compreender essa movimentação é uma tarefa urgente para todos aqueles que estudam as relações entre linguagem e sociedade. ■

LEIA MAIS...

- **"A verdade é uma formulação de linguagem"**. Entrevista com Alfredo Culleton, publicada na IHU On-Line 363, de 30-05-2011, disponível em <http://bit.ly/1IsKOMF>.
- **Quando a língua se transforma em objeto de manipulação ideológica e controle social.** Entrevista com Alfredo Culleton, publicada na IHU On-Line 363, de 30-05-2011, disponível em <http://bit.ly/1FOY66J>.



**Siga-nos no
instagram**

@_ihu

https://instagram.com/_ihu/



www.ihu.unisinos.br

O aprendizado para além dos muros da escola

Para a pesquisadora Vera Lúcia Paiva, o processo de aquisição de outros idiomas pressupõe pensar projetos educacionais baseados em interações para além da sala de aula

Por João Vitor Santos e Ricardo Machado

Superar os desafios no que diz respeito à formação de professores, em que as atratividades são cada vez menores, em um contexto de transformação constante, requer pensar os processos educativos de aprendizagem de língua estrangeira de uma maneira mais ampla. “Apesar dos avanços das tecnologias digitais, o desafio continua sendo a falta de estímulo para se usar a língua fora da sala de aula”, pondera Vera Lúcia Paiva em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

“Geralmente, todos os alunos gostam de usar ferramentas digitais. Existem muitas ferramentas de áudio e voz gratuitas que podem ser usadas para praticar as várias habilidades. Os alunos precisam apenas de orientação e apoio dos professores para utilizar essas oportunidades de prática do idioma”, avalia. Segundo a pesquisadora, a experiência de sala de aula é um momento simulado e pedagogizado, daí a importância de utilizar outros momentos de interação. “O professor pode criar projetos para seus alunos para interação oral com professores em outros países e proporcionar a seus aprendizes experiências de uso autêntico da língua”, frisa.

Recentemente o governo passou a incluir livros de línguas estrangeiras

no Programa Nacional do Livro Didático - PNLD, o que tem sido um aspecto muito relevante. Além disso, a Internet rompeu com os muros da escola e ajudou a criar novas relações. “Os alunos mais autônomos criam suas próprias oportunidades de uso da língua na web”, destaca.

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva é graduada em Português e Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-Minas e graduada em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, onde também realizou mestrado em Inglês. Doutorou-se em Linguística e Filologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e fez pós-doutorado na PUC-Minas. É uma das pioneiras no ensino e pesquisa em educação a distância na área de Letras. Foi presidente da Comissão de Especialistas em Letras da SESu/MEC (2000/2002) e presidente da Associação de Linguística Aplicada do Brasil - ALAB (2000/2002). Coordena o projeto de pesquisa Aprendendo com Memórias de Falantes e Aprendizes de Língua Estrangeira - AMFALE com colaboradores no Brasil, Japão, China e Finlândia. Foi agraciada com a Medalha Santos Dumont, Categoria Prata, em 2010.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os maiores desafios para o ensino de língua estrangeira na atualidade? Há diferenças significativas entre o ensino de língua estrangeira para crianças e para adultos?

Vera Lúcia Menezes - O maior desafio ainda é a formação de professores e a pouca atratividade da profissão de professor. Ainda existem muitos cursos de licenciatura em línguas estrangeiras com ati-

vidades acadêmicas insuficientes para formar um bom professor. Muitas instituições ainda colocam profissionais no mercado sem a devida qualificação. Os concursos públicos, estaduais e municipais,

não medem a proficiência oral dos professores, e aqueles que não têm domínio suficiente da língua se sentem desmotivados a investir no desenvolvimento das habilidades orais de seus alunos. Outro desafio, apesar dos avanços das tecnologias digitais, continua sendo a falta de estímulo para se usar a língua fora da sala de aula.

Ensinar adultos é bem diferente de ensinar crianças. Se, por um lado, as crianças são mais tolerantes aos erros e estão dispostas a arriscar mais, os adultos têm mais oportunidades de uso real do idioma. Criar material didático para criança é também mais complicado, pois temos que adequar os temas e atividades à idade desse público.

IHU On-Line - De que forma a mediação do aprendizado pela tecnologia contribui para o desenvolvimento do aluno de língua estrangeira?

Vera Lúcia Menezes - Geralmente, todos os alunos gostam de usar ferramentas digitais. Existem muitas ferramentas de áudio e voz gratuitas que podem ser usadas para praticar as várias habilidades. Os alunos precisam apenas de orientação e apoio dos professores para utilizar essas oportunidades de prática do idioma. Em recente pesquisa que realizei com 100 alunos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, verifiquei que as tecnologias digitais estão presentes no cotidiano de nossos alunos. Eles disseram que gostam de assistir vídeos, fazer exercícios na web, usar dicionários eletrônicos, etc.¹

IHU On-Line - Quando se fala em uso de tecnologia para ensino de língua estrangeira, especialmente o inglês, a que se refere especificamente (de que tipo de tecnologias estamos falando)?

¹ Veja mais em <https://pt.surveymonkey.com/results/SM-JFFPJLS9/>. (Nota da entrevistada)

Vera Lúcia Menezes - Eu costumo dividir as ferramentas a partir da proposta de ensino por meio de projetos de Schneiderman,² que envolve quatro etapas: coletar-relacionar-criar-doar. Os aprendizes reúnem informações; se relacionam, trabalhando em equipes colaborativas; criam; e doam seus produtos. Para coletar informações, um bom exemplo de ferramenta é o Google; para se relacionar, o Facebook, os fóruns; para criar, temos inúmeras ferramentas para produção de texto mono e multimodal, e para doar, temos os blogs, as páginas web e as redes sociais. A doação só pode ser feita se envolvermos os alunos em projetos autênticos, como, por exemplo, a construção de um guia turístico construído ao longo do ano em um blog, por exemplo, com texto, imagens, *podcast*, *videocast*, vídeos, etc. Veja uma ilustração que fiz com alguns recursos disponíveis na web, seguindo essas quatro etapas. As que se encontram em cima das linhas são aquelas que podem servir para dois propósitos.



IHU On-Line - Como a tecnologia de voz funciona na promoção do desenvolvimento das habilidades orais? No que se diferencia da clássica experiência de sala de aula?

Vera Lúcia Menezes - A experiência de sala de aula é quase sempre simulada e pedagogizada. As tecnologias de voz, como, por exemplo, o Skype, o WhatsApp, dentre outras, permitem interação real e gratuita com outros falantes. O professor pode criar projetos para seus alunos para interação oral com professores em

² SHNEIDERMAN, B. Leonardo's laptop: human needs and the new computing technologies. Cambridge, MA: MIT Press, 2003. (Nota da entrevistada)

outros países e proporcionar a seus aprendizes experiências de uso autêntico da língua.

IHU On-Line - Qual o papel do educador/professor em processos de aprendizagem em que a tecnologia, o ambiente virtual, funciona como sala de aula?

Vera Lúcia Menezes - Tenho trabalhado nesses ambientes desde 1998. Minha opção é pela interação mediada pelo computador de forma assíncrona. Nesses ambientes, o papel do professor passa a ser o de moderador. Ele deixa de ser o protagonista e dá o palco para os alunos. Todos têm voz e podem participar no momento mais adequado para eles durante a semana. Mas não dá para ficar calado, pois quem não participa não se faz presente nas atividades. Não dá para ser um mero observador como comumente acontece na sala de aula.

IHU On-Line - De que forma as tecnologias da atualidade, Internet, redes sociais, entre outras, transformam o ambiente tradicional de sala de aula?

Vera Lúcia Menezes - A internet rompeu com as paredes da sala de aula e as redes sociais ampliaram os contatos e ajudaram a criar novas conexões. A sala de aula precisa acolher essas inovações. Os alunos mais autônomos criam suas próprias oportunidades de uso da língua na web. Os smartphones permitem que os alunos se gravem, interajam por áudio e texto e até participem de karaokê on-line, cantando com outras pessoas de partes diferentes no mundo. Um exemplo é o aplicativo *Smule* (<http://www.smule.com/>).

IHU On-Line - Do que se trata "as metáforas nas teorias de aquisição" nos processos de aprendizagem?

Vera Lúcia Menezes - Uma síntese de minha pesquisa foi publicada na revista *Trabalhos em Linguística Aplicada*.³ Cada teoria de aquisição

³ PAIVA, V.L.M.O. *What's in a name? The quest for new metaphors for sec-*

ção se escora em uma metáfora. A grande metáfora é a da aquisição, que dá nome inclusive ao campo de pesquisa. Cada metáfora implica um conceito de língua. A de aquisição vê a língua como uma commodity, algo externo ao aprendiz que tem que se esforçar para adquirir a "posse" do idioma. A outra "metáfora" é a da participação. Eu digo metáfora entre aspas porque, cognitivamente, participação não pode ser uma metáfora e sim uma metonímia, como defendo no artigo. Considero um equívoco teórico chamar participação de metáfora. Mas, nesse viés, a língua é adquirida em comunidades de prática, ela

ond language acquisition. Trabalhos em Linguística Aplicada. vol.53 n.1 Campinas: Jan/Jun 2014. Disponível em <http://bit.ly/1KqcUPv>. (Nota da entrevistada)

é socialmente construída. Temos trabalhado também com metáforas em narrativas de aprendizagem, e uma metáfora que reiteradamente aparece é a da aprendizagem como viagem.

IHU On-Line - Como avalia o ensino de língua estrangeira no contexto da escola regular? Que iniciativas podem representar ganho de qualidade no aprendizado, especialmente na rede pública?

Vera Lúcia Menezes - Acredito que a iniciativa recente do governo ao estender o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD às línguas estrangeiras é uma iniciativa marcante. As exigências dos editais acabam eliminando do mercado obras de menor qualidade e os materiais selecionados

apresentam abordagens de ensino que podem contribuir muito para a melhoria do ensino. O problema é que nem todo professor está preparado para usar esse novo material didático. Continuo insistindo que temos que investir na formação do professor.

IHU On-Line - É possível medir o aprendizado dos alunos? Qual é o melhor caminho para avaliar o aluno de língua estrangeira?

Vera Lúcia Menezes - Acho que o ideal é trocar as provas por outras formas de avaliar, como, por exemplo, os portfólios, ou a execução de tarefas e projetos. Se o aluno não se sai bem, ele tem oportunidade de refazer. Dessa forma damos prioridade à aprendizagem e não à nota. ■



V Colóquio Latino-Americano de Biopolítica
III Colóquio Internacional de Biopolítica e Educação
XVII Simpósio Internacional IHU

SABERES E PRÁTICAS NA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NA CONTEMPORANEIDADE

21 a 24 de Setembro de 2015

Informações e inscrições em ihu.unisinos.br

**O envio de trabalhos poderá ser feito até o dia 15/05/2015
para o e-mail simposioihu@unisinos.br**

A linguagem e a racionalização das emoções no mundo do trabalho

Maria do Carmo Oliveira explica como as linguagens no trabalho estabelecem uma nova ordem interacional, racionalizando inclusive os afetos

Por Leslie Chaves e Ricardo Machado

Um novo tipo de abordagem da linguística no âmbito da administração tem oferecido aos pesquisadores, antes considerados *outsiders* no espaço corporativo, um novo ramo de atuação. “Além da imersão (do linguista) no campo, procura-se conjugar o saber científico ao saber prático dos profissionais, o que viabiliza a produção de conhecimento novo e relevante para a área em estudo”, explica a professora e pesquisadora Maria do Carmo Oliveira, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Os avanços tecnológicos, que permeiam grande parte da sociedade, promoveram uma revisão profunda nos conceitos e padrões das interações face a face. “Se uma organização quer fomentar uma cultura de integração entre as pessoas, entre as áreas e entre a cúpula e a base, ela precisa examinar suas práticas comunicativas cotidianas para identificar o que dificulta essa integração”, exemplifica Maria do Carmo.

Imersos em uma dinâmica e em uma sociedade tecnocientífica, os processos de interação são marcados, também, por uma racionalização do afeto, esta-

belecendo certos padrões de comportamento. “O rótulo refere-se ao modo como determinados papéis e tarefas exercem um controle implícito ou explícito sobre a expressão das emoções, de modo a torná-las adequadas ao que se espera de alguém num determinado papel ou função profissional”, pontua. “Um exemplo é a máscara da simpatia que as organizações, em princípio, exigem de prestadores de serviço, sejam eles um atendente de *call center* ou um comissário de bordo”, esclarece.

Maria do Carmo Oliveira é graduada em Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Realizou mestrado e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro - PUC-Rio, com pós-doutorado pela Universidade de Lisboa, Portugal. Atualmente é professora do Departamento de Letras e Supervisora de Graduação na PUC-Rio. Atua nos cursos de formação de professor, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem e na interface dos estudos da Linguagem e da Administração.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os principais eixos de estudos sobre a interface trabalho e linguagem? Que contribuições essas pesquisas podem trazer para as duas áreas e para os perfis dos profissionais pesquisados e dos linguistas?

Maria do Carmo Oliveira - A noção de trabalho, na área da Linguística Aplicada, foi durante muito tempo relacionada, mais

restritamente, ao contexto profissional da educação e com foco na prática de ensino e aprendizagem, especialmente de segunda língua. Só a partir de meados dos anos 1970, outros contextos profissionais despertaram o interesse dos linguistas aplicados.

A partir dessa data, a literatura produzida tem sido classificada em três categorias, de acordo

com Sarangi,¹ um especialista em linguagem e comunicação no contexto profissional e organizacional. A primeira delas refere-se aos estudos descritivos de gêneros discursivos, que enfatizam aspectos léxico-gramaticais. A segunda, aos

1 Srikant Sarangi: professor de Ciências Humanas e Medicina e diretor do Instituto Dinamarquês de Ciências Humanas e Medicina na Universidade de Aalborg, Dinamarca. (Nota da **IHU On-Line**)

estudos interpretativos da fala-em-interação em ambientes de trabalho, que enfatizam os aspectos discursivos do uso da linguagem. A terceira, a mais recente, aos estudos de agenda intervencionista e centrada em problema, produzidos de forma colaborativa por analistas de discurso e por membros de várias profissões.

Em termos de Brasil, um exemplo dessa virada, nos fins dos anos 1990, foi a realização de um projeto de pesquisa com foco no discurso e práticas socioculturais em empresas portuguesas e brasileiras, desenvolvido no âmbito de um acordo binacional, com o apoio da Capes e do Instituto de Cooperação Científica e Tecnológica Internacional - ICCTI. Desse projeto, coordenado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e pela Universidade de Lisboa, participaram duas outras universidades brasileiras, uma já com tradição nos estudos descritivos do discurso empresarial, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, e a outra, a Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, que iniciava um projeto de pesquisa interpretativista da fala-em-interação no contexto das audiências do Procon. Um produto desse Acordo foi o 1º Congresso sobre *Discourse, Communication and Enterprise*, um congresso itinerante que tinha como objetivo aproximar pesquisadores da área da linguagem a pesquisadores e profissionais da área da gestão, marketing, economia, sociologia, psicologia. Hoje este congresso, que já percorreu inúmeros países, já está em 15ª edição, o que mostra o crescente interesse pelo contexto empresarial.

Em termos internacionais, dois outros contextos vêm merecendo uma atenção especial dos linguistas aplicados, contando com congressos e publicações próprias da área. Um deles é o contexto jurídico, representado pelo trabalho pioneiro de Malcolm Coulthard.²

² **Malcolm Coulthard:** Professor Emérito na Aston University/UK, possui doutorado em Sociolinguística – University of Birmingham (1970). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Discurso e Linguística

Sua expertise em analisar traços lexicais e gramaticais em textos permitiu um trabalho aplicado em tribunais do Reino Unido, demonstrando condenações errôneas em casos de falsificação de confissões por parte da polícia inglesa. Hoje o Brasil tem tido um papel importante na organização da área da linguística forense, organizando eventos da área e publicações.

Outro contexto que já tem uma tradição de pesquisa é o contexto da saúde. Destaque-se aqui o trabalho de Douglas Maynard,³ John Heritage,⁴ Paul Drew⁵ e Srikant Sarangi. É de Maynard e Heritage a edição do livro *Communication in Medical Care* (Cambridge: Cambridge University Press, 2006), um referencial nos estudos da área da saúde. E é de Drew e Heritage a edição de outro clássico dos estudos da fala-em-interação em contextos profissionais: *Talk at Work: Language Use in Institutional and Work-Place Settings* (Cambridge: Cambridge University Press, 1993). Já Sarangi, além das publicações, tem contribuído para impulsionar a área da saúde como fundador da publicação *Communication and Medicine* e do *Journal of Applied Linguistics*. É também coordenador da *Annual Interdisciplinary Conference on Communication, Medicine and Ethics* (COMET) e da *COMET Society*.

A expansão dos contextos de estudo das práticas profissionais e o

Forense. É professor visitante no Programa de Pós-graduação em Inglês da UFSC, atuando também no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET). (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Douglas W. Maynard:** professor e pesquisador titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Wisconsin, Estados Unidos, professor visitante honorário na Finlândia e membro do núcleo Harold Garfinkel. Em 2014, foi eleito Presidente da International Society for Conversation Analysis – ISCA. Leia também a entrevista *A conversa como remédio*, na edição 467 da **IHU On-Line**. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **John Heritage:** professor de Sociologia na Universidade da Califórnia em Los Angeles. Ele é uma das figuras-chave na abordagem conhecida como análise de conversação. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Paul de Drew:** pesquisador especializado em análise da conversação reconhecido internacionalmente por sua pesquisa sobre os processos básicos de interação ordinária. (Nota da **IHU On-Line**)

fato de algumas ciências sociais terem braços específicos para estudar suas relações com o trabalho, como a Sociologia do Trabalho, levou Sarangi (2005) a propor um novo ramo para a Linguística Aplicada: o da Linguística Aplicada das Profissões - LAP. Hoje a LAP já possui a sua revista e tem um congresso anual, o *International Conference Applied Linguistics and Professional Practice* - ALAPP, este ano em sua quinta edição.

É característica da LAP o compromisso com a produção de um conhecimento de relevância prática, a participação densa do pesquisador no contexto profissional em estudo, e uma abordagem de pesquisa sustentada pela colaboração dos profissionais pesquisados. Das essas características, são evidentes as contribuições tanto para a área da linguagem quanto para a área em estudo; tanto para o linguista como para os profissionais pesquisados.

No que se refere ao pesquisador - o linguista - destaque como maior contribuição a revisão de seus paradigmas, diante da proposta de uma abordagem colaborativa de pesquisa. O primeiro paradigma quebrado é o da relação do pesquisador com o contexto. O segundo é o do monopólio do conhecimento linguístico na análise de uma prática profissional. O terceiro é o monopólio do conhecimento científico para explicá-la.

Tradicionalmente, o pesquisador 'invadia' um dado campo profissional fora da escola para 'explorá-lo', com interesses primordialmente linguísticos. Sua entrada no campo prescindia de um letramento sobre aquela forma de vida e não havia um compromisso com a contribuição para o campo invadido. As interpretações da realidade eram feitas com base no conhecimento linguístico e científico.

Na nova abordagem, busca-se desconstruir o status de *outsider* do pesquisador, por meio de um processo de socialização que lhe permita apreender o modo de ver e fazer uma dada prática profissio-

nal. Além da imersão no campo, procura-se conjugar o saber científico ao saber prático dos profissionais, o que viabiliza a produção de conhecimento novo e relevante para a área em estudo.

Para as áreas, o retorno não é menor. Os avanços tecnológicos, por exemplo, não revolucionaram apenas as práticas de atendimento. As interações mediadas pela tecnologia trouxeram também uma revisão dos conceitos e dos padrões descritos para a interação face a face. E o mesmo podemos dizer com relação aos profissionais pesquisados.

É isso que buscamos mostrar no livro, lançado durante o Congresso Internacional Linguagem e Interação 3, *Você está entendendo? Contribuições do estudo da fala-em-interação para a prática do teleatendimento* (Campinas: Mercado de Letras, 2015), organizado pela Dra. Ana Cristina Ostermann e por mim. A partir da análise da fala-em-interação em teleatendimentos prestados por diferentes setores, as pesquisas ali reunidas oferecem uma explicação nova para os problemas de comunicação em *Call Centers* e um entendimento renovado da noção de contexto interacional e de participação. A microanálise realizada permite aos profissionais da área pesquisada desnaturalizar o uso da linguagem, desenvolver uma percepção mais aguçada da complexidade do processo comunicativo e a conscientização da importância da capacitação interacional para a realização de atividades centradas na linguagem.

IHU On-Line - Como a linguagem, enquanto espaço de interação, se constitui como uma prática de atividade produtiva nas empresas?

Maria do Carmo Oliveira - Como afirma Taylor, um reconhecido teórico canadense da comunicação organizacional, a organização é uma realidade virtual sustentada pela comunicação. Assim como a sociedade, a organização existe quando os indivíduos entram em

interação. É nos detalhes da interação que está a totalidade da vida organizacional.

Como o conhecimento sobre linguagem e interação não faz parte da formação de profissionais fora da área de Letras, não há uma consciência de que o comportamento de cada indivíduo participa da construção da organização que as pessoas querem ou não querem. Se uma organização quer fomentar uma cultura de integração entre as pessoas, entre as áreas e entre a cúpula e a base, ela precisa examinar suas práticas comunicativas cotidianas para identificar o que dificulta essa integração. Uma organização fraturada tem menos condições de ser produtiva.

O problema é que o diálogo entre Administração e a área da Linguagem ainda é recente. A visão da eficiência da produção industrial aproximou inicialmente a Administração da Engenharia industrial na busca de métodos científicos aplicáveis para elevar os níveis de produtividade das indústrias. Depois, com o advento dos estudos comportamentais, foram abertas as portas para o diálogo com outras disciplinas, como a psicologia, no que diz respeito ao comportamento do indivíduo, e a sociologia, a psicologia social, a antropologia no que diz respeito ao comportamento do grupo e das organizações. Só muito recentemente, os estudos organizacionais passaram por uma virada discursiva.

No que se refere especificamente à comunicação, só mais recentemente ainda, uma parte da literatura acadêmica vem abandonando a visão de comunicação como um conduíte, mas isso ainda não chega aos manuais sobre comportamento organizacional, que formam os profissionais em Administração. Diante desse quadro, fica mais fácil explicar a aparente contradição de a organização reconhecer a importância da comunicação, mas ao mesmo tempo não ser capaz de agir em relação a isso.

IHU On-Line - O que representam para o campo da linguística

aplicada os estudos a partir da análise de aspectos das relações sociais em materialidades discursivas (por exemplo, a polidez, o afeto, etc.)?

Maria do Carmo Oliveira - O paradigma da racionalidade humana teve - e tem - forte influência sobre o que as ciências definem ou privilegiam como objeto de estudo. Um dos aspectos das relações sociais que por muito tempo foi negligenciado é o afeto. A oposição razão/emoção tornou dicotômica a relação cognição/emoção, o que levou as ciências sociais e humanas a não terem olhos para essa dimensão social. O fato também de a razão ter sido associada ao que é lógico e a emoção ao que é ilógico fez com que essas ciências vissem também com maus olhos o que lhes parecia caótico demais para ser apreendido em regras.

No que se refere especificamente aos estudos organizacionais, uma exceção foram os estudos sobre *emotional labor* (Hochschild, 1993), ou performance emocional. O rótulo refere-se ao modo como determinados papéis e tarefas exercem um controle implícito ou explícito sobre a expressão das emoções, de modo a torná-las adequadas ao que se espera de alguém num determinado papel ou função profissional. Um exemplo é a máscara da simpatia que as organizações, em princípio, exigem de prestadores de serviço, sejam eles um atendente de *call center* ou um comissário de bordo. A racionalização do afeto e a orientação utilitária da área devem explicar a vasta literatura que tirou o afeto do limbo.

Como a Linguística Aplicada não se orienta pelo paradigma da racionalidade, o estudo da polidez/afeto no ambiente de trabalho trouxe um melhor entendimento do processo de coconstrução do afeto. Na área organizacional, o enfoque dado ao afeto é predominantemente cognitivo, os sentimentos mais focalizados são a satisfação ou o prazer/sofrimento com o trabalho, e a abordagem é de natureza quantitativa e do tipo *survey*.

Já os estudos qualitativos sobre afeto em Linguística Aplicada ampliaram o leque de expressões de afeto, assim como de suas modalidades de expressão. Propiciaram uma revisão da relação de estabilidade atribuída a um dado traço - seja ele lexical ou discursivo - e seu significado afetivo. Ofereceram entendimentos mais precisos para os resultados obtidos por meio de metodologias quantitativas. E, o mais importante, trouxeram evidência de que o afeto, como a conversa, não é caótico, tem suas regras, sensíveis à cultura.

IHU On-Line - De que forma pesquisas que analisam as relações sociais entre as pessoas no mundo do trabalho podem contribuir para a construção das práticas das atividades produtivas?

Maria do Carmo Oliveira - Há muitas formas de contribuir, depende de cada caso. Por exemplo, hoje profissões e ocupações não são baseadas apenas em conhecimento, mas também em habilidades. Ainda que as fronteiras entre conhecimento e habilidades não sejam sempre claras, o que se observa é que, independente da tarefa, as habilidades comunicativas passaram a ser um traço relevante no perfil de profissional desejado. A capacidade de construir relações, a facilidade para interagir e estabelecer relações de confiança tornaram-se tão valiosas quanto conhecimentos de natureza técnica e científica. A chamada competência interpessoal tornou-se o calcanhar de Aquiles para qualquer candidato a emprego.

Uma explicação para isso foram as mudanças ocorridas no mundo do trabalho. Hoje se fala numa síndrome da interatividade, uma ênfase no trabalho em equipe, o que exige um profissional capaz de se comunicar bem, seja no sentido de ser entendido, seja no sentido de ser bem aceito. Apesar dessa importância, o conceito de competência interpessoal ainda é uma categoria nebulosa para os gestores. Estudos em Linguística Aplicada têm apresentado resultados que

não só descrevem manifestações dessa competência, como também apontam para a relação entre competência interpessoal e o sucesso de uma dada atividade produtiva.

Um outro exemplo diz respeito às relações de confiança. A literatura em gestão tem enfatizado a função instrumental da confiança na obtenção de um bom nível de coesão corporativa, cooperação mútua entre colegas de trabalho e, conseqüentemente, sucesso empresarial. Dada essa função, as organizações costumam monitorar seu ambiente, aplicando modelos de medição de confiança - um exemplo é o modelo *Great Place to Work*, muito usado por empresas brasileiras.

Mas a verdade é que o modelo tem limites e as organizações pouco sabem sobre o modo como as experiências comunicativas, no ambiente de trabalho, podem levar as pessoas a ganhar ou perder confiança. Por não poder ser reduzida a uma dimensão apenas psíquica, linguística ou social, os estudos da confiança em Linguística Aplicada podem revelar aspectos ignorados pela organização, como a relação entre as necessidades da primeira infância e acolhimento e previsibilidade e a construção de relações de confiança.

IHU On-Line - Como a linguagem pode participar da construção de contextos institucionais eficazes, do ponto de vista produtivo, e saudáveis para os trabalhadores?

Maria do Carmo Oliveira - O trabalho de um linguista aplicado das profissões implica necessariamente a produção de um conhecimento que evidencie o papel da linguagem na construção de um contexto institucional eficaz e saudável para os trabalhadores.

No Brasil, as pesquisas desenvolvidas pela Dra. Ana Cristina Ostermann, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, têm sensibilizado gestores a reverem o modelo de comunicação que orienta as práticas profissionais estudadas, a investirem na capacitação inte-

racional de seus profissionais. Tais ações repercutem na eficácia de uma organização, no atingimento da meta a que ela se propõe.

No que se refere à participação da linguagem na construção de um contexto institucional em que o trabalhador não sofra, é preciso lembrar primeiro que o ambiente de trabalho pode ser percebido como um ambiente mais ou menos receptivo para o trabalhador, em função do controle a que ele é submetido e às diferenças de códigos e interesses de seus agentes. Em um ambiente saudável, as trocas comunicativas contribuem para que o sujeito se conheça, reconheça sua existência e sua importância. Quando isso não acontece, as pessoas sofrem mais.

Foi o que revelaram duas pesquisas que desenvolvi, com o apoio do CNPq, sobre a dimensão relacional da comunicação numa empresa. Em uma delas, os resultados mostraram o papel da linguagem na percepção dos profissionais sobre sua invisibilidade no ambiente de trabalho. Trocas comunicativas foram citadas como exemplo de manifestações de falta de acolhimento, seja por parte dos superiores, seja por parte dos colegas. Apesar do diagnóstico da 'doença', nem sempre a organização prescreve o remédio na dose adequada. O tratamento esbarra muitas vezes em aspectos culturais como a ênfase na competição, no individualismo ou no ethos hierárquico, aspectos que comprometem a saúde dos trabalhadores e da própria organização.

Numa outra pesquisa, observou-se como o uso do e-mail contribuía para o distanciamento e o conflito entre pessoas e áreas. A divulgação dessa pesquisa, numa disciplina de Comunicação em cursos de MBAs *in company*, oferecidos pela PUC-Rio, levou os profissionais a discutirem as estratégias que comprometiam a qualidade das relações, o que os tornou mais conscientes da sua agência e do papel da linguagem na construção de um ambiente de trabalho saudável. ■

A conversa como remédio

O pesquisador Douglas Maynard chama atenção para o fato de que o início do contato entre médico e paciente pode interferir no andamento de toda a consulta

Por Leslie Chaves | Tradução: Joseane de Souza

A relação entre médico e paciente envolve uma série de variáveis que participam desde o momento da consulta até a aplicação do tratamento. Entre esses elementos envolvidos nos processos terapêuticos médicos está a linguagem, que constrói o diálogo, principal fundamento da interação que propicia o atendimento.

É a partir dessa interação realizada através da linguagem em uso que as diversas etapas de uma consulta médica se desenvolvem e que se constroem os vínculos entre as partes envolvidas neste momento. “Cada fase da consulta é importante, porque a questão da confiança está ubiquamente presente. Um médico pode ser um especialista em fazer diagnóstico e dar notícias diagnósticas, mas se ele ou ela não iniciar o encontro de uma maneira eficiente (diferenciando um ‘como vai?’ ‘social’ de um ‘como vai?’ ‘diagnóstico’, por exemplo), isso pode afetar o restante da consulta”, ressalta Douglas Maynard, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Dessa forma, a conversa entre médico e paciente, além de ter o obje-

tivo de informar problemas de saúde e fazer prescrições, também constitui uma parte do tratamento, uma vez que intervém diretamente no diagnóstico e na terapia adequados. Na entrevista, Douglas Maynard destaca ainda que, para além dos diálogos específicos sobre enfermidades, estão em jogo diferentes papéis sociais, além dos envolvidos em uma consulta médica, e fluxos de poder. “A ‘fala sobre assuntos cotidianos’ é frequentemente igualitária no sentido de poder ser iniciada por quaisquer das partes, e ela pode mudar as assimetrias de conhecimento que, do contrário, podem estar presentes.”

Douglas Maynard é professor e pesquisador titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Wisconsin, Estados Unidos, professor visitante honorário na Finlândia e membro do núcleo Harold Garfinkel. Em 2014, foi eleito Presidente da International Society for Conversation Analysis - ISCA.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a importância e o papel da linguagem na interação entre médico e paciente em um atendimento?

Douglas Maynard - É muito importante. Quando eu leciono sobre “linguagem”, eu prefiro o termo “linguagem em uso”, porque linguagem é algo que usamos quan-

do nos reunimos com os outros, e “linguagem em uso” permite um sentido de dinamismo que é característico de como interagimos. Do conceito de linguagem em uso, é possível passar ao entendimento de que nós usamos a linguagem para realizar ações sociais de diferentes tipos.

IHU On-Line - A partir da análise das ações realizadas pelos participantes, de que forma as características da relação social entre as pessoas, como a construção da confiança, a disposição para o diálogo, etc., refletem-se ou são construídas na consulta? Você considera que há momentos es-

pecíficos para elas de acordo com as fases da consulta?

Doug Maynard - Cada fase da consulta é importante, porque a questão da confiança está ubiquamente presente. Um médico pode ser um especialista em fazer diagnóstico e dar notícias diagnósticas, mas se ele ou ela não iniciar o encontro de uma maneira eficiente (diferenciando um *como vai?* "social" de um *como vai?* "diagnóstico", por exemplo), isso pode afetar o restante da consulta.

IHU On-Line - O termo "interação" apresenta diversas concepções. Você poderia falar um pouco sobre esse conceito quando aplicado à interface entre interação e saúde, especificamente ao se pensar a comunicação entre médico e paciente?

Douglas Maynard - Como analisistas da conversa, nós vemos nosso trabalho como sendo sobre "fala-em-interação" (que é um termo de Emanuel Schegloff¹). Quando produzimos um turno de fala, ele toma forma a partir do que vemos e ouvimos nosso interlocutor fazer, dizer ou, talvez, omitir em certos momentos. Como participantes na interação, nós não simplesmente criamos enunciados na nossa cabeça e os lançamos de qualquer maneira na arena social. Nós medimos como aquilo que dizemos está sendo recebido e rapidamente mudamos o curso de um enunciado de acordo com isso.

IHU On-Line - Como o contexto em que acontecem as interações - desde as identidades preestabelecidas de médico e paciente no evento "consulta médica" até as condições do local onde ocorre o

¹ **Emanuel Abraham Schegloff**: nascido em Nova York, em 1937, é professor de Sociologia na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Com Harvey Sacks e Gail Jefferson, Schegloff foi um dos principais criadores do campo da Análise da Conversa. Seu trabalho em linguística interacional é igualmente fundamental. (Nota da **IHU On-Line**)

atendimento - pode fazer parte da construção das interações entre médico e paciente?

Douglas Maynard - A questão do contexto é importante. Analistas da conversa focam principalmente no contexto "sequencial" de um turno de fala. Nós queremos ver como o turno está lidando com o que foi dito anteriormente e como ele projeta o que deve vir no turno seguinte. Para o nível de contextos maiores - as prerrogativas da clínica, os papéis de médico e paciente e outras questões que são relevantes para a análise -, nós queremos ver como os participantes os mostram na maneira como dão forma aos contextos mais imediatos, sequenciais. Por exemplo, o "fazer" ser um médico pode significar iniciar sequências de perguntas e respostas mais regularmente do que a pessoa que está a "fazer" ser paciente, que está frequentemente na posição de produzir a segunda parte (a resposta) de tais sequências. Contudo, também acontece que outros tipos de sequências e outros tipos de papéis podem ser invocados durante a consulta médica. A "fala sobre assuntos cotidianos" é frequentemente igualitária no sentido de poder ser iniciada por quaisquer das partes, e ela pode mudar as assimetrias de conhecimento que, do contrário, podem estar presentes.

IHU On-Line - A abordagem da Análise da Conversa é utilizada em um de seus livros como fio condutor para a coleta e a interpretação de dados nas pesquisas. A partir dessa técnica, que sentidos podem ser apreendidos das interações especificamente entre médico e paciente? Você poderia falar um pouco sobre como se processa esse tipo de análise?

Douglas Maynard - Como dito anteriormente, analisistas da conversa tendem a focar em ações sociais enquanto elas são produzidas na interação. "Significados" ou "signifi-

ficado", como tais, podem ser considerados como derivados de como os participantes usam as ações sociais para construir cursos de conduta como um todo.

"Significado" é uma abstração da concretude da ação social, e embora se possa dizer que a vida social tem significado para seus participantes e membros, isso se deve ao fato de que eles sabem como agir em conjunto uns com os outros para produzir ações coordenadas. Nos meus estudos sobre entrega de notícias diagnósticas (por exemplo, *Bad News, Good News: Conversational Order in Everyday Talk and Medical Settings* (Chicago: University Of Chicago Press, 2003)), o foco é em como médicos entregam notícias diagnósticas e, correspondentemente, como pacientes ou membros da família recebem tais notícias. O "significado" de um diagnóstico é sempre particular e algo que os participantes exibem exatamente nas maneiras como se engajam nessas práticas de entrega e recepção.

IHU On-Line - Como essa perspectiva metodológica e analítica (da Análise da Conversa) pode contribuir para a vida social como um todo? Como pode contribuir para outros contextos interacionais, incluindo os profissionais?

Douglas Maynard - Eu vejo a análise da conversa profundamente relacionada com o campo da etnometodologia. Etnometodologia significa literalmente "o estudo dos métodos dos membros" ou, explicado de outra forma, o estudo das práticas de senso comum ao se fazer coisas conjuntamente. Ao expormos ou considerarmos "estranhas" as nossas práticas de senso comum que são tipicamente "familiares", nós mostramos exatamente o que cria esforços profissionais (e outros) como ambientes de tais práticas. Muitas profissões já se beneficiaram disso e muitos profissionais expressaram sua apreciação por

um tipo de análise que pode revelar o que eles/elas realmente fazem, mas de que nem sempre se dão conta porque é rotineiro e de “senso comum”. Então, se nós sabemos o que as profissões realmente fazem e no que suas atividades consistem concretamente, torna-se possível entender como ser mais eficiente.

IHU On-Line - Em seu livro *Communication in medical care: interaction between primary care physicians and patients* (Cambridge: Cambridge University Press, 2006), você define consulta médica como “ocasião que é, simultaneamente, social e médica”. Nesta obra, o senhor defende a importância da inclusão de análises quantitativas em estudos qualitativos, com o objetivo de gerar considerações mais genéricas sobre esse tipo de interação. Quais seriam os propósitos dessas conclusões mais gerais para os estudos sobre as consultas médicas, evento que apresenta tantas especificidades a cada caso?

Douglas Maynard - Eu não diria que o uso de investigação quantitativa torna as coisas mais universais. Nossos estudos de práticas sociais têm uma “universalidade” porque as práticas têm uma característica genérica. Elas podem ser encontradas em um único contexto e ter aplicabilidade em outros ambientes. O que os estudos quantitativos podem fazer é mostrar como as práticas são distribuídas entre participantes ou ambientes ou fases da consulta, e também se o fazer algo de uma maneira em vez de outra tem um efeito nos resultados específicos. Eu fiz mais trabalho quantitativo com interações em pesquisas de opinião (enquetes) do que em interações médicas, e nós fomos capazes de mostrar que as maneiras específicas de um entrevistador pedir para falar com o sujeito entrevistado, ou pedir para fazer a entrevista propriamente

dita, pode afetar a chance de conseguir uma entrevista.

IHU On-Line - Diferenças entre a linguagem dita profissional (utilizada pelo médico) e a linguagem dita “leiga” (utilizada pelo paciente) podem gerar problemas interacionais e, consequentemente, no diagnóstico, na decisão e na prescrição do tratamento adequado? De que maneira essas negociações acontecem a partir da linguagem? Existe algum conflito mais frequente?

Douglas Maynard - Eu creio que você esteja se referindo ao uso de jargão médico. Eu certamente acredito que isso possa ser um problema. Minha opinião a respeito de como evitar ou minimizar esse problema é sugerir que os médicos perguntem aos pacientes o que eles/elas entendem sobre o que está sendo dito. Na verdade, quando eu estudava entrega de diagnósticos, uma ferramenta me pareceu particularmente útil aos médicos. Eu a chamo de sequência de apresentação de perspectiva. Quando fazem um diagnóstico e estão se preparando para comunicá-lo aos pacientes ou familiares, alguns médicos perguntam aos seus interlocutores o que eles/elas acham que está acontecendo. Dessa forma, os médicos descobrem o que os pacientes sabem ou acreditam sobre suas próprias condições e o quão provavelmente eles/elas entenderão - ou até mesmo aceitarão - o que a clínica encontrou ou diagnosticou. Nem todos os pacientes querem ouvir perguntas - eles/elas querem respostas -, mas para aqueles que querem, esta é uma forma muito eficiente de proceder, e pode ajudar a proteger contra o uso do jargão. Isto acontece porque, uma vez que o médico conhece a perspectiva do paciente ou de sua família, é possível adaptar ou ajustar a terminologia clínica cuidadosamente ao que os interlocutores disseram.

IHU On-Line - De que maneira os profissionais da saúde que lidam diretamente com os pacientes podem se preparar para ter um bom aproveitamento da consulta médica atingindo o objetivo individual de cada consulta?

Douglas Maynard - De fato, sei que é importante estar pronto e “centrado” ao se preparar para se reunir com pacientes e seus familiares. Há cursos e sociedades profissionais dedicadas a preparar médicos para uma melhor comunicação. Por exemplo, há a American Academy on Communication in Healthcare (AACH). Relacionada a isso também há a International Conference in Communication in Healthcare (ICCH), que acontecerá em Nova Orleans, Louisiana, em outubro de 2015.

IHU On-Line - Quais os locais no mundo em que médicos, já em sua formação, abordam questões da fala-em-interação em sua prática profissional? Há cursos que fazem isso? Poderia nos explicar mais sobre como essa formação funciona e quais os resultados práticos de incluir esse tipo de instrução no currículo da formação médica?

Douglas Maynard - Não estou diretamente envolvido no treinamento de médicos. Nos EUA, mais faculdades de medicina estão requerendo treinamento com comunicação como parte de seus currículos. Alguns desses programas têm analistas da conversa envolvidos ou consultam tais analistas ou usam o trabalho da análise da conversa (AC). Meu colega, Prof. Richard Frankel, é uma das pessoas que incluem a AC no currículo e em sua pesquisa; ele ensina na Indiana University of Medicine e é o diretor do Programa de Pesquisa e Educação em Cuidado Paliativo na Universidade de Indiana. ■

Interface entre Linguística Aplicada e Neurolinguística: complexificando os estudos acerca da linguagem em doenças neurológicas

Para Edwiges Morato, um dos principais aspectos da convergência entre a Linguística Aplicada e a Neurolinguística é a formulação de interpretações mais completas sobre a perspectiva linguístico-cognitiva de patologias como a afasia e a Doença de Alzheimer

Por Leslie Chaves

A conexão entre Linguística Aplicada e Neurolinguística, dois campos autônomos institucionalmente, mas que compartilham muitos interesses, tem sido uma realidade. Entre os pontos de confluência dessas áreas de estudo estão as investigações acerca de problemas linguístico-cognitivos advindos de patologias neurológicas, como a afasia e a Doença de Alzheimer. Além da vocação empírica dessas duas áreas, o caráter interdisciplinar de ambas também estabelece um forte elo entre os dois campos.

Especificamente a respeito do estudo dessas duas patologias mentais, a interseção entre Linguística Aplicada e Neurolinguística pode trazer resultados benéficos para o avanço de investigações a respeito do papel da linguagem e da cognição no decurso da afasia e da Doença de Alzheimer. "A agenda atual da Linguística Aplicada e da Neurolinguística tem, a meu ver, condições de construir e adensar modelos explicativos mais abrangentes dessas duas condições patológicas", salienta Edwiges Morato, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

De acordo com a pesquisadora, estudos interdisciplinares podem fortalecer análises acerca da linguagem em uso, indo além de interpretações baseadas exclusivamente em aspectos biomédicos. "O modelo biomédico de afasia e de Doença de Alzheimer, vale lembrar, tem dado sinais de esgotamento e superação. Com isso, explicações baseadas apenas em biomarcadores, restritas a uma visão organicista e localizacionista do cérebro, não têm conseguido dar conta de fenômenos linguístico-cognitivos complexos, como a afasia e a

Doença de Alzheimer", aponta. Conforme Morato, para além de propor elucidacões sobre o funcionamento da linguagem e da cognição em diferentes contextos, a combinação entre esses diferentes campos nas investigações de tais patologias mentais pode contribuir com decisões e práticas diagnósticas e terapêuticas na área da Saúde, e também com formulações de ordem pedagógica no contexto educacional.

Edwiges Morato é graduada em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC Campinas. É mestre e doutora em Linguística pela Unicamp, com pós-doutorados na Universidade de Paris XII (Paris, França) e na Université Lumière II (Lyon, França). Atualmente é livre-docente do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, e do Programa de Cooperação Acadêmica da Capes - Procad, que envolve a Unicamp, a Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e a Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Algumas de suas publicações são os *Cadernos de Estudos Linguísticos* (Campinas: Editora da Unicamp, 2013), organizados com Ingedore Koch, o livro *Linguagem & Cognição. As reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem* (Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2012), com versão em Libras, e a obra *A semiologia das afasias - perspectivas linguísticas* (São Paulo: Cortez, 2010), organizado com um grupo de pesquisadores.

Confira a entrevista.



O estudo sistemático da interação – essa ação de influência recíproca – é o que pode colocar em relação, de forma instigante e produtiva, a Neurolinguística e a Linguística Aplicada

IHU On-Line - As áreas da Linguística Aplicada e da Neurolinguística podem se relacionar? De que modo? Que contribuições pode trazer essa relação?

Edwiges Morato - Sem dúvida, embora a relação entre ambas não seja óbvia e nem sempre institucionalmente estabelecida ou estimulada, em função da falaciosa distinção entre teoria e prática, ou entre "pureza" e aplicação. A meu ver, as macro-tendências do campo dos estudos linguísticos no século XXI demonstram e mesmo estimulam várias compatibilidades na agenda desses dois domínios do estudo da linguagem, autônomos em termos institucionais, mas solidários em muitos aspectos, seja em função da arbitragem interdisciplinar que promovem e exigem para tratar seus objetos, seja porque ambos não podem prescindir do contexto empírico e encontram-se implicados a questões de ordem prática para diferentes áreas do saber, como a Tecnologia, a Educação e a Saúde.

IHU On-Line - Há uma agenda de temas de pesquisa comuns entre essas áreas?

Edwiges Morato - A relação entre Linguística Aplicada e Neurolinguística se dá não apenas na pesquisa fundamental (em torno das questões relativas ao estudo da linguagem e processos afeitos à sua estrutura e ao seu funcionamento), mas também nas práticas (e no mercado!) do ensino de língua, nos contextos educacionais institucio-

nais e não escolares, na gestão de interesses voltados à tecnologia de informação e de comunicação, na área da Saúde (contribuindo com condutas diagnósticas e terapêuticas atinentes às chamadas patologias de linguagem).

Podemos mencionar alguns temas de pesquisa que podem estabelecer uma interface entre essas duas áreas. Se evocarmos algumas das macro-tendências da Linguística nas últimas décadas, podemos observar que todas elas dizem respeito, de uma maneira ou de outra, à interação social, aos diversos processos afeitos à estrutura e ao funcionamento da linguagem, às condições imprescindíveis para a aquisição de linguagem, às relações entre fala e escrita, à imbricação entre práticas cognitivas, discursivas e sociais, aos fatores sociobiológicos relativos à linguagem e à cognição, à dimensão multimodal da produção e da compreensão textual, às relações entre linguagem e processos formais e informais de aprendizagem. Levando em conta esse panorama, diria que não apenas a vocação empírica norteia o diálogo entre as duas áreas, mas também a natureza interdisciplinar de ambas.

Principais contribuições

Entre as contribuições específicas de uma agenda comum, eu mencionaria a superação do mito da idade crítica para a linguagem (da qual derivam outros mitos, cumpre observar); a superação do mito

de uma competência linguística oposta às questões socioculturais e rotinas próprias da vida em sociedade; a tese de uma plasticidade sociocognitiva que ancora as mais variadas estratégias de aprendizagem e de uso da língua, materna ou não; a percepção de que a linguagem e a interação são decisivas para o desenvolvimento cognitivo e para a sociabilidade humana; a multimodalidade da linguagem, da interação, que coloca em relação processos de significação verbais e não verbais nas atividades comunicativas e cognitivas.

Com o desenvolvimento cada vez mais consistente em termos teóricos e metodológicos das investigações acerca da linguagem em uso, essa agenda comum se destaca, pois, pela busca do cognitivo no quadro das motivações e estratégias de produção e compreensão do sentido nas práticas discursivas e sociais, bem como na constituição do conhecimento e sua ativação por ocasião do processamento linguístico-cognitivo; pelo uso de tecnologias de informação e comunicação nas mais diversas práticas discursivas; pela consideração de inter-relações entre o biológico e o cultural nos processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem e da cognição.

IHU On-Line - De que forma o conceito de cognição é compreendido na interface entre as áreas da Linguística Aplicada e da Neurolinguística?

Edwiges Morato - Muitas são as formas de se compreender a cognição. A partir de diferentes formas de concebê-la, muitas e distintas são as maneiras de estudá-la. Poderíamos estabelecer, de maneira resumida, duas concepções de cognição em torno das quais têm sido estabelecidas as interfaces entre distintos domínios do Conhecimento. Uma delas concebe a cognição enquanto faculdade mental inata, administrada pelo cérebro que, em última instância, é o vetor decisivo para o desenvolvimento dos processos cognitivos (linguagem, memória,

percepção, atenção, etc.). Nessa concepção, a linguagem seria um módulo específico predeterminado em termos biológicos e autônomo em relação aos demais.

A outra concepção de cognição considera que ela não pode ser “descarnada” dos usuários, isto é, para essa perspectiva, a cognição e a experiência sociocultural são consideradas processos mutuamente constitutivos, praticamente indissociados. Neste último caso, a cognição é um resultado ou modulação de nossas atividades psicossociais (corpóreas, afetivas, socioculturais, etc.), e não um antecedente delas. Ainda que as duas concepções digam respeito a persuasões distintas, inatista e interacionista, não deixam de compartilhar algumas teses (defendidas por vias explicativas, cumpre assinalar), como a da criatividade da linguagem, a da racionalidade humana, a da positividade da ciência.

Pontos em comum

Ainda que as persuasões em foco defendam teses bastante distintas - por um lado, a modularidade dos processos linguísticos, a autonomia da sintaxe, o alto grau de determinação das formas linguísticas, a capacidade inata para a aquisição da linguagem; por outro lado, a interdependência dos processos cognitivos verbais e não verbais, a modulação interacional e sociocultural de nossas capacidades linguísticas e cognitivas, a estruturação da linguagem baseada no uso, a concepção de competência como prática -, não deixam de compartilhar algumas questões.

Ambas estariam de acordo, por exemplo, quanto à criatividade da língua e à competência dos falantes relativamente à linguagem, ou quanto ao fato de ser a linguagem um patrimônio da espécie humana. Contudo, se para o inatismo essa competência é inata (no sentido em que não a “aprendemos”; somos inconscientes dela e dela não podemos escapar, salvo em condições adversas, como as patologias,

por exemplo), para o interacionismo ela é uma prática e deriva das experiências psicossociais, dos regimes simbólicos e culturais de vida em sociedade. Além disso, as duas abordagens se inscrevem num programa racionalista. Seria, pois, um equívoco contrapor inatismo e interacionismo com base na dicotomia racionalismo x empirismo (MORATO, 2013)¹.

Creio que essa segunda concepção tem sido mais produtiva para a interface entre os estudos neurolinguísticos e os aplicados. Nesse caso, interessaria à agenda comum entre eles tomar a interação com condição de princípio explicativo de nossa capacidade simbólica, adotar uma hipótese evolutiva que questiona a hipótese de que as habilidades sociocognitivas humanas sejam produtos diretos da evolução biológica, pressupor o concurso de processos intersemióticos na constituição da linguagem e da cognição. Adotar uma concepção dinâmica de cérebro, cuja plasticidade estaria baseada não apenas em mecanismos neurofisiológicos, mas também em processos intersubjetivos, pragmáticos, socioculturais e psicoafetivos, colocando em xeque a dicotomia entre “fatores de ordem cognitiva” e “fatores de ordem social” na análise da linguagem e da interação.

Ao se interessar pelas relações entre linguagem, cérebro e cognição, a Neurolinguística inscreve-se em um domínio francamente interdisciplinar, assim como o fazem outras áreas da Linguística que se interessam também pela problemática cognitiva. Na verdade, a Linguística, em seus diferentes domínios, de uma forma ou de outra, sempre tomou a cognição como parte da resposta à questão da linguagem - e isso impregna a sua relação atual com outros domínios do Conhecimento, como as Neuro-

ciências, a Sociologia, a Psicologia, dentre outros.

Há autores, como o Prof. Luiz Antônio Marcuschi (importante linguista brasileiro, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE), que consideram que o projeto científico da Linguística no século XX derivou do estudo da forma linguística (o sistema linguístico stricto sensu) para o estudo da linguagem enquanto evento sociocognitivo. Essa perspectiva acaba por ampliar o sistema nocional da Linguística, que passa a se interessar mais e mais pelo uso social da linguagem. Creio que esse é o cerne das possibilidades de uma interlocução profícua entre as duas áreas, Neurolinguística e Linguística Aplicada.

IHU On-Line - As relações entre Linguística Aplicada e Neurolinguística contribuíram para a superação da dicotomia e o estreitamento entre o biológico e o cultural nos estudos de aquisição de linguagem? De que maneira?

Edwiges Morato - Com efeito, o conceito de mente ou de cognição que a toma separadamente do corpo ou que estabelece uma forte dicotomia entre o biológico e o cultural passa a declinar em meados do século XX, precisamente quando muitas áreas da Ciência começam a investigar de forma mais enfática processos pragmáticos, experienciais e culturais de nossa vida mental e social.

Creio que cada um desses dois campos, Neurolinguística e Linguística Aplicada, cada um à sua maneira, têm contribuído para a superação da dicotomia entre o biológico e o cultural nos estudos aquisicionais. Acredito, quanto a este ponto, que as relações entre Linguística Aplicada e Neurolinguística têm se estreitado de forma mais institucional nos últimos tempos e têm deixado claro o tipo de agenda que as torna mais auspiciosas. Trata-se de uma agenda que procura acentuar o foco nos aspectos metodológicos da pesquisa que toma a linguagem e cognição em uso, em prática, em contexto, em interação.

¹ MORATO, E. M. A **controvérsia inatismo x interacionismo no campo da linguística: a que será que se destina?** ComCiência – Revista eletrônica de jornalismo científico, outubro de 2013. Disponível em <http://bit.ly/1B6CPeW>. (Nota da entrevistada)

Tal interesse teórico e tal preocupação metodológica têm inspirado, a meu ver, as “linguísticas cognitivas”, isto é, aqueles domínios da Linguística devotados à problemática cognitiva e a uma agenda interdisciplinar, centrada na relação entre teoria e prática, não apenas em produtos (“práticos”) derivados da teoria.

IHU On-Line - De que forma a interface entre a Linguística Aplicada e a Neurolinguística podem contribuir para o estudo de patologias linguístico-cognitivas advindas de problemas neurológicos, como a afasia ou a Doença de Alzheimer?

Edwiges Morato - Definidas de forma resumida como alterações de linguagem oral e ou escrita decorrentes de lesão mais ou menos circunscrita no Sistema Nervoso Central em função de acidentes vasculares cerebrais, traumatismos cranioencefálicos ou tumores, as afasias podem ser acompanhadas por outros sinais e sintomas neurológicos, como as hemiplegias², as apraxias³ e as agnosias⁴. Enquanto entidade nosológica⁵, em geral se estabelece na vida do sujeito cronicamente, como sintoma da existência de uma lesão no cérebro. O indivíduo afásico convive, pois, a um só tempo, com a história de sua relação com a linguagem anterior ao episódio neurológico e com uma afasia de diferentes graus de severidade e diferentes características linguísticas e cognitivas, que impactam de forma relevante sua

2 Hemiplegia: (Hemi- metade, -plegia paralisia) é a paralisia cerebral que atinge a metade sagital (esquerda ou direita) do corpo. (Nota da **IHU On-Line**).

3 Apraxia: desordem neurológica que se caracteriza por provocar uma perda da capacidade em executar movimentos e gestos precisos, apesar de o paciente ter a vontade e a habilidade física para os executar. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Agnosia: (do grego antigo a+gnosis, não conhecimento) perda ou deterioração da capacidade para reconhecer ou identificar objetos apesar de mantida a função sensorial (visão, audição e tato). (Nota da **IHU On-Line**)

5 Nosológica – nosologia: parte da medicina que se dedica ao estudo e classificação das doenças. (Nota da **IHU On-Line**)

vida pessoal, conjugal, profissional e social.

Ainda que fenômenos afásicos nem sempre possam significar apenas desvio e excrescência em relação à produção linguística tida como normal, encontramos na fala (e na escrita) afásica um

“
Os estudos sociocognitivos têm considerado que a cognição está no cerne da atividade discursiva e das práticas humanas

conjunto de processos - tais como anomia, pausas longas, hesitação, agramatismo, repetição, titubeio, circunlóquio, automatismo, alterações fonarticulatórias e parafrasias de diversas naturezas - que afetam a fluência, a comunicação, a produção e a interpretação da significação linguística (e não só linguística, vale notar). Contudo, dados de linguagem em interação têm colocado em xeque a clássica definição estruturalista de afasia enquanto alteração da capacidade de realizar operações metalinguísticas stricto sensu. Alternativamente aos achados estruturalistas, a análise empírica de variados processos e práticas comunicacionais no contexto das afasias tem nos mostrado que não parece anulada ou destruída a capacidade discursiva dos indivíduos afásicos, uma vez que estes lançam mão de diferentes processos de significação, alternativos, coexistentes ou compensatórios em relação à fala e à escrita (como gestos, direcionamento do olhar, postura corporal, etc.). Também não deixam de exibir suas capacidades reflexivas ao procederem a reparos e reformulações na conversação, ao se

servirem de *promptings*⁶ orais e gestuais do interlocutor, ao checarem de alguma forma a intenção comunicativa ou de informação lexical própria ou alheia, ao produzirem reformulações parafrásticas, construções explicativas, etc.

Doença de Alzheimer

Descrita pelo médico alemão Alois Alzheimer em 1906, a Doença de Alzheimer se traduz por alterações cognitivas e comportamentais que constituem uma síndrome demencial associada à presença de lesões histológicas características. A literatura médica tem afirmado que se trata do tipo mais comum entre as demências, atingindo dois terços das que são diagnosticadas. Entre suas causas podemos encontrar fatores genéticos, fatores de vulnerabilidade social (em especial, ligada a um envelhecimento não sadio) e de risco (aqueles que dizem respeito a antecedentes mórbidos, como acidentes vasculares cerebrais e traumatismos cranianos com perda de consciência, arteriosclerose, diabetes) e depressões tardias, não tratadas.

No campo dos estudos neurocognitivos, entende-se em linhas bem gerais que a Doença de Alzheimer evolui em três fases: a forma leve, na qual os problemas mnésicos são constantes, assim como certa desorientação das funções executivas cotidianas (como as profissionais e as domésticas) e dificuldades sutis de processamento semântico e de manipulação das regras pragmáticas que presidem a utilização da linguagem; a forma moderada, na qual os problemas mnésicos passam a ser incapacitantes, seguidos de crescente desorientação têmporo-espacial e de problemas de linguagem mais frequentes e prontamente perceptíveis; a forma severa, na qual a memória encontra-se gravemente alterada e a linguagem apresenta-se sensivelmente comprometida.

6 Prompting: é a execução, pelo interlocutor, do primeiro gesto ou das primeiras sequências de gestos que compõem as primeiras sílabas da palavra. (Nota da **IHU On-Line**)

Se nas fases anteriores os problemas de linguagem, acompanhadas pelo declínio dos sistemas de memória, da consciência e da faculdade crítica, são identificados em função de déficits na atividade de nomeação, nos circunlóquios e titubeios, no agravamento de problemas no processamento sintático-semântico, no estágio final as capacidades linguísticas gerais do indivíduo estariam gravemente comprometidas, com alteração fonarticulatória. Porém, a afecção cerebral difusa e progressiva não compromete apenas e isoladamente as funções cognitivas; seu impacto se observa também no declínio da vida psicossocial do doente, em função da alteração sociodegenerativa, comportamental, comunicativa, interacional, que se observa na evolução dessa patologia.

A influência da linguagem e da interação

Mais recentemente, os estudos dedicados às afasias e à Doença de Alzheimer que se desenvolvem no âmbito de modelos explicativos psicossociais (LYMAN, 1989; BALLENGER, 2006; BERRIOS, 1990; HOLSTEIN, 1997; BEACH, 1987), que não levam em conta apenas biomarcadores como as placas senis ou o componente genético, têm admitido que a linguagem e a interação influenciam de maneira decisiva o ritmo e a intensidade do declínio cognitivo (LEIBING e COHEN, 2006; CRUZ, 2008; MORATO, 2010a, SÉ, 2011; DIAS, 2012), bem como têm admitido (SCHEGLOFF, 2003; KITA et al, 2003; KLIPPI, 2003; GOODWIN, 2004; OELSCHLAEGER E DAMICO, 2003; FERGUSON, 1996; MORATO et al, 2010b) que, na complexa semiologia das afasias, a linguagem sempre diz respeito, de maneira direta ou indireta, a vários outros processos cognitivos interatuantes na compreensão e produção de sentido (MORATO, 2012)⁷.

7 MORATO, E. M. **Neurolinguística**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à Linguística – domí-

A Neurolinguística tem se dedicado tradicionalmente ao estudo desses dois contextos patológicos, ainda que não apenas a patologia (e nem apenas essas duas síndromes, a afasia e a Doença de Alzheimer) seja o foco de seus interesses. Também se interessa por processos que envolvem contextos não patológicos que relacionam linguagem e cognição, a partir de verdadeiros clusters⁸ metodológicos, experimentais ou observacionais, com importantes contribuições para o campo da Saúde e da Educação. No campo do estudo de patologias como a afasia e a Doença de Alzheimer, a pesquisa neurolinguística tem contribuído mais recentemente com uma visão crítica dos modelos estritamente biomédicos, na proposição de construtos teóricos centrados na linguagem e na cognição em interação, na elaboração de metodologias mais consistentes de investigação do processamento linguístico e cognitivo, na proposição de vias explicativas para o funcionamento da linguagem e da cognição nos mais variados contextos, de modo a contribuir com decisões e práticas diagnósticas e terapêuticas na área da Saúde, e com formulações de ordem pedagógicas no contexto educacional.

O estudo das afasias e da Doença de Alzheimer tem sido objeto não apenas da Neurolinguística, mas também de outros domínios da ciência da linguagem, que tratam em detalhe questões que lhes são caras, como o bilinguismo, a aquisição linguística, as estratégias de aprendizagem, a multimodalidade da linguagem e da interação, a cognição social.

Tais temas permitem, potencializam ou estimulam a interface entre Linguística Aplicada e Neurolinguística. Aos temas comuns mencionados poderíamos acrescentar o interesse por contextos multilíngues, pelos aspectos neurolinguísticos associados à aqui-

nios e fronteiras. São Paulo: Cortez, p. 167-200, 2012. (Nota da entrevistada)

8 **Cluster**: agregado, aglomerado. (Nota da IHU On-Line)

sição linguística na surdez, por processos educacionais escolares e não escolares (formais e informais), pelos aspectos psiconeurolinguísticos envolvidos na leitura e na escrita, e pela dimensão multimodal da linguagem, da cognição e da interação.

IHU On-Line - Como estes estudos interdisciplinares podem contribuir para o desenvolvimento de tratamentos para estas doenças?

Edwiges Morato - No terreno dos estudos neurolinguísticos, temos ainda pouco conhecimento sobre como a afasia afeta efetivamente a linguagem em uso, sobre a escolha das unidades de análise linguística e das variáveis levadas em consideração na investigação da linguagem, dos papéis dos envolvidos nas interações das quais participam os indivíduos com essa patologia e com Doença de Alzheimer, sobre construtos ou modelos de análise da linguagem em uso.

Resultados auspiciosos de estudos interdisciplinares poderiam vir a fortalecer, a meu ver, construtos explicativos acerca da linguagem em uso. O modelo biomédico de afasia e de Doença de Alzheimer, vale lembrar, tem dado sinais de esgotamento e superação. Com isso, explicações baseadas apenas em biomarcadores, restritas a uma visão organicista e localizacionista do cérebro, não têm conseguido dar conta de fenômenos linguístico-cognitivos complexos, como a afasia e a Doença de Alzheimer.

A agenda atual da Linguística Aplicada e da Neurolinguística tem, a meu ver, condições de construir e adensar modelos explicativos mais abrangentes dessas duas condições patológicas. Tal modelo, de caráter biopsicossocial, não apenas buscaria expandir os limites do organicismo, que caracteriza o modelo mais fortemente biomédico; mas também e, sobretudo, de fornecer vias explicativas que integram fatores internos e externos que atuam na organização e reorganização córtico-cognitiva.

O modelo social de análise como abertura

Surgindo como antagonista ou ao menos como complementar ao modelo biomédico, o modelo social, amparado em metodologias observacionais, qualitativas e heurísticas (por vezes, chamadas de “estudos de caso”), tem se preocupado com as implicações ético-discursivas da recepção social dos diagnósticos e tem rejeitado procedimentos supostamente objetivos do método clínico tradicional, como as baterias de teste-padrão, em geral tomadas como fonte exclusiva de explicação sobre estados neurolinguísticos patológicos ou sadios. Além disso, o modelo social procura salientar em termos teóricos e metodológicos as discrepâncias encontradas entre o “comportamento cotidiano” e o “comportamento neuropatológico” (LOCK, 2006) de indivíduos cérebro-lesados, bem como enfatizar as vantagens da análise da “cognição-em-interação” para o entendimento de processos (normais ou patológicos) do funcionamento cerebral (MORATO, 2014)⁹.

A questão que importa ainda compreender melhor é em que medida a interação, ou a qualidade das interações humanas podem influenciar, organizar, aprimorar e reorganizar a cognição humana (e mesmo a atividade cerebral, alterada em casos de lesões cerebrais adquiridas, causa das afasias, ou em caso de neurodegenerescência, causa da Doença de Alzheimer). Para avançarmos nessa questão, vale pensar nos processos que tornam a cognição humana singular: A cultura? A linguagem? A capacidade de perspectivar objetos simbólicos de diferentes maneiras? O reconhecimento de outros seres humanos como coespecíficos, isto é, como seres iguais, intencionais, dotados de vida mental semelhante? A capacidade de nos engajarmos em ações conjuntas e coordenadas?

9 MORATO, E. M. **Contribuições da Neurolinguística para a Linguística Aplicada e vice-versa**. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v.8, n. 10.1, p. 293-314, 2014. (Nota da entrevistada)

Em todas essas questões, a propósito, pensa o pesquisador norte-americano Michel Tomasello quando procura estabelecer relações estreitas entre o biológico e o cultural na filogênese¹⁰ e na ontogênese¹¹ (TOMASELLO, 1999/2003; 2009; 2014)¹². Ele se pergunta sobre o que nos diferencia dos animais, na forma complexa como organizamos e planejamos nossas ações, e como as corrigimos e as reorganizamos, como categorizamos e perspectivamos o mundo por meio da linguagem e de outros processos semióticos, em como imprimimos de características afetivas, emocionais, cognitivas, sociais, culturais as várias formas de interação que experimentamos no cotidiano. Pensemos, por exemplo, na estrutura intersubjetiva e coordenada da interação face a face, da interação verbal e não verbal (ou não apenas verbal, na qual comparecem o gesto, o olhar, a expressão corporal, a mímica facial, etc.), da interação grupal ou didática, da presencial ou virtual, da paralela ou conjunta, da mais formal e da mais informal; pensemos na interação mais e menos simétrica e cheia de inequidade ou conflituosa, não desprovida de características cooperativas.

Ao que parece, o estudo sistemático da interação - essa ação de influência recíproca - é o que pode colocar em relação, de forma instigante e produtiva, a Neurolinguística e a Linguística Aplicada.

¹⁰ **Filogênese**: estudo da relação evolutiva entre grupos de organismos (por exemplo, espécies, populações), que é descoberto por meio de sequenciamento de dados moleculares e matrizes de dados morfológicos. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ **Ontogênese**: estudo das origens e desenvolvimento de um organismo desde o embrião (ovo fertilizado) até atingir sua forma plena, passando pelos diferentes estágios de desenvolvimento. A ontogenia é estudada em biologia do desenvolvimento. (Nota da IHU On-Line)

¹² TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (original de 1999). (Nota da entrevistada)

_____. **Why We Cooperate**. MIT Press, 2009. (Nota da entrevistada)

_____. **A Natural History of Human Thinking**. Harvard University Press, 2014. (Nota da entrevistada)

IHU On-Line - Qual é o papel dos estudos de interação frente às dificuldades cognitivas causadas por problemas neurológicos associados à Doença de Alzheimer e à afasia? Como essas patologias linguístico-cognitivas interferem nos processos de interação e de organização linguística?

Edwiges Morato - Não são poucos os estudiosos, linguistas ou não, que dão à interação e à linguagem um papel fundamental na estruturação, no desenvolvimento e na reorganização de nossa vida mental, com implicações diretas na comunicação humana, em nossa sociabilidade, em nossa capacidade cognitiva, em nossa atuação num mundo socioculturalmente organizado e constituído. Os estudos sociocognitivos têm considerado que a cognição, para usar uma expressão de Levinson¹³, está “no coração” mesmo da atividade discursiva e das práticas humanas. Essa é uma metáfora compatível com a vitalidade e a imprescindibilidade do estudo da linguagem em uso, em prática, em contexto, em interação. Um dos campos mais interessantes da Neurolinguística é o estudo do papel e da influência da interação e da linguagem em nossa atividade mental. A propósito, muitos pesquisadores chegam mesmo a admitir que sem interação e sem linguagem o cérebro humano, assim como a mente humana, não se desenvolve, ou se desenvolve com muitos percalços e dificuldades.

De fato, um dos aspectos mais relevantes dos estudos dedicados aos aspectos cognitivos da interação está precisamente na compreensão de sua importância para a construção do sentido do que pensamos, falamos e fazemos (o “conteúdo” da interação). Outro aspecto importante da interação, de acordo com esses estudos, é que a interação é fortemente regrada/ritualizada/estruturada. E é também multimodal. Dessa forma, ela tem a ver com linguagem verbal e

¹³ **Stephen C. Levinson**: britânico nascido em 6 de dezembro de 1947, é um cientista social conhecido por seus estudos sobre as relações entre cultura, linguagem e cognição. (Nota da IHU On-Line)

não verbal, com diferentes processos de memória, com nossas experiências sociais organizadas.

Isso posto, não é difícil imaginar as dificuldades que se apresentam para aquelas pessoas que, acometidas por afasia, se defrontam, em níveis variados de gravidade, com alterações linguísticas e ou neuropsicológicas. Também não é difícil imaginar os problemas enfrentados por aqueles que enfrentam a heterogeneidade de sintomas próprios à Doença de Alzheimer (alteração de memória, de noção temporal e espacial, de funções executivas, de reconhecimento de regras pragmáticas que presidem a utilização da linguagem e de comportamentos socioculturais, etc.).

A reconstrução linguística, bem como a presença importante de semioses não verbais (gestos, direcionamento do olhar, expressão facial) nas afasias pode ocorrer em meio a pausas, hesitações, repetições, autocorrekções, modalizações autonímicas e reformulações. Tais fenômenos indicam não apenas o momento em que o processamento falha, mas também e especialmente a presença do caráter reflexivo da linguagem, que a afasia não subtrai de forma integral. No caso da Doença de Alzheimer, além das discrepâncias entre o comportamento neuropatológico e o comportamento cotidiano, baseado em rotinas significativas para o indivíduo, há que se levar em consideração o papel do seu interlocutor.

No caso das afasias, o sujeito costumeiramente enfrenta no campo mesmo da linguagem suas dificuldades metalinguísticas (reparos, reformulações, riqueza prosódica, repetições, hesitações, utilização de *promptings* orais do interlocutor, etc.); além disso, ele lança mão de semioses não verbais (como gestos, direcionamento do olhar, postura corporal, etc.), que atuam de maneira solidária à linguagem na configuração ou na interpretação da referência metafórica. No caso das demências, em que as

atividades epilinguísticas¹⁴ estariam mais severamente alteradas (Cf. Damasceno, 2000), o caráter regulador da linguagem vai depender acentuadamente de processos interlocutivos, interacionais, aumentando o papel do interlocutor na qualidade da autonomia enunciativa do sujeito e na relevância de seus processos de significação, bem como na adequada estruturação (textual, conversacional, contextual, pragmática, cognitiva) da interação (MORATO, 2008)¹⁵.

A tese de que as afasias e a Doença de Alzheimer afetam respectivamente o linguístico e o cognitivo tomados como dimensões dicotômicas (e não distintas) do conhecimento tem, na realidade, dificultado uma compreensão abrangente do que se encontra preservado ou alterado, e do que se reorganiza após o comprometimento cerebral. Os dados que vimos obtendo em nossos estudos sobre a Doença de Alzheimer nos têm feito questionar a definição dessa patologia como alteração essencialmente mental, com base no postulado tradicional de existência de uma dicotomia estrita entre o linguístico e o cognitivo.

Seguindo tendências interacionais da pesquisa (neuro)linguística, temos observado, tendo como pano de fundo estudos sobre metaforicidade, categorização e enquadres sociocognitivos no contexto da Doença de Alzheimer, por meio de análise experimental e observacional (ou seja, por meio de entrevistas livres ou observação de processos interacionais em contextos naturalísticos), que a linguagem e a interação - portanto, também o

método de investigação - influenciam de maneira decisiva o ritmo e a intensidade do declínio cognitivo. Temos observado, nesse sentido, que indivíduos com Doença de Alzheimer em fase inicial, malgrado suas dificuldades linguístico-cognitivas, são capazes de reorganizar ou reorientar a significação durante as atividades em curso e em função da interação que mantêm com seu interlocutor em práticas discursivas nas quais se torna (mais) perceptível todo um conjunto de processos colaborativos e toda uma construção conjunta e intersubjetiva de referentes (MORATO, 2012). Nossos dados tendem a confirmar a hipótese de que o caráter cognitivamente heterogêneo da Doença de Alzheimer interfere na capacidade de agir de maneira seletiva, relevante e perspectivada.

Do mesmo modo, temos observado, em consonância com estudos da afasia a partir de perspectivas sociocognitivas e interacionais que, na complexa semiologia das afasias, a linguagem sempre diz respeito, de maneira direta ou indireta, a vários outros processos cognitivos e outras semioses interatuantes na compreensão e produção de sentido (MORATO et al., 2010)¹⁶.

Temos destacado em nossos estudos que os fenômenos linguísticos e sociocognitivos encontrados assinalam não apenas a carência ou a alteração afásica ou demencial, mas a forma de constituição de processos não necessariamente patológicos de significação e de comunicação. No limite, vias explicativas para esses contextos patológicos acabam por superar os modelos meramente biomédicos, baseados, entre outros procedimentos, em uma investigação linguística e cognitiva sumária, descontextualizada, quase caricatural. ■

14 **Epilinguística:** atividade condizente à reflexão sobre a língua em contexto de uso, isto é, em situações reais de interação comunicativa. (Nota da IHU On-Line)

15 MORATO, E. M. **O caráter sociocognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer.** Revista Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 157-177, jan./jun. 2008. (Nota da entrevistada)

16 MORATO, E. M. et al. (Org.). **A semiologia das afasias – perspectivas linguísticas.** São Paulo: Cortez, 2010. p. 23-47, 2010. (Nota da entrevistada)

O descompasso entre os mundos digital e educacional no ensino de línguas

Para Rafael Vetromille-Castro, apesar de os recursos tecnológicos posicionarem os estudantes como protagonistas no uso da língua, ainda são utilizados como coadjuvantes nos processos de ensino-aprendizagem

Por Leslie Chaves

Não é necessário fazer uma análise profunda para constatar a intensa inserção das Tecnologias de Comunicação e Informação - TICs nos diversos espaços e ocasiões da vida em sociedade. Um desses ambientes é a sala de aula. De acordo com Rafael Vetromille-Castro, o uso das tecnologias na educação está “em estágio avançado de normalização”. O professor, que prefere usar o termo Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação - TDICs para se referir aos aparatos tecnológicos, afirma que há aproximadamente 15 anos foi iniciado um movimento ordenado e institucional de investimento em infraestrutura tecnológica nos estabelecimentos de ensino. “A inserção das TDICs no ambiente educacional hoje é ampla, seja por caminhos institucionalmente constituídos, seja pela utilização fortuita e individual dos recursos tecnológicos nos espaços de aprendizagem, especialmente quando não os pensamos restritos aos muros escolares”, constata o pesquisador, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Entretanto, essa inserção em sala de aula, e no espaço escolar de uma maneira geral, não garante o uso efetivo das tecnologias nos processos didáticos. As TICs, ou TDICs, ainda ocupam uma posição coadjuvante em todos os níveis educacionais, seja nos currículos de ensino, nos projetos político-pedagógicos, ou nas práticas pedagógicas de cada professor. “Nossos professores, de modo geral, estão saindo das licenciaturas com nenhuma ou pouca reflexão coletiva sobre o uso das TDICs e entrando em salas de aula com alunos

cujas práticas de linguagem cotidianas passam por recursos tecnológicos digitais”, aponta Vetromille-Castro.

Ao longo da entrevista, o pesquisador também abordou os principais aportes, temas de interesse e a importância dos estudos em Linguística Aplicada sobre o uso das TICs nas práticas pedagógicas, e mais especificamente em relação ao ensino de línguas. “Vejo a questão metodológica da aprendizagem de línguas com as TDICs e a questão de formação ampla do cidadão por meio das práticas sociais da linguagem em meio digital, não somente como contribuição valiosa, mas como compromisso da área”, ressalta.

Rafael Vetromille-Castro é graduado em Letras pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel, mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas - UCPel e doutor em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Letras stricto sensu da UFPEL, do qual é coordenador, e professor na área de língua inglesa do Centro de Letras e Comunicação da mesma universidade. É um dos autores da série *Fundamentos de EaD I* (2010), *II e III* (Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2012), e organizou, junto com Christiane Heemann e Vanessa Ribas Fialho, *Aprendizagem de línguas - a presença na ausência: CALL, Atividade e Complexidade* (Pelotas: Educat, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como se dá a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs no ambiente educacional atualmente?

Rafael Vetromille-Castro - De fato, ao observarmos de maneira ampla, é possível dizer que as TICs (ou, se preferirmos, as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação - TDICs) estão em estágio avançado de normalização, recorrendo a um termo de Bax (2003)¹. Encontramos os recursos tecnológicos digitais sendo utilizados na modalidade online, offline ou híbrida. Nos últimos 15 anos, aproximadamente, foi iniciado um movimento de provimento de infraestrutura tecnológica, representado pela instalação de laboratórios de informática, com ou sem acesso à Internet, em escolas públicas e privadas de nível fundamental, médio, tecnológico e superior. Mais recentemente, governos municipais, estaduais e federal distribuíram, por meio de políticas públicas específicas, dispositivos móveis para as instituições, como *laptops* e *tablets*. Todas essas iniciativas compõem um movimento ordenado e institucional. Entretanto, de alguns anos para cá, testemunhamos a disseminação (ou popularização, se preferirmos) das tecnologias móveis, representadas pelo acesso a *tablets* de uso pessoal e, notadamente, aos *smartphones*. Adicionamos a isso planos de acesso à Internet com custo de centavos por dia e o espraiamento de redes *wi-fi* abertas em estabelecimentos comerciais, de ensino e até mesmo em espaços públicos. Em suma, a inserção das TDICs no ambiente educacional hoje é ampla, seja por caminhos institucionalmente constituídos, seja pela utilização fortuita e individual dos recursos tecnológicos nos espaços de aprendizagem, especialmente quando não os pensamos restritos aos muros escolares.

IHU On-Line - Como o campo de pesquisa em Linguística Aplicada

¹ Bax, S. CALL: Past, Present, and Future. System: An International Journal of Educational Technology and Applied Linguistics, 31(1), p.13-28, 2003. (Nota do autor)

tem abordado a questão do uso das TICs nas práticas pedagógicas de uma maneira ampla?

Rafael Vetromille-Castro - Entendo como representativo olhar o uso das TDICs nas práticas pedagógicas a partir da Aprendizagem Mediada por Computador (CALL)². Recorrendo ao trabalho de Reis (2009)³, percebemos que as pesquisas em Linguística Aplicada se ocuparam basicamente de três campos ou, como denomina a autora, três fases. A primeira, de 1998 a 2002, investigou mais detidamente a inserção de tecnologias nas aulas de línguas estrangeiras. Na sequência, de 2002 a 2006, pesquisadores concentraram esforços em pesquisar a implementação e a elaboração de materiais didáticos por meio de tecnologias. A última fase apresentada pela autora - de 2006 a 2008 - reuniu de modo mais destacado a avaliação de atividades de linguagem no contexto digital e relatos de experiência sobre o ensino mediado por computador. Mesmo após sete anos desde o levantamento de Reis, ainda encontramos pesquisas em Linguística Aplicada voltadas à inserção, à implementação e à avaliação das tecnologias nas práticas pedagógicas. Pessoalmente, entendo que tais interesses se mantenham relevantes em virtude do surgimento ininterrupto de novas ferramentas, voltadas para novas práticas sociais e demandando novas reflexões. Há pesquisadores imprimindo esforços para a compreensão de novos gêneros que possuem as TDICs como suporte, há a questão do discurso - especialmente no que tange à emergência dos *sites* de redes sociais - sem esquecer das pesquisas sobre letramentos (incluídos aqui, sem juízo de valor, os termos "le-

tramento crítico", "letramento digital", "multiletramentos").

IHU On-Line - De que maneira as pesquisas em Linguística Aplicada sobre o uso das TICs nas práticas pedagógicas podem contribuir para o desenvolvimento dessa interface entre educação e tecnologia?

Rafael Vetromille-Castro - As contribuições são inúmeras, contabilizando, inclusive, os temas que mencionei anteriormente. No entanto, tenho me posicionado favorável a um enfoque maior da área em dois pontos: o primeiro, mais voltado para a aprendizagem de línguas, seria o de desenvolver e investigar metodologias para o desenvolvimento linguístico nas quais as TDICs desempenhem papéis tão preponderantes quanto aqueles que tais recursos ocupam nas práticas sociais de linguagem em dada língua adicional. Em um contexto de comunicação global amplo e instantâneo, o qual demanda competência comunicativa e é fomentado pelo uso disseminado das TDICs, não me parece recomendável que insistamos em deixá-las de fora ou em um plano meramente acessório.

O outro ponto diz respeito ao impacto que o uso das tecnologias digitais tem nas práticas sociais de linguagem e à decorrente demanda pela construção de um processo reflexivo em âmbito educacional sobre o papel e o poder das TDICs. Notamos essa necessidade especialmente quando acessamos *sites* de redes sociais, espaços onde há uma suposta liberdade extrema e um alto potencial de exposição dos indivíduos. Em vez de deixar as tecnologias como elementos marginais no processo educacional, proponho que as incluamos em diversas fases do processo educacional: nos currículos escolares, nos projetos político-pedagógicos de cursos universitários (principalmente os de formação de professores) e nas práticas pedagógicas de cada professor. Em todas essas fases, independentemente da disciplina, há práticas sociais de linguagem que

² CALL - Sigla em inglês Computer Assisted Language Learning (Aprendizagem Mediada por Computador) - é uma área de investigação que tem por objetivo pesquisar o impacto do computador no ensino e aprendizagem de línguas, tanto materna quanto estrangeiras. (Nota da IHU On-line)

³ REIS, S. C. Análise de Gêneros em Publicações da área de CALL: O que pesquisadores têm pesquisado nessa área?. In: V SIGET, 2009, Caxias. Anais do V Siget, 2009. (Nota do autor)

trazem implicações locais (como a solução de um mal-entendido entre colegas de aula) a repercussões mais profundas (como questões de assédio moral, preconceito, dentre outras). Entendo tais pontos como nevrálgicos para uma área que se propõe a debater e refletir práticas sociais e seus desdobramentos na comunidade linguística.

IHU On-Line - Que contribuições a inserção das TICs no ambiente educacional pode trazer para os processos de ensino-aprendizagem especificamente de língua estrangeira?

Rafael Vetromille-Castro - Vejo a questão metodológica da aprendizagem de línguas com as TDICs e a questão de formação ampla do cidadão por meio das práticas sociais da linguagem em meio digital não somente como contribuição valorosa, mas como compromisso da área.

IHU On-Line - Em relação à formação de professores, em geral, os cursos de licenciatura em língua estrangeira estão preparando os docentes para atuar no sistema de ensino-aprendizagem em ambiente digital ou híbrido? De que forma? Quais são os pontos de avanço e de deficiência nesse aspecto?

Rafael Vetromille-Castro - Tenho uma visão muito particular sobre a preparação do docente de língua estrangeira para o uso das TDICs. Excetuando as licenciaturas em língua estrangeira a distância, as quais possuem a obrigação curricular de tratar do tema, com alguns cursos ofertando disciplinas como "Fundamentos da EAD" e "EAD Instrumental", diria que as iniciativas em preparar os docentes para contextos digitais ou híbridos são esparsas e dependentes de contextos muito peculiares. Não há um movimento formal e nacional forte para a inclusão obrigatória de disciplinas que abordem a temática, como houve, por exemplo, com a inserção de cadeiras de Libras em todas as licenciaturas. Se me é permitida a analogia, enten-

dendo e reconhecendo o mérito e a motivação de inserção da Língua Brasileira de Sinais nos currículos, vejo a necessidade de movimento semelhante para disciplinas que tratem das TDICs nos currículos de formação docente. Nossos professores, de modo geral, estão saindo das licenciaturas com nenhuma ou pouca reflexão coletiva sobre o uso das TDICs e entrando em salas de aula com alunos cujas práticas de linguagem cotidianas passam por recursos tecnológicos digitais. Tais recursos têm colocado os alunos como protagonistas no uso da língua, mas, quando chamados a engajarem-se em atividades formais de aprendizagem, são muitas vezes relegados a um papel de coadjuvante. Há, é claro, experiências que colocam o aluno e seu conhecimento/interesse tecnológico no centro do processo. O que percebo como lacuna, no entanto, é um movimento consistente, robusto e minimamente organizado nesse sentido. É um grande e bom desafio.

IHU On-Line - Como equalizar as diferentes competências dos professores e estudantes no contato com as TICs durante os processos de ensino-aprendizagem no espaço de sala de aula?

Rafael Vetromille-Castro - Há iniciativas de formação continuada, como aquelas pelas quais professores tutores da Universidade Aberta do Brasil - UAB⁴ precisam passar para atuar nos cursos superiores a distância. Há outras propostas isoladas, por meio de cursos de especialização. Entretanto, como disse anteriormente, vejo essa equalização possível e robusta a partir de um movimento institucional e político que passe a inserir

⁴ **Universidade Aberta do Brasil** – é um sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior para camadas da população que têm dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia da educação a distância. O público em geral é atendido, mas os professores que atuam na educação básica têm prioridade de formação, seguidos dos dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos estados, municípios e do Distrito Federal. (Nota da **IHU On-Line**)

formalmente a reflexão sobre o uso e o impacto das TDICs nas grades curriculares de cursos de formação de professores de línguas.

IHU On-Line - Em que consiste o entendimento da sala de aula enquanto Sistema Adaptativo Complexo - SAC? O que essa perspectiva representa para as pesquisas sobre práticas pedagógicas em ambiente digital ou híbrido?

Rafael Vetromille-Castro - Entender a sala de aula como um SAC parte da compreensão desse espaço como um organismo dinâmico, aberto e suscetível a fatores externos, não linear, que emerge a partir de certas condições iniciais e se mantém vivo e se desenvolve enquanto há interação entre os elementos que o constituem. Tal perspectiva demanda o tratamento das questões de ensino-aprendizagem dentro de uma ótica do *desenvolvimento*, não de *aquisição*. A sala de aula não seria, assim, a mera soma de alunos, professor, cadeiras, livros, computadores, etc., mas aquilo que emerge a partir da interação de todos esses elementos. Em suma, pelo olhar complexo, a aula é mais do que a soma de suas partes. Há uma série de implicações que as Teorias da Complexidade e do Caos trazem para a pesquisa em Linguística Aplicada, como Larsen-Freeman e Cameron (2008)⁵ demonstram na obra *Complex Systems and Applied Linguistics* (Oxford: Oxford University Press, 2008). À guisa de ilustração, talvez as mais destacadas implicações seriam o abandono do paradigma clássico de ciência - baseado na ordem, na separabilidade e na lógica dedutivo-identitária - e, justamente por demandar uma visão do todo em análise, a necessidade de o pesquisador definir qual é o SAC em estudo - seus elementos, suas condições iniciais, suas fronteiras e comportamentos. A abordagem complexa tem permitido não somente observar a importância da interação para a emergência

⁵ **LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. Complex systems and applied linguistics.** Oxford: Oxford University Press, 2008. (Nota do autor)

sistêmica e a consequente aprendizagem, mas, por exemplo, de modo mais pontual, observar o desenvolvimento da interlíngua⁶, por meio de seus comportamentos ao longo do tempo, como observado por Nunes (2014)⁷.

IHU On-Line - Qual é o papel da interação nos processos de ensino-aprendizagem em contextos de salas de aula online ou híbridos?

Rafael Vetromille-Castro - O papel fundamental da interação não é notado apenas quando adotamos uma perspectiva complexa em relação aos processos de ensino-aprendizagem, muito

⁶ **Interlíngua** – é uma língua auxiliar internacional baseada na existência de um vasto vocabulário comum compartilhado por línguas de grande difusão mundial. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ NUNES, G. M. **A escrita em inglês como sistema adaptativo complexo: o desenvolvimento da fluência, precisão e complexidade gramatical por meio das TIC**. Texto Livre, v. 7, p. 49-67, 2014. (Nota do autor)

embora seja notável a influência que o estabelecimento de relações interativas entre indivíduos e elementos tem na construção do conhecimento quando lançamos um olhar complexo sobre o fenômeno da aprendizagem. Quando as primeiras experiências com salas de aula online ou híbridas surgiram, vários de nós, pesquisadores, constatamos que algumas situações simplesmente “não funcionavam”. Não rara foi a constatação de que em muitos dos casos de insucesso encontrávamos a mera transposição de um modelo de aula presencial para o virtual, com nenhuma ou pouquíssima adaptação. E esse modelo, via de regra, era baseado na transmissão de conhecimento, na aula expositiva, centrada no professor. Portanto, por ser central em qualquer processo de aprendizagem, a interação não somente serve como um elemento aferidor do potencial de resultado de uma dada aula, como é, em contexto online ou híbrido, uma condição inesca-

pável. Talvez outros pesquisadores não vejam exatamente da mesma forma, mas nossas pesquisas - incluídas aqui aquelas desenvolvidas por pesquisadores de nosso grupo - têm evidenciado a preponderância da interação para contextos de aprendizagem com TDICs.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo que não tenhamos abordado?

Rafael Vetromille-Castro - Gostaria de agradecer pela oportunidade de compartilhar algumas de minhas visões sobre o tema. Hoje, temos as TDICs muito mais presentes em nosso cotidiano, otimizando nosso tempo e auxiliando em uma série de tarefas. No entanto, justamente pela presença cada vez mais normalizada dos recursos tecnológicos em nossas vidas, julgo fundamental que tenhamos um olhar sempre crítico sobre o recurso e, no nosso caso, analisando seu impacto nas práticas sociais de linguagem e na formação dos cidadãos. ■

ihu.unisinos.br

TECNOLOGIA SOCIOCULTURAL CONTEMPORÂNEA

50 ANOS CONCÍLIO VATICANO II

Instituto Humanitas Unisinos

Mídia/notícias/publicidade

Sobre FOTOS Curtidas

Linha do tempo

Publicação

28 mil pessoas curtiram isso

Crissa Tassinari e outros 62 amigos

Esta Página

Curta o IHU no Facebook

fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos

A construção de liberdades e capacidades na interação linguística

Maria Cecília Pérez de Souza e Silva aposta na promoção de um letramento que se fundamenta em uma lógica mais aberta de relação entre os sujeitos e a aquisição de linguagem

Por Leslie Chaves e Ricardo Machado

Pensar o letramento para além das formalidades acadêmicas e sociais permite que se desenvolvam outras capacidades e liberdades humanas, o que, nos termos do economista ganhador do prêmio Nobel Amartya Sen, chama-se “capacidade”. Apropriado para pensar as manifestações linguísticas no mundo do trabalho, o conceito ajuda a pensar o letramento desde uma perspectiva mais aberta. “Do ponto de vista da linguagem, a promoção do desenvolvimento de diferentes formas de ‘letramento’, que permitem aumentar as ‘capacidades’ do indivíduo, vem ampliar as proposições de Amartya Sen”, argumenta Maria Cecília Pérez de Souza e Silva, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

“Sabe-se que não há iletrados definitivos, mas pessoas que podem sair dessa situação de diferentes maneiras, independentemente de sua idade, em função de suas atitudes, sua situação, da formação que lhes é proposta, da maneira pela qual o meio reconhece e valoriza a aquisição de suas novas competências”, avalia a entrevistada. Ao fazer as aproximações com o mundo do trabalho, a pesquisadora alerta que

há, antes do discurso, um interdiscurso no espaço de sua manifestação e isso implica em agenciamentos de sentidos.

“A comunidade discursiva, aqui entendida como comunidade profissional, é entendida, assim, como a comunidade daqueles que produzem, que fazem com que o discurso circule, que se reúnem em seu nome e nele se reconhecem. Não há, portanto, relação de exterioridade entre o funcionamento do grupo e o funcionamento de seu discurso, sendo preciso pensar desde o início nessa imbricação”, pontua.

Maria Cecília Pérez de Souza e Silva graduou-se em Letras Neolatinas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, onde também realizou mestrado e doutorado. Atualmente é professora titular e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - LAEL na PUC-SP. É editora, no Brasil, da revista interdisciplinar franco-lusófona *Ergologia* e membro do Conselho Técnico-Científico da Escola Dieese de Ciências do Trabalho e do Comitê Editorial área de Linguagem da Cortez Editora.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Do que se trata a concepção enunciativa-discursiva da linguagem e a abordagem ergológica do trabalho? Como essas perspectivas se relacionam?

Maria Cecília Pérez de Souza e Silva - Quando falo na concepção enunciativa-discursiva da lingua-

gem, estou me referindo a alguns dos aportes teórico-metodológicos desenvolvidos por Dominique Maingueneau¹ no âmbito da chamada

¹ **Dominique Maingueneau** (1950): é um linguista e professor da Universidade de Paris IV Paris-Sorbonne, onde exerce a função de pesquisador no Centre d'étude des discours, images, textes, écrits, communications (CÉ-

Escola Francesa de Análise do Discurso. A especificidade e originalidade de suas obras decorrem fundamentalmente de dois princípios:

DITÉC). Também é membro do Institut Universitaire de France. Sua pesquisa, iniciada nos anos 1970, concentra-se na Linguística e Análise do discurso franceses. (Nota da **IHU On-Line**)

a implementação da ideia de que o interdiscurso precede o discurso e o tratamento do discurso a partir de um sistema de restrições/coerções globais. Tomar como pressuposto o princípio do primado do interdiscurso, isto é, a precedência do interdiscurso sobre o discurso, significa postular que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas o espaço de trocas entre dois ou mais discursos. Não se trata de considerar cada discurso como uma identidade fechada, nem de levar em conta o fato de haver dois ou mais discursos em contato, ou de um enunciado ter mais de um sentido ou, ainda, a presença de várias vozes, trata-se de olhar para o espaço discursivo. Esses dois princípios funcionam como um filtro que abrange os vários planos do discurso: a intertextualidade, o vocabulário, os temas, o estatuto do enunciador e do coenunciador, a dêixis enunciativa e o modo de enunciação.

As falas na/sobre as atividades de trabalho e os textos sobre/no trabalho são o lugar onde se autolegitima a comunidade que produz tais textos, os discursos que circulam no cotidiano de trabalho, as falas, as normas, as renormalizações. A comunidade discursiva, aqui entendida como comunidade profissional, é entendida, assim, como a comunidade daqueles que produzem, que fazem com que o discurso circule, que se reúnem em seu nome e nele se reconhecem. Não há, portanto, relação de exterioridade entre o funcionamento do grupo e o funcionamento de seu discurso, sendo preciso pensar desde o início nessa imbricação.

Novas contribuições

Entre as novas contribuições trazidas por Maingueneau, vou recuperar uma delas, a oposição entre dois regimes enunciativos: enunciação textualizante e enunciação aforizante. Sem deixar de lado os fenômenos clássicos de citação, o autor tem se dedicado aos enunciados destacados, autônomos, isto é, citações que circulam fora de seu contexto original e são mui-

to comuns na mídia contemporânea. Aqui estão presentes dois fenômenos: a sobreasseveração e a aforização. A primeira é entendida como o ato de realçar um segmento, de abrir a possibilidade de uma sequência a ser extraída/destacada do interior de um texto, desde que uma ou mais condições sejam preenchidas: enunciados curtos, constituídos o mais frequentemente de uma só frase; posicionados, em geral, no início ou no fim de um texto; com valor generalizante e organização interna forte etc. Enquanto a sobreasseveração implica a possibilidade de destacamento, a aforização resulta de uma operação de destacamento, materializa-se no próprio enunciado destacado, acarretando maior ou menor alteração do original, desde pequenas supressões do enunciado até mudanças de locutor. Esses dois tipos de enunciação obedecem a dois regimes de naturezas distintas, um regime textualizante, que se materializa no encadeamento de enunciados no interior do quadro mais geral dos múltiplos gêneros de discurso, e um regime aforizante que escapa ao regime usual da oposição entre frase e texto. A frase é constituinte de um texto, a aforização escapa à textualidade.

A descontextualização das aforizações é acompanhada, portanto, por uma opacificação de sentido e, consequentemente, pela exigência de um trabalho interpretativo por parte do leitor/coenunciador. A problemática das aforizações, das chamadas *Frases sem texto*, título de livro publicado aqui em 2014, coloca várias questões: dizer "uma frase" é a mesma coisa quando ela faz parte de um texto ou quando ela é destacada? Quem fala neste caso? E a quem? Como se constrói a interpretação de frases que não são consideradas na continuidade de um texto? A mídia contemporânea é grande consumidora das chamadas frases sem texto, as quais, por serem interpretadas em um momento e espaço público dados, ajudam a construir questões políticas e sociais. Daí a importância de interpretá-las, particularmente quando a temática está relaciona-

da a trabalho. Traçar a trajetória das "frases sem texto" no interior do interdiscurso permite trazer à tona retomadas que perpassam uma série de textos, permite depreender efeitos de sentido nos discursos que tais frases fazem circular, cristalizando determinados posicionamentos em detrimento de outros.

Abordagem Ergológica

Passo agora à abordagem ergológica, desenvolvida por pesquisadores que integram, atualmente, a Sociedade Internacional de Ergologia - SIE, uma equipe pluridisciplinar liderada pelo filósofo Yves Schwartz.² A Ergologia não é uma disciplina que vem se justapor às demais; ela não é nem a ciência do trabalho, nem as ciências das atividades humanas, que teria por ambição "dizer a verdade" no lugar, por exemplo, da Medicina, da Sociologia, da Economia, das Ciências da Linguagem, da Educação ou do Trabalho Social. Essencialmente, a abordagem ergológica propõe dois princípios inseparáveis: (I) a formalização de um modo de produção de conhecimento das atividades humanas, notadamente do trabalho, e (II) o reconhecimento de que este modo de produção de conhecimentos é transformador de situações concretas.

O modo de produção do conhecimento proposto pela Ergologia baseia-se sobre o diálogo e/ou a confrontação entre os saberes elaborados pelas disciplinas acadêmicas, também designados "saberes instituídos", e os saberes construídos pelos diversos protagonistas no cotidiano de suas atividades de trabalho, os "saberes investidos". Da confrontação desses saberes decorre seu caráter pluridisciplinar. Não se trata de negar, recusar, rejeitar

² Yves Schwartz: é ex-aluno da École Normale Supérieure, Professor da Filosofia na Universidade de Provence, membro do Instituto Universitário da França, publicou inúmeros artigos e livros, entre eles *Travail et Philosophie: convocations mutuelles* (Toulouse, Octarès Éditions, 1994) e *Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe* (Toulouse: Octarès Éditions, 2000). (Nota da IHU On-Line)

os conhecimentos das disciplinas acadêmicas, mas de colocá-las em debate com aquilo que podem dizer os protagonistas sobre a maneira pela qual eles exercem sua atividade. Tal tipo de pluridisciplinaridade se constrói pela aceitação de que os conhecimentos de uma disciplina podem ser perturbados por saberes que não fazem parte dessa disciplina. É, em substância, aquilo que Georges Canguilhem³ denominou “as matérias estranhas”. Pode-se dizer, portanto, que a abordagem ergológica é um dos modos de reflexão referentes à produção de conhecimentos sobre todas as atividades humanas socializadas. Ela é, então, suscetível de abranger todas as disciplinas acadêmicas que a tomam por objeto, considerando dois princípios fundadores que permitem estudá-las do “ponto de vista da atividade”: (I) a atividade é sempre o lugar de um “debate de normas” e nesse debate de normas, na “renormalização das normas antecedentes”, saberes são produzidos sobre a própria atividade, isto é, os “saberes investidos”, baseados na experiência e postos em diálogo com os “saberes instituídos”, aqueles provenientes das normas; (II) esses saberes investidos na atividade só podem ser verbalizados pelos próprios protagonistas.

O segundo princípio implica a dimensão transformadora da abordagem ergológica. Para explicitá-la retomo a afirmação de Louis Durive: atrás do ‘trabalhador conforme’, isto é, conforme aquilo que é prescrito, há sempre ‘trabalhar de outro modo’, mesmo se esse trabalhar é mascarado, apagado pelo

³ **Georges Canguilhem** (1904-1995): filósofo e médico francês. Especialista em epistemologia e história da ciência, publicou obras importantes sobre a constituição da biologia como ciência, sobre medicina, psicologia, ideologias científicas e ética, notadamente *Le normal et le pathologique* e *La connaissance de la vie*. Discípulo de Gaston Bachelard, inscreve-se na tradição da epistemologia histórica francesa e terá uma notável influência sobre Michel Foucault. Sua tese principal é de que a vida não pode ser deduzida a partir de leis físico-químicas, ou seja, é preciso partir do próprio ser vivo para compreender a vida. Assim, o objeto de estudo da biologia é irreduzível à análise e a decomposição lógico-matemática. (Nota da **IHU On-Line**)

resultado do trabalho. É no “trabalhar de outro modo” que residem as “reservas de alternativas”, as fontes de transformações, que estão na própria atividade. Mas elas são mascaradas e opacificadas, o que nos impede de compreender o que é exatamente a atividade de trabalho.

IHU On-Line - A interface trabalho e linguagem tem sido um dos temas de interesse da área da linguística aplicada. Quais são os principais eixos de estudos sobre o assunto?

Maria Cecília Pérez de Souza e Silva - Tal interface é recente e ainda causa algum estranhamento. É comum ouvirmos a seguinte questão: qual a relevância de se convocar a Linguística Aplicada a pensar o trabalho se existem disciplinas como a Psicologia, a Sociologia, a Economia, entre outras, que, ao longo da história, têm escolhido esse tema como objeto de investigação? Quando, na história dos estudos da linguagem, encontramos pesquisadores interessados no trabalho? Podemos citar como exemplo os etnolinguistas - que descreveram algumas práticas ligadas a diferentes ofícios, como a colheita com o objetivo de compreender globalmente os homens, as línguas e suas práticas culturais -, mas só mais recentemente começa a se constituir, em nossa área, um corpo de conhecimento sobre o assunto, que vem assinalar a contemporaneidade das relações linguagem/trabalho.

Vou restringir-me aos estudos desenvolvidos na França, que conheço mais de perto. Desde a década de oitenta, duas equipes interdisciplinares têm se debruçado sobre o assunto: *Langage et Travail* e *Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail*. A primeira surgiu da reunião de um grupo de pesquisadores de diferentes universidades e diferentes áreas, sociólogos, linguistas e cientistas das organizações, interessados pelas relações entre as ciências sociais do trabalho e as ciências da linguagem. O segundo foi formado por uma equipe uni-

versitária, na Université de Provence/Aix-Marseille que, ao se ver confrontada com os paradoxos do trabalho, criou um novo regime de produção de saberes, associando trabalhadores de diversos setores e pesquisadores de diferentes disciplinas. Essa experiência deu início a Diplomas Universitários (DU), a cursos de Especialização (DESS) e ao Mestrado (DEA) em Ergologia.

Na esteira desses grupos, na década de noventa, investigações começaram a se delinear no Brasil na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro - PUC-Rio e Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, formalizadas por meio de acordo bilateral (Capes-Cofecub) entre, de um lado, essas três universidades e, do lado francês, a Université de Provence e a de Rouen. Tal convenção foi coordenada conjuntamente por mim e por Daniel Faita. Surgiu, nessa época, nosso grupo de pesquisa, Atelier Linguagem e Trabalho, há algum tempo credenciado pelo CNPq, que deu origem ao GT (ANPOLL) Linguagem, Enunciação e Trabalho. Enquanto as pesquisas na França estão direcionadas para o estudo das práticas languageiras em situação de trabalho *stricto sensu*, aquelas desenvolvidas por nosso grupo levam em conta também os discursos sobre o trabalho. Estão aí delineados dois eixos de pesquisa.

IHU On-Line - A linguagem pode se transformar em um dispositivo de poder no mundo do trabalho? De que forma?

Maria Cecília Pérez de Souza e Silva - Responder a essa questão implica reflexões acerca da circulação das normas em uma empresa/instituição, motivo pelo qual recupero pontos importantes do *Manifesto por um ergoengajamento*. Sabe-se que as normas decorrem de um patrimônio universal da humanidade e de capitalizações da experiência histórica humana: constituições, leis, regulamentos que progressivamente construíram as sociedades de direito. Sabe-se

também que, com a evolução das civilizações, a codificação das normas ganha cada vez mais terreno. Em situação de trabalho, tais normas antecedentes, designação dada por Schwartz, enquadraram, antecipam, predeterminam as atividades a serem realizadas e apresentam-se como uma combinação de conquistas porque tendem a unificar os coletivos de trabalho, a tornar possível a vida em conjunto. Mas as normas podem ser opressoras - e aqui respondo sua pergunta - quando funcionam como ferramentas para a construção de relações de força a fim de garantir poder, dominação, vantagens adquiridas, funcionando, muitas vezes, como instrumentos de exploração industrial, jurídica, econômica. Comportam também um grande risco, se consideradas como um fim em si, como um poder de antecipação absoluto, como uma tentativa de simplificar a atividade humana, ou seja, de prepará-la de tal forma pelos outros de modo que os trabalhadores, aqueles que deveriam executá-la, não teriam de pensar.

Há alguns anos realizamos pesquisa em uma multinacional, que abriu a oportunidade para que pudéssemos analisar a linguagem em três diferentes situações e com diferentes grupos de interlocutores. Pudemos, então, depreender o encontro entre normas, renormalizações e debate de valores, um dos modos ao qual Schwartz recorre para explicitar sua concepção de atividade de trabalho. Viver em saúde pressupõe que o trabalhador nunca se torne puro instrumento de injunções, de trajetórias previamente pensadas pelo meio, previamente pensadas por outros. Pressupõe renormalizar, receber as normas a sua maneira, ter um ponto de vista sobre elas. A compreensão das normas e renormalizações passa pela linguagem.

IHU On-Line - Que contribuições as pesquisas sobre linguagem e trabalho, dentro da perspectiva enunciativo-discursiva e ergológica, podem trazer para o desenvolvimento das relações laborais?

Maria Cecília Pérez de Souza e Silva - As contribuições segundo as perspectivas mencionadas se dão a ver também por meio dos procedimentos metodológicos, entre eles, o da autoconfrontação, que coloca vários discursos em circulação e permite depreender as normas e renormalizações que caracterizam diferentes atividades de trabalho, entre elas, a de um estagiário técnico do ensino médio e de outros dois atores sociais nela envolvidos, supervisor e orientador de estágio. Trata-se de investigação desenvolvida por pesquisador de nosso grupo, Fábio Fonseca, que busca depreender e analisar os diferentes discursos em circulação (I) o das normas/prescrições referentes à atividade de estágio, em nível federal e institucional; (II) o do manual de rotinas; (III) a entrevista com a estagiária; (IV) os discursos resultantes da observação da atividade da qual participaram estagiária e supervisor; (V) entrevista envolvendo estagiária/supervisor/orientador de estágio; (VI) enfim, a autoconfrontação simples com a estagiária. Procedimento esse que tem como princípio fazer da atividade passada do trabalhador - registrada e editada em vídeo - o objeto especial de sua atividade presente, isto é, organizar o diálogo entre discursos e atividades pertencentes a esferas disjuntas, tendo em vista a construção conjunta - trabalhador/pesquisador - de conhecimento sobre a atividade desenvolvida, fator de desenvolvimento para ambos.

Estamos, então, diante de uma das proposições da Ergologia: a distância entre as normas, as prescrições e a atividade realizada é universal e se explica em decorrência da variabilidade das situações. Embora universal, é impossível prevê-la porque é sempre parcialmente ressingularizada. Conhecê-la, ao menos em parte, implica ir a campo e estar atento aos vários discursos que circulam em cada situação, com ênfase na verbalização do trabalhador. Esse é um dos ganhos de nossas pesquisas.

IHU - Do que se trata o conceito de "capabilidade"? Como esse conceito se articula com a linguagem e que papel desempenha nas análises sobre desenvolvimento? Que papel tem a linguagem na ampliação das "capabilidades" dos indivíduos?

Maria Cecília Pérez de Souza e Silva - Falar em "capabilidade" implica retomar Amartya Sen,⁴ Prêmio Nobel de economia (1998), segundo o qual a riqueza medida pelo Produto Interno Bruto - PIB não representa uma referência satisfatória para avaliar o desenvolvimento humano. O economista desloca o espaço de análise para aquilo que ele chama de "capabilidades" (noção central em sua obra - uma fusão de capacidade e liberdade) dos indivíduos, isto é, as possibilidades, liberdades, de fazer escolhas sociais. Os bens econômicos passam a ter outra significação, a atenção se direciona para as liberdades que surgem dos bens e não para os bens propriamente ditos. Longe de ser uma simples questão de renda, a desigualdade, que pode ser muito grande, mesmo no interior de países ricos, deve ser medida de modo estendido em termos da privação de "capabilidades". A medida do PIB por habitante em paridade com o poder de compra não é mais considerada como suficiente para analisar as desigualdades. Agregam-se outros dados fundamentais - a esperança de vida ao nascer, as taxas de alfabetização de adultos - combinadas às taxas de escolarização. Obtém-se então o Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, julgado mais pertinente que a simples medida da renda, desenvolvimento este que traduz um processo de ampliação das escolhas.

⁴ **Amartya Sen** (1933): Economista indiano autor do livro *Desenvolvimento com liberdade* (São Paulo: Cia das Letras, 2000). Em 1998, a Real Academia da Suécia conferiu o prêmio Nobel de Economia a Sen "por devolver uma dimensão ética ao debate dos problemas econômicos vitais". Foi galardoado com o prêmio em memória de Alfred Nobel das Ciências Econômicas, pelas suas contribuições ao *Welfare Economics*. Confira a entrevista *Amartya Sen e uma nova ética para a economia* publicada na edição 175 da IHU On-Line, de 10-04-2006. (Nota da **IHU On-Line**)

Desenvolvimento

Essas capacidades, diz Amartya Sen, podem ser aumentadas pelas políticas públicas, mas, por outro lado, as capacidades participativas do povo também podem influenciar o direcionamento a ser dado pelas políticas públicas. A avaliação do desenvolvimento de uma sociedade deve levar em conta, primordialmente, as liberdades das quais seus membros desfrutam.

Do ponto de vista da linguagem, a promoção do desenvolvimento de diferentes formas de "letramento", que permitem aumentar as "capacidades" do indivíduo, vem ampliar as proposições de Amartya Sen. Sabe-se que não há iletrados definitivos, mas pessoas que podem sair dessa situação de diferentes maneiras, independentemente de sua idade, em função de suas atitudes, sua situação, da formação que lhes é proposta, da maneira pela qual o meio reconhece e valoriza a aquisição de suas novas competências.

Sabemos, ainda, segundo as palavras dos pesquisadores ligados à Ergologia, que "não se pode (...) tratar dos problemas de desenvolvimento sem prestar atenção renovada à atividade de trabalho. A Ergologia se propõe a dar maior visibilidade àquilo que se realiza nessa atividade, o que exige que o desenvolvimento incorpore a cultura produzida pelo coletivo humano, de tal maneira que essa produção possa ser reconhecida como parte das normas organizadoras do processo de desenvolvimento previsto pelas políticas locais e globais. Integrar as renormalizações no trabalho como parte do acervo cultural de um grupo constitui, igualmente, uma das formas de aumentar as "capacidades" do homem no mundo e, portanto, de promover o desenvolvimento. Assim, a concepção de desenvolvimento como liberdade, que consiste em reforçar ou aumentar as capacidades dos indivíduos de uma sociedade, tal como formulada por Amartya Sen, é compatível com os esforços dos estudos ergológicos e

da linguagem em trazer à tona o que efetivamente se concretiza na atividade de trabalho. Pensar em "capabilidade", isto é, no binômio liberdades/capacidades, implica a relação linguagem/ergologia. Esta relação não dissocia as capacidades de seu contexto sócio-histórico: ao contrário, preocupa-se em ancorá-las fortemente nas microdecisões que intervêm nas situações mais gerais.

IHU On-Line - Tendo em vista a importância do domínio da leitura nas relações laborais, seria possível incorporar no treinamento de colaboradores essa questão especificamente direcionada para o trabalho? Isso seria benéfico? De que forma poderia ser operacionalizado?

Maria Cecília Pérez de Souza e Silva - Vou passar mais rapidamente por essas duas questões que retomam, em parte, o que já foi falado. Diante da proposta de avaliar "capacidades" que significam liberdade, e, portanto, têm impacto no desenvolvimento, o letramento discursivo possibilita liberdade de decisão e de participação na vida em sociedade. A privação, ainda que relativa, de conhecimento da linguagem pode resultar em privação de desenvolvimento de "capacidades". Não pressupomos, à semelhança de outros autores, efeitos universais do letramento, mas desdobramentos ligados às práticas sociais e culturais dos diferentes grupos que utilizam a escrita, em nosso caso, nas atividades de trabalho. Aumentar a capacidade de letramento do trabalhador melhora sua autoestima, reforça a referência com o grupo ao qual pertence, e reflete-se nas escolhas efetuadas pelo grupo.

Polissemia

Para aprofundar a questão do letramento e avançar outras etapas, propomos a modalidade que estamos designando como "letramento discursivo", isto é, aquele que se baseia nos pressupostos da análise do discurso, segundo os quais,

retomo aqui Possenti,⁵ a língua é polissêmica e opaca, o sujeito diz sempre mais, menos ou outra coisa em relação ao que queria dizer (em virtude dos efeitos da ideologia, do inconsciente) e as condições de produção carregam ingredientes contraditórios. Além disso, a análise do discurso propõe que a língua tem uma ordem própria, ordem essa que é posta a funcionar segundo o processo discursivo delimitado por certa conjuntura. Portanto, o sentido não é da ordem da língua, antes decorre dos posicionamentos discursivos que por sua vez são de ordem sócio-histórica. Assim, embora a língua seja a mesma para diversos enunciadores, o sentido do que dizem pode não sê-lo porque isso decorre de fatores que não são da ordem da língua, portanto o mesmo enunciado pode ter sentidos diferentes se pertencerem a posicionamentos discursivos diferentes.

Entra aqui a problemática das "frases sem texto", que circulam na grande mídia. E por que não discutí-las com grupos de trabalhadores? Aparentemente, tais frases só resumem os acontecimentos do dia e da semana, estampados nas principais páginas dos jornais, revistas. Mostrar que tais frases resultam de outros discursos, demarcam posicionamentos, supõe tratá-las discursivamente.

Finalmente, sua última questão me faz pensar na possibilidade de propor oficinas de leitura para trabalhadores. Tenho experiência em ensino de línguas para fins específicos: dei aula, coordenei e ainda coordeno cursos de leitura e produção de textos acadêmicos. Também já o fiz, há alguns anos, para empresas. Poderia aproveitar essa experiência e pensar em leitura e produção direcionada para o trabalho. É uma forma de operacionalizar o letramento discursivo para fins laborais. ■

⁵ **Sirio Possenti:** Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, fez mestrado e doutorado em Linguística na Universidade Estadual de Campinas. Atua em diversas áreas da Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, principalmente na sub-área da Análise do Discurso, em especial nos campos do humor e da mídia. (Nota da **IHU On-Line**)

O desafio da aquisição de segunda língua numa sociedade multilíngue

Johannes Wagner reflete sobre aprendizagem de línguas adicionais num contexto que envolve a mediação por dispositivos eletrônicos e outras influências

Por Leslie Chaves e João Vitor Santos | Tradução: Moisés Sbardelotto

Para o professor Johannes Wagner, “não é o meio que faz a diferença, mas sim a pedagogia da língua que está por trás dele. Obviamente, os instrumentos eletrônicos podem promover acréscimos muito valiosos para os “aprendentes” de línguas. No entanto, se as novas mídias simplesmente copiam os textos e os formatos dos exercícios dos livros escolares tradicionais, não se ganha muita coisa”. Ou seja, é preciso pensar a instrumentação eletrônica como novas formas de mediação, tomando como verdadeiramente importante a forma como se vai ensinar, isto é, a pedagogia. Na entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, o pesquisador reflete sobre a influência desses meios entre os desafios no aprendizado de uma segunda língua.

O campo de estudo de Aquisição de Segunda Língua - ASL também foi discutido pelo professor. Ele distingue esse campo daquele da Aprendizagem em

Língua Estrangeira. Segundo Wagner, na ASL, “as pessoas que querem aprender a língua vivem na sociedade da nova língua. Na Aprendizagem de Língua Estrangeira, a relação com a nova língua sempre será mediada, tradicionalmente, pelos livros, mas também pela internet”.

Johannes Wagner é professor de Linguagem e Comunicação na Universidade do Sul da Dinamarca. Tem sua formação principal em Linguística e Ciências Sociais e desenvolve pesquisas centradas nas relações entre linguagem, ação e atribuição de sentido. Suas pesquisas focam questões relacionadas à aprendizagem de línguas adicionais a partir, principalmente, da Análise da Conversa. Pesquisas atuais do professor envolvem também projetos conjuntos com engenheiros, designers, antropólogos e administradores interessados em investigar “inovação” fomentada pelo usuário.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor avalia atualmente o campo de estudos em Aquisição de Segunda Língua - ASL¹?

1 Aquisição de Segunda Língua (ASL): o interesse sobre o estudo de como são aprendidas as línguas estrangeiras intensificou-se após a década de 1960, em grande parte porque fenômenos como a globalização e o advento da Internet impulsionaram o estudo de tais línguas pela necessidade de um maior intercâmbio entre os povos. Para referir-se a tais estudos, cunhou-se o termo Aquisição de Segunda Língua. O termo ‘segunda’ não restringe tal estudo apenas às línguas estrangeiras aprendidas em consequência de uma vivência no exterior, ou seja, no país onde

Johannes Wagner - O nosso papel, em meados dos anos 1990 - e havia artigos de outros colegas sobre esse assunto -, foi defender uma nova orientação na Aquisição de Segunda Língua - ASL. Isso obteve sucesso. Hoje, as abordagens sociais à aprendizagem de segun-

aquela língua é língua 1; língua 2 remete genericamente a qualquer língua estrangeira. Pode-se definir aquisição de segunda língua como a forma pela qual as pessoas aprendem outras línguas que não a sua primeira língua, dentro ou fora de sala de aula e Aquisição de Segunda Língua como o estudo de tal ocorrência. (Nota da **IHU On-Line**)

da língua estão bem estabelecidas como um subcampo da ASL. A virada social não mudou o campo da ASL, mas acrescentou elementos a ela e hoje é mais aceita na ASL, e também influenciou outras abordagens mais orientadas à psicolinguística.

IHU On-Line - Como o campo de estudos em Aquisição de Segunda Língua pode contribuir para o desenvolvimento dos sistemas de ensino-aprendizagem de língua estrangeira?

Johannes Wagner - Eu acho que o campo da ASL pode dar ideias e modelos para a Aprendizagem de Língua Estrangeira, mas as condições para ambas são muito diferentes, e existem diferenças significativas. Na ASL, as pessoas que querem aprender a língua vivem na sociedade da nova língua. Na Aprendizagem de Língua Estrangeira, a relação com a nova língua sempre será mediada, tradicionalmente, pelos livros, mas também pela internet.

IHU On-Line - Quais são as diferenças entre os processos de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, de aquisição da língua através de um recurso eletrônico (como a Internet) e a partir de contextos de fala-em-interação, face a face?

Johannes Wagner - É difícil de responder a essa questão em termos gerais. Não é o meio que faz a diferença, mas sim a pedagogia da língua que está por trás dele. Obviamente, os instrumentos eletrônicos podem promover acréscimos

muito valiosos para os “aprendentes” de línguas. No entanto, se as novas mídias simplesmente copiam os textos e os formatos dos exercícios dos livros escolares tradicionais, não se ganha muita coisa.

IHU On-Line - Em alguns de seus escritos, o senhor critica as pressuposições a respeito do comportamento e da competência dos falantes nativos e não nativos, tomadas como base em algumas pesquisas que acabam desconsiderando os diferentes contextos construídos em cada interação. Como o senhor avalia que deve ser uma análise do processo de Aquisição de Segunda Língua que dê conta dessas particularidades?

Johannes Wagner - Ao menos onde eu vivo, a sociedade é multilíngue, e o falante nativo tornou-se uma ficção. Talvez, devêssemos falar de “locais” e “recém-chegados”. Mas, então, novamente, depende do que estamos falando. As atividades de aprendizagem na vida cotidiana dos recém-chegados é algo de que

sabemos muito pouco, e o meu interesse é colocar o microscópio sobre as maneiras pelas quais os “aprendentes” de línguas desenvolvem práticas para usar e adquirir novas partes da segunda língua como uma forma de ser capaz de fazer novas coisas.

IHU On-Line - Dentro desse pensamento que considera as especificidades da realidade social da comunicação entre as pessoas, o senhor debate algumas dicotomias importantes apresentadas no campo de estudos da ASL, como a oposição entre as categorias de aprendiz e não aprendiz, e entre os conceitos de uso e aquisição da língua. É possível demarcar limites entre essas concepções?

Johannes Wagner - Pergunta interessante. Certamente, há uma grande sobreposição entre certas formas de sociolinguística e a virada social na ASL. Uma das questões é que há boas razões - e agora também bons modelos - para abandonar a diferença entre uso e aprendizagem. ■

ihu.unisinos.br

188 visualizações • 6 meses atrás

Apresentação Marilene Maia - II Seminário... 1.099 visualizações • 2 anos atrás

Prof. Dr. Umberto Galimberti - O ser humano... 630 visualizações • 4 meses atrás

Ética, Memória, Esperança. Uma perspectiva de triunfo da Justiça e da Vida 1:12:31

Adriano Correia mal radical e a... 11 meses atrás

A técnica como segunda natureza humana no... 483 visualizações • 11 meses atrás

Foucault além de Foucault: uma política da Filosofia... 395 visualizações • 11 meses atrás

Conservadora: impactos... 328 visualizações • 11 meses atrás

Acompanhe nosso canal do Youtube
[youtube.com/IHUComunica](https://www.youtube.com/IHUComunica)

Siga nossas Redes Sociais

Facebook

Twitter

Blog

Instagram

 bit.ly/ihuon
 twitter.com/_ihu

 instagram.com/_ihu
 unisinos.br/blogs/ihu

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em
Revista**

Agenda de Eventos

Confira os eventos que ocorrem no Instituto Humanitas Unisinos - IHU de 16-06-2015 até 26-06-2015.



IHU ideias – As agendas globais para a Saúde e o Desenvolvimento sustentável, e nós...

Conferencista: Profa. Dra. Maria Inês Azambuja - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1GCma3s>

Oficina – Atlas do Desenvolvimento Humano: perspectivas do Vale do Sinos e Região Metropolitana de Porto Alegre

Ministrantes: Liane Rose Reis Garcia Bayard das Neves Germano, Rodrigo Rodrigues Rangel e Rodrigo Coster - IBGE

Horário: 14h às 17h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1Mw6Nrx>



IHU ideias – Gênero e políticas públicas: a feminização da inclusão social

Conferencistas: Profa. Dra. Maria Cláudia Dal'igna - UNISINOS e Profa. Dra. Dagmar Estermann Meyer - UFRGS

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1QtBbt6>

**LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA
NO SITE DO IHU**

WWW.IHU.UNISINOS.BR

ENTREVISTA DE EVENTOS

As mazelas das cidades e as doenças urbanas

Para a médica Maria Inês Azambuja, o verdadeiro desenvolvimento sustentável dos grandes centros oferece espaços dignos, qualidade de vida e promoção da saúde de seus habitantes

Por João Vitor Santos

Quem mora mal, vive mal e adocece. A constatação é elementar e traz pouca novidade. Porém, a médica Maria Inês Azambuja apresenta a ideia de saúde urbana como algo mais amplo. Na sua percepção, não é só a falta de coleta de esgoto e lixo e de moradias em estado precário que fazem as pessoas adoecerem. Falta de escola, condições dignas de trabalho, oferta de alimento saudável a preço acessível e até mesmo falta de espaços públicos para convivência e lazer podem levar as pessoas a enfermidades. É como se o mal das grandes cidades, e todo estresse desta forma de vida, trouxesse as doenças urbanas. “Nossas principais cidades cresceram em 50, 60 anos o que as cidades europeias cresceram em 100. Com o agravante de que, a partir da década de 1980, enfrentamos pelo menos 20 anos de estagnação econômica, com taxas de natalidade ainda elevadas. Não surpreende então o enorme déficit de infraestrutura física e de desenvolvimento social que persiste em nossas cidades, com grande desigualdade espacial (segregação urbana). O resultado é mais adoecimento e mortes”, conclui, ao defender o conceito de saúde urbana.

Maria Inês detalhará este conceito em conferência no IHU ideias da próxima quinta-feira, dia 18-06-2015. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, a médica antecipa pontos de sua palestra “As agendas globais para a Saúde e o Desenvolvimento sustentável, e nós...”. E o ponto central para a pesquisadora é o de que desigualdade social não pode ser combatida com mais serviços de saúde. “É preciso ir à raiz do problema e corrigir as causas (a pobreza e a segre-

gação social). Para corrigir as causas, é preciso ir ainda mais além e discutir e enfrentar a causa das causas, ou seja, as relações de poder que, em nosso caso, fazem do Brasil ao mesmo tempo uma das maiores economias do mundo e um dos campeões de desigualdades sociais.” Para ela, o caso do retorno da dengue, por exemplo, é mais do que um problema de saúde. “Necessita intervenção intersetorial e participação ativa das comunidades. O que não se restringe a esvaziar os potinhos de água dentro de casa. Requer modificar os espaços urbanos de forma a melhorar as condições de habitação e evitar o acúmulo de lixo nas vias públicas e em terrenos abandonados e áreas verdes.”

Maria Inês é graduada em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com Residência em Medicina Interna, mestrado em Epidemiologia pela Universidade da Califórnia, Los Angeles, e doutorado em Medicina - Clínica Médica, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Foi sanitarista do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, aposentada em junho de 2009. Tem experiência na área da epidemiologia de doenças cardiovasculares/promoção da saúde do adulto, e saúde do trabalhador. É ex-colaboradora no PPG-Epidemiologia da UFRGS. Atualmente, é professora adjunta em regime de dedicação exclusiva no Departamento de Medicina Social da UFRGS.

Maria Inês Azambuja apresenta a palestra **As agendas globais para a Saúde e o Desenvolvimento sustentável, e nós...** na próxima edição do IHU ideias no dia 18-06-2015, a partir das 17h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - No que consiste a ideia de saúde urbana e como pode/deve ser implementada?

Maria Inês Azambuja - Há um diálogo em uma série da PBS¹ de 2008 que trata de desigualdades sociais e a saúde, chamada "Unnatural causes: Places matter", que eu gosto de reproduzir, porque acho que explica bem a nossa perspectiva sobre a ideia de saúde urbana:

[...] - *Blackwell: A primeira coisa necessária é reconhecer que onde você vive impacta na sua saúde. Que o ambiente na comunidade, o ambiente social e o econômico juntos, determinam se teremos ou não uma existência saudável.*

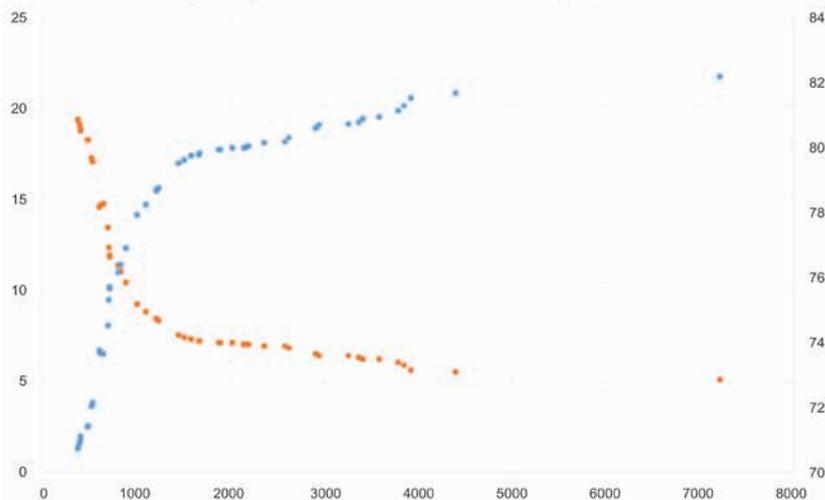
[...] - *Williams: Isto significa que política de habitação é política de saúde. Educação é política de saúde. Política antiviolência é política de saúde. Políticas de melhorias nos bairros são políticas de saúde. Tudo que nós fizemos para melhorar a qualidade de vida dos indivíduos na sociedade tem impacto na sua saúde e é política de saúde.*

Nossa urbanização foi muito mais rápida e intensa do que a urbanização na Europa nos séculos XVIII e XIX. Nossas principais cidades cresceram em 50, 60 anos o que as cidades europeias cresceram em 100. Com o agravante de que, a partir da década de 1980, enfrentamos pelo menos 20 anos de estagnação econômica com taxas de natalidade ainda elevadas. Não surpreende então o enorme déficit de infraestrutura física (habitação, saneamento, transporte) e de desenvolvimento social (educação, qualificação profissional, trabalho, renda, segurança, saúde) que persiste em nossas cidades, com grande desigualdade espacial (segregação urbana). O resultado é mais adoecimento e mortes onde há mais pobreza, más condições de habitação, pouco estudo formal...

¹ Public Broadcasting System, um sistema público de transmissão de conteúdos em vídeo (como séries e programas) disponível em www.pbs.org/unnaturalcauses. (Nota da entrevistada)

Renda e Saúde

Longevidade (azul) e Mortalidade infantil (verm) X médias de Renda per capita nas 335 UDHS de Porto Alegre, 2010



Em 2014, O PNUD² lançou o mapa metropolitano de desenvolvimento social. Em dezembro de 2014, o PNUD lançou o Atlas Metropolitano de Desenvolvimento Social que, a partir dos censos do IBGE de 2000 e 2010, possibilita o acesso facilitado a indicadores sociodemográficos de desenvolvimento humano municipal (IDHMs) desagregados para microáreas socialmente mais homogêneas (unidades de desenvolvimento humano - UDHS) dos municípios de cada uma das Regiões Metropolitanas do Brasil. O mapa abaixo representa a associação espacial entre médias de renda per capita e indicadores de saúde (mortalidade infantil e longevidade) em 335 microáreas de Porto Alegre³.

² Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD): oferece aos parceiros apoio técnico, operacional e gerencial, por meio de acesso a metodologias, conhecimentos, consultoria especializada e ampla rede de cooperação técnica internacional. Com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento humano, o combate à pobreza e o crescimento do país nas áreas prioritárias, o PNUD Brasil tem a constante missão de buscar alinhar seus serviços às necessidades de um país dinâmico, multifacetado e diversificado. Os projetos são realizados em parceria com o Governo Brasileiro, instituições financeiras internacionais, setor privado e sociedade civil. (Nota da **IHU On-Line**)

³ Por questões metodológicas, a mesma renda média per capita foi atribuída a mais de uma região socialmente similar, sempre que o número de residências precisasse ser agregado para estabilizar os dados. Assim, a mesma renda média per capita de 7.216,00

Quando a renda per capita cai abaixo de 1.500,00 reais em média na microrregião (ou seja, a segregação social com predomínio de pobres é muito alta), os dois indicadores de saúde sofrem uma transição impressionante.

Esta desigualdade não pode ser enfrentada apenas com mais serviços de saúde. É preciso ir à raiz do problema e corrigir as causas (a pobreza e a segregação social). E, como diz o professor Michael Marmot⁴, líder da Comissão de Determinantes Sociais da Saúde da Organização Mundial da Saúde, para corrigir as causas é preciso ir ainda mais além e discutir e enfrentar a causa das causas, ou seja, as relações de poder que, em nosso caso, fazem do Brasil ao mesmo tempo uma das maiores economias do mundo e um dos campeões de desigualdades sociais.

A Europa viveu a mesma situação que estamos vivendo hoje na metade do século XIX. No auge do movimento pela Reforma Médica de 1848, e em meio a epidemias de tifo e cólera, o médico alemão

foi atribuída a 8 microrregiões de renda mais alta e de 386,00 a 13 regiões de renda média per capita mais baixa. (Nota da entrevistada)

⁴ **Michael Marmot Gideon** (1945): professor de Epidemiologia e Saúde Pública na University College London. (Nota da **IHU On-Line**)

Rudolf Virchow⁵ já recomendava que, ao invés de mais médicos e mais hospitais, era necessário um programa de reconstrução social. Tal programa deveria incluir pleno emprego, salários mais altos, cooperativas de agricultura e educação universal. A ele é atribuída a frase: "A Medicina é uma ciência social, e a política nada mais é do que medicina em grande escala". Para fazer avançar a Saúde Urbana, precisamos então de mais política.

IHU On-Line - Como articular o desenvolvimento sustentável, associado à saúde e desenvolvimento econômico e social?

Maria Inês Azambuja - Novamente, podemos nos inspirar na Europa do século XIX. Vários estudiosos da Europa mostraram, à época, a associação entre pobreza e adoecimento, entre eles Edwin Chadwick (1800-1890)⁶, advogado, utilitarista e servidor público. Ele publicou em 1842 um grande estudo denominado *Report on the Sanitary Condition of the Labouring Population of Great Britain*. A partir deste estudo investiu em convencer as elites econômicas, técnicas e políticas, de que melhorar as condições de vida e de saúde da população era uma questão econômica, de Estado, já que a doença e a pobreza colocavam limites ao crescimento da Inglaterra.

No Brasil, este tipo de argumentação ainda sensibiliza pouco quem tem poder de produzir mudança (nossos financiadores de campanhas eleitorais). Mas estamos aparentemente entrando em um novo momento, por iniciativa de atores econômicos globais. Se por aqui ainda não entendemos que desenvolvimento social é bom para todos, os investidores globais já identificaram os investimentos em desenvolvimento de infraestrutura urbana

5 Rudolf Ludwig Karl Virchow (1821-1902): médico e político polonês. É considerado o pai da patologia moderna e da medicina social, além de antropólogo e político liberal (Partido Progressista Alemão e Partido Livre-Pensador Alemão). (Nota da IHU On-Line)

6 Edwin Chadwick (1800-1890): reformador social Inglês, conhecido por seu trabalho de reformar as leis dos pobres e melhorar sanitárias e condições de saúde pública. (Nota da IHU On-Line)

como um novo mercado. Como somos muito sensíveis ao discurso global, acredito que, em breve, estaremos todos mais abertos também aqui a propostas de reforma urbana e mais investimento social há muito necessários nas nossas cidades.

IHU On-Line - Quais os maiores desafios nos processos de formação e de trabalho em saúde urbana?

Maria Inês Azambuja - O principal desafio, me parece, é nossa dependência cultural. Nossa formação reproduz a fragmentação e especialização do conhecimento que existe nos países centrais, mas com muito baixo retorno em termos de inovação tecnológica – que seria o que lá a justifica. Copiamos então o modelo de formação (a ideologia), mas temos que importar toda a tecnologia (e pagar royalties).

Toda esta dependência tem sido acentuada por critérios impostos para a valorização dos nossos professores universitários, formadores das próximas gerações. Para ascender na carreira e em prestígio acadêmico, é preciso publicar em Inglês nas revistas do primeiro mundo. A pergunta que deveríamos nos fazer é: será que os interesses nacionais são os mesmos dos interesses de quem financia estas publicações? Ou acreditamos que a ciência é neutra?

IHU On-Line - Que doenças podem ser geradas (de forma mais direta) pelas desigualdades sociais?

Maria Inês Azambuja - Todas! Mostro no gráfico anterior como a mortalidade infantil é diferente nas áreas com renda média per capita diferente. Uma área socialmente segregada tem tudo o que há de ruim. Habitação é precária, falta urbanização, más escolas e professores desmotivados, falta de comércio local de alimentos saudáveis, falta de espaços de lazer (praças, cinemas, outros espaços de socialização), e por aí vai.

Nestes ambientes há maior incidência de diarreia, mais infecção

respiratória, mais asma, mais obesidade infantil, mais depressão, mais doenças crônicas, piores condições de trabalho e mais sequelas de acidentes, de partos mal feitos, de outros traumas maltratados. E, ainda, pior acesso aos serviços médicos de saúde.

IHU On-Line - Como entende o conceito de saúde preventiva?

Maria Inês Azambuja - Normalmente confundimos um pouco os conceitos de prevenção de doenças e promoção da saúde. Prevenção significa agir sobre algum fator para tentarmos evitar uma condição específica ou um grupo de condições. Por exemplo: vacinamos para prevenir doenças infecciosas, fazemos campanha contra o álcool para evitar acidentes de trânsito e campanhas contra o fumo para reduzir o câncer de pulmão (e outros) e as doenças do coração. Promoção da saúde é mais amplo: é favorecer que as pessoas tenham desenvolvimento pleno de seu potencial. Isto é, tenham um bom pré-natal para que o desenvolvimento fetal seja adequado, um parto bem atendido, uma alimentação e proteção adequadas e estímulo físico e intelectual na infância. Sabe-se que muitas das doenças crônicas dos adultos dependem das condições intrauterinas e da primeira infância dos bebês.

IHU On-Line - Quais são as doenças que mais afastam trabalhadores no Brasil? Como reverter esse quadro?

Maria Inês Azambuja - São as doenças osteomusculares e as doenças mentais. Com baixa qualificação, os trabalhadores têm muitas vezes apenas o corpo para vender. Na geração que hoje tem mais de 50 anos, muitos começaram a trabalhar ainda no campo, muito cedo na infância. Na geração mais jovem, a baixa escolaridade ainda joga muita gente para trabalhos braçais. O corpo não aguenta fazer muita força por muitos anos. Assim, temos um grande número de brasileiros com dor osteomuscular crônica que incapacita para o trabalho.

Também a falta de perspectiva, o trabalho sem conteúdo, o desemprego, a violência doméstica, a desilusão dos mais jovens com o que podem ganhar trabalhando. E ainda há aí fora o estímulo para consumir, a oferta de drogas e álcool. Todos esses fatores formam o caldo de cultura para a depressão, a ansiedade e o abuso químico.

IHU On-Line - Qual a sua avaliação sobre a saúde pública no Brasil hoje? Como reverter esse quadro?

Maria Inês Azambuja - Não há solução mágica. Creio que precisamos investir seriamente em reforma urbana e social e proteger as crianças. É delas que depende o futuro do país. Por isso, precisamos discutir nossa política universitária, para que ela converse com as políticas públicas e sociais a serem priorizadas no país, e valorizar o nosso Sistema Único de Saúde - SUS. Poucos países se propõem a oferecer cuidados de saúde sem custo na ponta. Sem o SUS, os custos do atendimento de doenças e acidentes seriam catastróficos inclusive para a classe média. Mas sabemos que antes disto precisamos de uma reforma política que aproxime nossos representantes oficiais de quem eles deveriam representar.

IHU On-Line - A dengue é um problema em todo o Brasil. Há alguns anos, havia sido erradicada do país. De que forma podemos entender a volta da doença? Quais as particularidades para combater a dengue hoje em comparação ao que foi no passado?

Maria Inês Azambuja - Até a década de 1970, epidemias de Dengue eram notificadas por apenas nove países, na maior parte no sudeste asiático. Mas, coincidindo com a urbanização acelerada da população na América Latina, a região passou a contribuir com o maior número de casos anuais da doença no mundo. No Brasil, estima-se que a reintrodução do mosquito transmissor ocorreu entre 1976 e 1977, acompanhando as mudanças sociais e ambientais relacionadas

à urbanização. Ocorreram grandes epidemias no país em 1986, 1990-91 e 1997-98, a cada vez que um novo tipo do vírus era introduzido.

Agora, temos acompanhado esta grande epidemia em São Paulo. O Sul esteve relativamente protegido pelo clima mais temperado. O Rio Grande do Sul só teve os primeiros casos autóctones (contraídos aqui) detectados em 2007, e, só em 2013, Porto Alegre teve mais casos autóctones do que importados. Por enquanto, os números agora ainda estão abaixo dos de 2013.

A dengue, como tantos outros problemas nas grandes áreas urbanas e metropolitanas, embora se expresse na área da saúde, não é um problema somente de saúde. Necessita intervenção intersetorial e participação ativa das comunidades. O que não se restringe a esvaziar os potinhos de água dentro de casa. Requer modificar os espaços urbanos de forma a melhorar as condições de habitação e evitar o acúmulo de lixo nas vias públicas e em terrenos abandonados e áreas verdes, que favorecem a reprodução do vetor.

IHU On-Line - O Brasil corre o risco de ver outras doenças, como ocorreu com a Dengue, voltarem? Quais doenças e o que deve ser feito para contê-las?

Maria Inês Azambuja - Quando há uma aglomeração grande de pessoas como nas nossas cidades – especialmente nas regiões metropolitanas – qualquer doença que aumente só um pouco se torna uma grande crise para o sistema de saúde. O próprio sistema não está dimensionado para atender nem a rotina. Todos os invernos temos relatos sobre a incapacidade das nossas emergências de darem conta daquilo que é cíclico, previsível: mais casos de doenças respiratórias e do coração. Então, qualquer epidemia de diarreia por norovírus (um vírus comum no verão), pode se tornar uma tragédia. Vírus respiratórios como o Influenza (vírus da gripe) sempre têm potencial para provocar número elevado de casos em período concentrado de

tempo. E é claro que outras epidemias mais graves podem acontecer, como foi o caso do cólera no Haiti depois do terremoto.

IHU On-Line - Como avalia o programa Mais Médicos? Em termos de política de saúde pública, qual seria uma alternativa viável ao programa?

Maria Inês Azambuja - Fui e sou contra o Programa. Temos um problema de formação na área da Saúde Pública: nunca nos perguntamos "Quanto custa?". Ou nos deixamos convencer por quem tem grande interesse econômico em nos vender algumas ideias, como, por exemplo, a de que priorizar o tratamento de pessoas saudáveis (com médicos e medicamentos para que elas não fiquem doentes), é mais barato que tratá-las quando adoecerem. Não acho que isto seja verdade, nem que possamos nos dar ao luxo de procurar pessoas com risco aumentado de doença (porque tem pressão alta e não sabe) quando não conseguimos ainda tratar as que já estão doentes (não enxerga porque tem catarata, tem sequela de acidentes de trânsito, precisa baixar por agravamento de doença crônica, tem câncer, etc.).

Este modelo que prioriza a atenção básica nos é imposto de fora, pela agenda global, que hoje preconiza a cobertura universal da população de todos os países, seja via sistema público, seja via seguro. A consequência é a medicalização de todos os problemas sociais – e, claro, na expansão do mercado mundial de medicamentos e equipamentos de saúde.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Maria Inês Azambuja - Possivelmente por ver a indústria biomédica faturando tanto em nossos países, há outras indústrias se organizando para disputar uma fatia dos nossos recursos. Vem aí a agenda do desenvolvimento sustentável pós-2015, agora focada em infraestrutura urbana e desenvolvimento social. Como vamos nos preparar para ela? ■

PUBLICAÇÕES

O poder judiciário no Brasil

Na edição de número 222, o *Cadernos IHU ideias* traz o artigo de Fábio Konder Comparato, professor emérito da Universidade de São Paulo - USP.

Em *O poder judiciário no Brasil*, Comparato questiona: A quem há de ser atribuída no Estado a função jurisdicional? Em razão do que, devem os titulares desse poder exercê-lo? É admissível que os órgãos judiciários atuem sem controles? Para o jurista, a resposta a tais perguntas fundamentais não pode ser feita no plano puramente teórico, sem uma análise concreta da realidade social em que se insere a organização política. É isso que busca neste artigo. Seu objetivo é definir, com base nesses elementos estruturantes, a característica própria da realidade social brasileira nos cinco séculos de sua formação histórica, para poder compreender, em seguida, a atuação dos órgãos judiciários dentro desse amplo contexto social, e concluir com uma proposta de mudança em função do bem comum.

Esta e outras edições dos *Cadernos IHU ideias* podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Também é possível acessar todas as edições através do link <http://bit.ly/1Fs8a9M>.

A versão digital do artigo de Fábio Konder Comparato está disponível em <http://bit.ly/1eYmrBm>. ■



Sala de Leitura

Leia as dicas de leituras de professores da Unisinos.

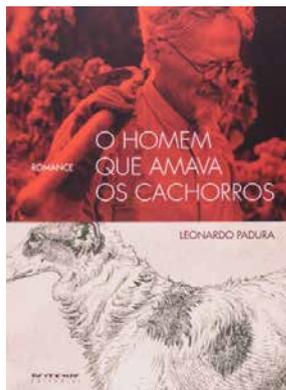
Dória, Carlos Alberto. *A Formação da culinária Brasileira: Escritos sobre a cozinha inzoneira.* São Paulo: Três Estrelas, 2014.

A leitura da formação da culinária brasileira para quem se interessa pela reflexão sobre o que, por que e quando comemos é de grande importância por diversos aspectos. O autor, o sociólogo Carlos Alberto Dória, é um dos teóricos brasileiros mais importantes na atualidade quando o assunto é alimentação. O livro é um apanhado de sete diferentes textos. Discute desde o mito da formação da culinária brasileira baseado nas cozinhas das etnias até a apresentação de uma nova classificação da cozinha brasileira ao levar em consideração uma matriz original. A obra ainda faz uma crítica à explicação das cozinhas brasileiras divididas por regiões geopolíticas e a prisão do marketing turístico, além de muitas outras questões interessantes.



Ágata Morena De Britto é coordenadora do Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia da Unisinos

78



Padura, Leonardo. *O Homem que amava os cachorros.* São Paulo: Boitempo, 2013.

O livro impressiona pela intensidade de uma narrativa que coloca em cena personagens históricos de uma União Soviética. Entre os personagens que povoam a história, dois se destacam por representar as contradições do socialismo: Joseph Stalin e Liev Davidovitch, ressignificado em Leon Trotski. O assassinato de Trotski, ocorrido no México em 1940, é reconstruído pelo autor, que traz à tona o enigmático e silencioso Ramón Mercader. No processo de dar identidade, infância, sentimentos e voz ao assassino de Trotski, o texto convoca o leitor a imergir numa forte trama policial, tensionada pelos preparativos de um crime político que impactaria o mundo do século XX, mas não revelaria as entranhas de sua articulação.

Apreciar o livro é como olhar para a tessitura de uma imensa teia de aranha e observar como a delicadeza dos fios ganha resistência à medida que encontram os pontos de contato e preparam a rede mortífera. Nessa teia, os cenários deslocam-se com seus personagens. Ler esse romance requer fôlego e vontade de rever fatos que, para muitos leitores, constituem-se como um arquipélago. Para saber quem é o homem que amava os cachorros, o texto exige do leitor um mergulho e um acordo de cavalheiros com o seu narrador para, enfim, acompanhar, no intrínseco jogo narrativo, percursos de um passado recente que se enlaçam em novas reflexões.

Adila Beatriz Naud de Moura é coordenadora do Curso de Letras da Unisinos

Retrovisor

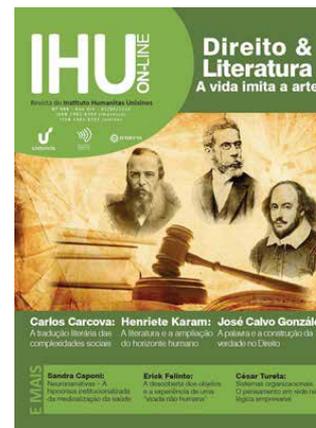
Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

Direito & Literatura. A vida imita a arte

Edição 444 - Ano XIV - 02-06-2014

Disponível em <http://bit.ly/1cO3Jee>

Na época, já há mais de seis anos, o programa de televisão Direito & Literatura discute, semanalmente, obras ficcionais tendo como horizonte a mútua relação do Direito e a Psicanálise. Daí surge a inspiração do tema de capa da revista **IHU On-Line** desta semana. Participam do debate o professor da Universidade de Málaga, na Espanha, José Calvo González, Henriete Karam, psicanalista e professora do doutorado em Estudos Literários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Carlos Maria Carcova, doutor em Direito e professor da Universidade de Buenos Aires - UBA, André Karam Trindade, professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Direito da Faculdade Meridional - IMED, entre outros nomes.



Linguagem. Uma construção constante

Edição 363 - Ano XI - 30-05-2011

Disponível em <http://bit.ly/1FVtEbl>

Debater questões da linguagem é o tema que norteia as entrevistas de capa desta edição da **IHU On-Line**. Contribuem para o debate Luiz Carlos Cagliari, Marcos Bagno, Carlos Faraco, Cátia Fronza, Conceição Paludo e Rita de Cássia Machado, Adriano Naves de Brito e Alfredo Culleton. Assim, a norma culta, a linguagem falada e a escrita em suas incessantes reinvenções e adequações são analisadas nesta revista.



Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil

Edição 275 - Ano VIII - 29-09-2008

Disponível em <http://bit.ly/1dzbXYg>

Em 29-09-2008, fazia 100 anos da morte de Machado de Assis, e o Instituto Humanitas Unisinos - IHU realizava o Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira: Machado e Rosa, com apoio dos Cursos de Letras e de Formação de Escritores e Agentes Literários e pelo PPG em Linguística Aplicada da Unisinos. O evento também celebrava o nascimento de Guimarães Rosa. Falar de Machado de Assis e Guimarães Rosa, como intérpretes do Brasil, é o tema que propomos como fio condutor desta edição da IHU On-Line.



Publicações

O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas

Ao analisar as particularidades do cristianismo e das teologias no continente americano, José Oscar Beozzo retoma as questões pastorais na história do cristianismo latino-americano.

Em torno deste eixo orbitam as reflexões da 93ª edição do Cadernos de Teologia Pública.

Leia mais em <http://bit.ly/1G7rgOP>.



Cadernos IHU Ideias O poder judiciário no Brasil

A edição 222 do Cadernos IHU ideias traz o artigo do professor da Universidade de São Paulo **Fábio Konder Comparato** sobre o poder judiciário no Brasil. "A quem há de ser atribuída no Estado a função jurisdicional? Em razão do que, devem os titulares desse poder exercê-lo? É admissível que os órgãos judiciários atuem sem controles?", provoca o autor.



Leia mais sobre este artigo na seção **Publicações** deste número da IHU On-Line ou no link <http://bit.ly/1dARcve>.

Eventos

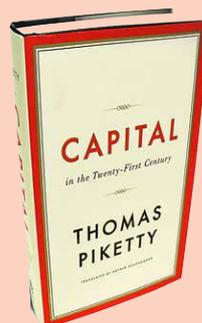
A justiça, a verdade e a memória na perspectiva das vítimas

O III Colóquio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e o VI Colóquio da Cátedra Unesco - Unisinos de Direitos Humanos e violência, governo e governança têm por objetivo propiciar a reflexão sobre as práticas de justiça em relação às vítimas. Neste marco, o evento se propõe a debater as diversas práticas de justiça em que a condição das vítimas que sofreram a injustiça é o referente ético, político e jurídico para pensar o justo. No colóquio serão analisadas as diversas práticas de justiça na perspectiva das vítimas, tais como a justiça transicional, a justiça restaurativa, a internacionalização da justiça, a justiça histórica, a justiça e o perdão, entre outras.

Saiba mais em <http://bit.ly/1G7qPE3>.

Ciclo de Estudos O Capital no Século XXI – uma discussão sobre a desigualdade no Brasil

Vive-se em um momento em que os níveis globais de desigualdade só têm aumentado, o que tem gerado o questionamento da tese de que o liberalismo econômico poderia resultar em uma sociedade mais igualitária. A partir do livro *O Capital no Século XXI* (Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014), do economista francês Thomas Piketty, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU realiza o **Ciclo de Estudos O Capital no Século XXI - uma discussão sobre a desigualdade no Brasil**.



Saiba mais em <http://bit.ly/1HzxGLT>.



twitter.com/_ihu



medium.com/@_ihu



youtube.com/ihucomunica



bit.ly/ihuon